

**FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**PAULO ROBERTO RÜCKERT**

**A VIDA SE AFIRMA PERANTE O CAOS:  
ESSA DINÂMICA É ABORDADA PELA MITOLOGIA  
E PESQUISADA PELA CIÊNCIA**

VITÓRIA  
2013

**PAULO ROBERTO RÜCKERT**

**A VIDA SE AFIRMA PERANTE O CAOS:  
ESSA DINÂMICA É ABORDADA PELA MITOLOGIA  
E PESQUISADA PELA CIÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Francisco de Assis Souza dos Santos.

VITÓRIA  
2013

Rückert, Paulo Roberto

A vida se afirma perante o caos / Essa dinâmica é abordada pela mitologia e pesquisada pela ciência / Paulo Roberto Rückert. -Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2013.

x, 181 f. ; 31 cm.

Orientador: Francisco de Assis Souza dos Santos

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2013.

Referências bibliográficas: f. 174-181

1. Ciência da religião. 2. Caos. 3. Mitologia. 4. Discurso religioso. 5. Cosmologia. 6. Experiência do sagrado. - Tese. I. Paulo Roberto Rückert. II. Faculdade Unida de Vitória, 2013. III. Título.

PAULO ROBERTO RÜCKERT

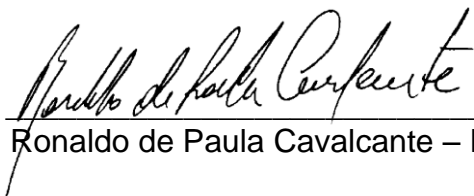
**A VIDA SE AFIRMA PERANTE O CAOS: ESSA DINÂMICA É ABORDADA  
PELA MITOLOGIA E PESQUISADA PELA CIÊNCIA**

Dissertação de Mestrado para  
obtenção do grau de Mestre em  
Ciências das Religiões na Faculdade  
Unida de Vitória no programa de Pós-  
Graduação em Ciências das  
Religiões.

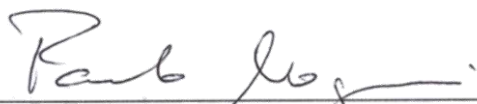
Área de Concentração: Religião e  
Sociedade.



Francisco de Assis Souza dos Santos – Doutorando em Teologia – UNIDA  
(Presidente)



Ronaldo de Paula Cavalcante – Doutor em Teologia – UNIDA



Paulo Augusto de Souza Nogueira – Doutor em Teologia – UMESP

Assim, pois, não é de se admirar que já no começo do século XI aparecesse a crença de que o criador do mundo não fosse Deus, mas o Diabo.

Carl Gustav Jung

## RESUMO

Uma análise da presença do caos na realidade – a partir dos enfoques da mitologia e da cosmologia. A primeira parte aborda a cosmogonia e a teogonia mediante a expressão que lhe é peculiar: o mito. As raízes das imagens mitológicas encontram-se no inconsciente coletivo – um patrimônio da humanidade. Tornou-se paradigmática a *Teogoniade* Hesíodo, evidenciando a anterioridade do Caos, surgindo em seguida a Terra. As mitologias da Mesopotâmia e de Canaã influenciaram o pensamento hebraico, o qual tornou-se marcante na Civilização Ocidental. A segunda parte apresenta as conclusões da pesquisa científica. Em meio ao caos destacou-se a “Singularidade infinita” e surgiram as quatro forças fundamentais do universo. O universo não surgiu dentro do tempo, mas este passou a existir com o universo. Astrônomos e físicos tentam reconstituir os três minutos iniciais do *Big Bang*. Cada estágio apresenta características emergentes, ou seja, um estágio não é redutível ao anterior. Esse desenvolvimento também pode ser observado no ser humano: sua infância, adolescência e maturidade. A terceira parte se concentra no diálogo entre ciência e religião, enfocando as tentativas para entender o agir de Deus. São apresentados os estudos de dezoito pesquisadores. O universo surgiu e se desenvolveu em meio ao antagonismo de forças. Muitos sistemas auto-organizados se sustentam à beira do caos, longe do equilíbrio térmico. A física quântica tem demonstrado que não teria havido condições para o surgimento da vida se o universo funcionasse de um modo mecânico, previsível e controlável. O “ajuste-fino” observável na natureza tornou-se conhecido como Princípio Antrópico. O acaso também é integrado no propósito divino, e o ser humano participa no processo. Em sua auto-limitação voluntária, Deus atua mediante a persuasão, agindo e reagindo. Deus está presente em tudo, mas ele transcende a realidade. O universo está se expandindo e Deus acompanha o processo. Deus é a Causa Descendente: o planejador de um processo auto-organizado. Nesse embate de forças, Deus se revela para resgatar o ser humano. Todo esse dinamismo cósmico provoca na pessoa um estado de maravilhamento e de vivência do sagrado.

Palavras-chave: Caos, mitologia, cosmologia, experiência do sagrado.

## ABSTRACT

An analysis of the presence of chaos in reality - from the perspectives of mythology and cosmology. The first part deals with the cosmogony and theogony by the expression that is peculiar: the myth. The roots of mythological images are in the collective unconscious - a world heritage site. It became paradigmatic the *Theogony* of Hesiod, showing the previous chaos, then coming to Earth. The mythologies of Mesopotamia and Canaan influenced Hebrew thought, which became a mark in Western Civilization. The second part presents the conclusions of scientific research. Among the chaos stood out "The infinite singularity" and arose the four fundamental forces of the universe. The universe did not come in time, but the time came into existence with the universe. Astronomers and physicists try to reconstruct the three first minutes of the Big Bang. Each stage has arising characteristics or a stage can not be reduced to the former. This development can also be observed in human beings: their childhood, adolescence and maturity. The third part focuses on the dialogue between Science and Religion, focusing on attempts to understand God's actings. The studies of eighteen researchers are presented. The universe emerged and developed among the forces of antagonism. Many self-organized systems are supported on the edge of chaos, far from the thermal equilibrium. Quantum Physics has shown that there would not have conditions for the emergence of life if the universe worked in a mechanical, predictable and controllable way. The "fine adjustment" observable in the nature became known as the anthropic principle. The accident is also integrated into the divine purpose, and the human being participates in the process. In his voluntary self-limitation, God works through persuasion, acting and reacting. God is present in everything, but He transcends reality. The universe is expanding and God follows its process. God is the cause descending: the planner of a self-organized process. In this clash of forces, God reveals himself to rescue human beings. All this cosmic dynamism causes the person a state of wonder and experience of the sacred.

Keywords: Chaos, mythology, cosmology, sacred experience.

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                                                                   |    |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
|          | <b>INTRODUÇÃO</b>                                                                                                                                 | 10 |
| <b>1</b> | <b>A MITOLOGIA DESCREVE O CAOS</b>                                                                                                                | 16 |
| 1.1      | COSMOGONIA, TEOGONIA, MITOS, CAOS                                                                                                                 | 16 |
| 1.2      | A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL FOI INFLUENCIADA PELA IDEIA BÍBLICA DA CRIAÇÃO DO UNIVERSO, A QUAL FOI DESENVOLVIDA NO CONTEXTO DA MESOPOTÂMIA E DE CANAÃ | 22 |
| 1.3      | O UNIVERSO SURTIU E SE DESENVOLVE A PARTIR DO CAOS                                                                                                | 25 |
| 1.4      | ALÉM DAS NARRATIVAS DE GÊNESIS, QUE DETRMINARAM A COMPREENSÃO OCIDENTAL, O ANTIGO TESTAMENTO CONTÉM OUTROS RELATOS DA CRIAÇÃO DO UNIVERSO         | 28 |
| 1.5      | A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DA REALIDADE, A MITOLOGIA FAZ ESTE REGISTRO: O MAL FOI SUPERADO, MAS NÃO FOI ELIMINADO                                     | 31 |
| 1.6      | OS RELATOS DE GÊNESIS NÃO CONHECEM A IDEIA DE UMA CRIAÇÃO DO UNIVERSO A PARTIR DO NADA                                                            | 33 |
| 1.7      | A CRIAÇÃO DO UNIVERSO E DOS SERES VIVOS NÃO É UM EPISÓDIO RESTRITO AOS PRIMÓRDIOS, MAS UMA ATIVIDADE CONTÍNUA                                     | 34 |
| 1.8      | O ISRAELITA CONSTATOU QUE, EM MEIO AOS PARADOXOS OBSERVADOS NA REALIDADE, O UNIVERSO SEGUE UM PLANO                                               | 35 |
| 1.9      | A VIDA SEMPRE CONTA COM A AMEAÇA DA DESINTEGRAÇÃO, MAS DEUS CONTROLA OS LIMITES DO CAOS                                                           | 35 |
| 10       | LUTANDO CONTRA O CAOS, DEUS CRIA E SALVA O SEU POVO: A CRIAÇÃO DO UNIVERSO TEM A CONOTAÇÃO DE UM EVENTO SALVÍFICO                                 | 36 |
| 1.11     | COMO COADUNAR A NARRATIVA DO PARAÍSO COM O CAOS PRIMORDIAL – A PARTIR DO QUAL SE ORIGINOU ESTA REALIDADE?                                         | 38 |
| 1.12     | O ASPECTO DEMONÍACO DA DIVINDADE                                                                                                                  | 40 |
| 1.13     | ENFIM, A PERGUNTA: COMO SURTIU O CAOS?                                                                                                            | 47 |
| <b>2</b> | <b>A CIÊNCIA PESQUISA O CAOS</b>                                                                                                                  | 53 |
| 2.1      | AS DESCOBERTAS DA COSMOLOGIA                                                                                                                      | 53 |
| 2.2      | A HISTÓRIA DO UNIVERSO DIVIDIDA EM SEIS ESTÁGIOS                                                                                                  | 54 |



|          |                                                                                   |     |
|----------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 2.3      | O ITINERÁRIO HUMANO: A HISTÓRIA DO INDIVÍDUO É IDÊNTICA À DO UNIVERSO             | 62  |
| 2.3.1    | <b>A agressividade humana e a dimensão do espírito</b>                            | 62  |
| 2.3.2    | <b>O turbilhão da infância</b>                                                    | 63  |
| 2.3.3    | <b>O caos na adolescência</b>                                                     | 65  |
| 2.3.4    | <b>A afirmação perante a vida na idade adulta e na maturidade</b>                 | 66  |
| 2.3.5    | <b>O ser humano experimenta o conflito com o caos dentro do próprio organismo</b> | 70  |
| <b>3</b> | <b>TENTATIVAS PARA ENTENDER A ATUAÇÃO DE DEUS</b>                                 | 72  |
| 3.1      | A PERGUNTA PELA TEODICEIA                                                         | 72  |
| 3.2      | O PANTEÍSMO DISSOLVE DEUS NA NATUREZA                                             | 87  |
| 3.3      | O TEÍSMO PRESSUPÕE DEUS FORA DO UNIVERSO                                          | 88  |
| 3.4      | O DEÍSMO RELEGA A ATIVIDADE DE DEUS AO INÍCIO                                     | 89  |
| 3.5      | O PANENTEÍSMO DETECTA A PRESENÇA TRANSCENDENTE DE DEUS EM TODA A REALIDADE        | 89  |
| 3.6      | A FÍSICA QUÂNTICA E UMA NOVA DESCRIÇÃO DA REALIDADE                               | 92  |
| 3.7      | A FILOSOFIA DO PROCESSO                                                           | 95  |
| 3.7.1    | <b>Alfred North Whitehead – a realidade é um processo</b>                         | 95  |
| 3.7.2    | <b>Charles Hartshorne – o Deus pessoal age e reage</b>                            | 99  |
| 3.8      | O DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO                                                | 101 |
| 3.8.1    | <b>Teilhard de Chardin – a evolução rumo ao Ponto Ômega</b>                       | 101 |
| 3.8.2    | <b>Ian G. Barbour – Deus está presente na natureza e atua nela</b>                | 103 |
| 3.8.3    | <b>Arthur Peacocke – panenteísmo: o acaso é o radar de Deus</b>                   | 104 |
| 3.8.4    | <b>Robert Russell – o acaso e a ação de Deus no mundo quântico</b>                | 106 |
| 3.8.5    | <b>John Polkinghorne e o Princípio Antrópico</b>                                  | 106 |
| 3.8.6    | <b>Paul Davies – o universo foi feito na medida para a vida</b>                   | 113 |
| 3.8.7    | <b>Nancey Murphy – Deus como Determinador de Indeterminações</b>                  | 114 |

|               |                                                                        |            |
|---------------|------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>3.8.8</b>  | <b>George Ellis – os aspectos filosóficos da cosmologia</b>            | <b>116</b> |
| <b>3.8.9</b>  | <b>William Pollard – Deus age através de indeterminações quânticas</b> | <b>116</b> |
| <b>3.8.10</b> | <b>Stephen Jay Gould – a evolução não é um processo contínuo</b>       | <b>116</b> |
| <b>3.8.11</b> | <b>Ilya Prigogine – a criatividade surge à beira do caos</b>           | <b>117</b> |
| <b>3.8.12</b> | <b>Erich Jantsch – a auto-organização do universo</b>                  | <b>119</b> |
| <b>3.8.13</b> | <b>William Stoeger – os sistemas se auto-organizam</b>                 | <b>121</b> |
| <b>3.8.14</b> | <b>Stuart Kauffman – Deus: a criatividade incessante da natureza</b>   | <b>122</b> |
| <b>3.8.15</b> | <b>Philip Hefner – o ser humano é co-criador</b>                       | <b>122</b> |
| <b>3.8.16</b> | <b>Ronald Cole-Turner – participação na obra criadora de Deus</b>      | <b>123</b> |
| <b>3.8.17</b> | <b>Niels Gregersen – criação continua: sistemas auto-organizados</b>   | <b>124</b> |
| <b>3.8.18</b> | <b>ErvinLaszlo – o Metaverso gera muitos universos in-formados</b>     | <b>124</b> |
| <b>3.9</b>    | <b>COMO INTEGRAR O ACASO NO PLANEJAMENTO DO UNIVERSO</b>               | <b>127</b> |
| <b>3.10</b>   | <b>JESUS É O MAIS FORTE</b>                                            | <b>130</b> |
| <b>3.11</b>   | <b>A AMPLITUDE DO UNIVERSO E A EXPERIÊNCIA DO SAGRADO</b>              | <b>135</b> |
| <b>4</b>      | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                                            | <b>150</b> |
|               | <b>REFERÊNCIAS</b>                                                     | <b>174</b> |

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo analisar a presença do caos na realidade. Essa questão vem causando preocupação desde os tempos mais remotos, pois a vida é constantemente ameaçada pela desintegração, causando dor e sofrimento. Uma dor física é real e indiscutível. Um sofrimento psíquico depende da coesão do ego, podendo variar de uma pessoa a outra. A pesquisa foi impulsionada por uma pergunta: como se originou esse caos, que impregna toda a realidade? Tornou-se inevitável a pergunta pela teodiceia, um conceito formulado por Leibniz para um problema tão antigo quanto a reflexão humana. Muitas respostas já foram formuladas para esse tema. Uma dessas abordagens consiste em culpabilizar o ser humano: a desobediência dos ancestrais teria dado ensejo ao caos no universo. É o enfoque judaico-cristão, que se impôs na Civilização Ocidental mediante a leitura exclusiva da versão apresentada no livro de Gênesis. Na tradição cristã, o ser humano é culpabilizado e, a seguir, lhe é oferecida a redenção. A ênfase sobre a culpa humana e o conseqüente castigo leva à pergunta pelo perdão divino: se Cristo expiou os pecados da humanidade, porque não foram eliminadas as conseqüências? A realidade continua hostil e dominada pelo mal. Em seu excelente livro *A impossível teodiceia*, J. A. Estrada apresenta uma interpretação inusitada do mito do paraíso: a proibição de comer o fruto desejável não resulta de uma pedagogia inadequada, mas “só a Deus é reservado conhecer a origem do bem e do mal e definir em que consiste. O homem é criatura e, como tal, não pode ter acesso à esfera divina” (p. 76). Esse é o jeito hebraico de transmitir o ensinamento de que o conhecimento da origem do bem e do mal é da competência exclusiva de Deus.

Um exame mais atento das grandes religiões, como hinduísmo e zoroastrismo, e das correntes de pensamento, como estoicismo e gnosticismo, mostra que a antinomia deve ser procurada na divindade. Aliás, um exame mais acurado dos vários textos da Bíblia Hebraica evidencia também essa compreensão. Uma releitura dos textos da criação do universo deixa transparecer “o aspecto demoníaco da divindade”. Nesse empreendimento, foi de muita valia o livro de Estrada. Em sua obra *De volta ao mistério da iniquidade*, Soares dá prosseguimento a essa abordagem e, amparando-se em

Ricoeur, afirma que o Deus criador age como libertador do mundo, pois a criação é idêntica à salvação do caos; o mal absoluto equivale a não existir. Soares também apresenta a evolução do conceito de Deus na Bíblia Hebraica. Citando Böhme, em *Memórias, sonhos, realizações*, Jung vê ali a evolução do próprio Deus, que se torna consciente junto com o mundo. Recebe destaque o pensamento de Böhme, que vislumbrou a mandala cindida: houve uma ruptura na Totalidade. Antecedendo Jung, Schelling já havia se referido, em *Lições de Stuttgart*, a “um obscuro ‘poder’ transcendente dentro do próprio Deus”. Em sua obra *Resposta a Jó*, também Jung viu em Satanás um pensamento de dúvida do próprio Iahweh. E continua imprescindível a contribuição de Hegel, em *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, quando afirma que o processo divino integra o mal em sua trajetória. O que importa é a perspectiva universal: a integração entre o temporal e o eterno.

Como coadunar o dualismo entre o bem e o mal com a concepção monolítica do monoteísmo? Em *De volta ao mistério da iniquidade*, Soares constata que o propósito do dualismo é isolar a dimensão bondosa de Deus. No confronto com a realidade, a bondade divina permanece incólume. O rigoroso monoteísmo hebraico precisou se defrontar com a bifurcação: há uma dimensão obscura dentro do próprio Deus. De um modo corajoso, tudo é atribuído a Deus, pois não se admite que uma outra divindade tenha participação nos acontecimentos. No entanto, o encaminhamento para essa questão não é tão simples, pois assim como o politeísmo, também o monoteísmo recorre ao dualismo. Soares avalia o cristianismo e o judaísmo “como tradições de dualismo mitigado ou camuflado”, dependendo da importância dada ao demoníaco.

A história da filosofia moderna é a reflexão sobre o sofrimento humano. A partir de Darwin e de Freud, a humanidade passou a se deparar com um universo inacabado e, conseqüentemente, um caminho a percorrer. Estapesquisa – abordando a dinâmica do caos – preenche um vazio causado pela reiterada evasiva da teologia diante do problema do mal, o que havia sido denunciado por Ricoeur. Esse incômodo humano nunca foi resolvido de modo satisfatório pela teologia clássica, analisa Soares, *De volta ao mistério da iniquidade*. O mal é sem sentido. Surge, então, a pergunta: como esclarecer o

sentido de algo que não tem sentido? É um empreendimento que transcende a racionalidade. No entanto, é necessário descobrir um sentido também no sofrimento, insiste Frankl, criador da Logoterapia, uma vez que o mesmo está sempre presente na existência humana.

Confrontando a pesquisa em torno da mitologia com as descobertas de físicos renomados e também da cosmologia, torna-se possível concluir o que Schelling já anteviu em *Lições de Stuttgart*: “Em suma, *Deus faz-se a si mesmo*”, pois ele “não está concluído e feito desde o início”. Essa constatação implica concluir que a humanidade se encontra numa realidade aberta e o indivíduo, que quiser se integrar na totalidade, deve permitir que Deus venha nascer dentro dele, o que foi enfatizado por Mestre Eckhart.

O capítulo um se ocupa com a mitologia, que elaborou as cosmogonias e as teogonias e abordou a presença do caos. Para uma compreensão do que é um mito tornaram-se fundamentais os posicionamentos de John McKenzie, C. G. Jung, Joseph Campbell, Rubem Alves, Mircea Eliade e Giovanni Reale. Sobretudo Jung soube mostrar em *Memórias, sonhos, realizações* que o mito brota do inconsciente coletivo, integrando o patrimônio arquetípico da humanidade. Com esse ponto de partida, esta dissertação se concentrou no tema da criação do mundo. Tendo em vista que a Civilização Ocidental foi fortemente influenciada pela crença na criação narrada na Bíblia Hebraica, o tema foi pesquisado a partir da influência exercida pelos mitos da Mesopotâmia e de Canaã. Novamente especialistas como John McKenzie, Gerhard von Rad, Antonius Gunneweg proporcionaram o rumo da pesquisa. Na Civilização Ocidental também tem predominado o teísmo, que está relacionado com uma interpretação literal do conceito de criação apresentados nos relatos do livro de Gênesis. No entanto, um estudo mais abrangente da criação do mundo – em outros textos da Bíblia Hebraica – mostra que a luta é um tema recorrente na mitologia: a vida precisa vingar perante as forças desintegradoras. Marduque matou *Tiamat*. Baal enfrentou *Yam* (o Mar). *Iahweh* está em luta constante contra o caos, subjugando *Behemot*, *Leviatã* e *Rahab*. Apolo matou *Piton* (dragão em forma de serpente). *Ahriman* soltou um dragão que devorou um terço da humanidade. O componente da luta perpassa toda a mitologia. O primeiro capítulo desta dissertação conclui com a pergunta em torno do surgimento do caos, tornando-se necessário pesquisar o *Tao-te King*, Richard

Wilhelm, Plotino, Jakob Böhme, C. G. Jung e Paul Tillich, os quais mostram que houve uma cisão na Totalidade e, conseqüentemente, a criação sempre vem acompanhada de poderes de destruição. Onde surge a vida, a ameaça da desintegração a acompanha.

O capítulo dois colhe informações e avaliações da pesquisa científica. Tornaram-se valiosas as obras de Paul Brockelman e de Ian Barbour, além das contribuições de Ronaldo Mourão e de John Polkinghorne, e também as recentes experiências para localizar o Bóson de Higgs. Partindo da imensidão cósmica, esta dissertação pretende mostrar que a existência do indivíduo reflete a trajetória do universo. O macrocosmo e o microcosmo estão integrados. Para a compreensão da infância e da adolescência, foram de grande significado as contribuições de Scott Peck, Gianbruno Guerrierio, Wagner Ranña, Suzana Herculano-Houzel, Leonardo Tondo. A compreensão da idade adulta e da maturidade foi proporcionada por Alfred Adler, Erik Erikson e C. G. Jung. Para mostrar que o ser humano convive com o caos dentro do seu próprio organismo, foram de fundamental importância as contribuições do endocrinologista Deepak Chopra, do oncologista Bernie Siegel e do psiquiatra Scott Peck.

O capítulo três inicia com as tentativas para entender o agir de Deus, recebendo destaque a pergunta pela teodiceia e enfocando o hinduísmo, o budismo, o taoísmo, o islamismo, o zoroastrismo, o livro dos Salmos, Jesus de Nazaré, o gnosticismo, o maniqueísmo, o epicurismo e o estoicismo. Uma abordagem da teodiceia torna indispensável uma referência aos argumentos de Leibniz. Também são apresentadas as implicações do monoteísmo e sua correlação com o dualismo, acrescentando uma síntese do pensamento de Hegel e de Schelling a respeito da relação de Deus com a realidade. A seguir são abordados o panteísmo, o teísmo, o deísmo e o panenteísmo. Para a compreensão dessas tentativas contribuíram Paul Tillich, Ian Barbour, Paul Brockelman e John Polkinghorne. Nos dias atuais, defrontamo-nos com uma nova descrição da realidade, que foi proporcionada pela física quântica. Essa abordagem contou com as contribuições de Paul Brockelman e John Polkinghorne. Com esse desenvolvimento da pesquisa, torna-se mais compreensível a contribuição sui generis da filosofia do processo, iniciada por Whitehead e complementada por Hartshorne, que abriu caminho para a

teologia do processo. O diálogo entre ciência e religião apresenta o posicionamento de dezoito pesquisadores, os quais – em sua maioria – construíram sua reflexão com o recurso da filosofia do processo (principalmente Barbour, Peacocke, Russell, Jantsch). Esse diálogo fecundo resultou nestes temas: 1) a criação é contínua, pois a evolução é o agir permanente de Deus (Peacocke, Stoeger, Gregersen); 2) a chave para entender a evolução é a complexidade crescente e o aumento da consciência, pois toda a realidade se dirige ao Ponto Ômega (Teilhard de Chardin); 3) a evolução implica necessidade, acaso e inovação (Peacocke, Russell); 4) a evolução e o equilíbrio interrompido (Gould, Eldredge); 5) a criação pode ser um processo eterno (Stoeger); 6) existem sistemas auto-organizados na natureza (Prigogine, Jantsch, Gregersen, Stoeger, Kauffman); 7) Deus é a Causa Descendente em sistemas que se auto-organizam (Peacocke, Davies); 8) Deus é o planejador de um processo auto-organizado (Polkinghorne); 9) o surgimento da novidade no limite do caos (Prigogine, Jantsch, Polkinghore, Kauffman); 10) a ação divina não se atém a um plano preestabelecido (Whitehead, Prigogine, Jantsch); 11) Deus como Determinador de Indeterminações quânticas (Russell, Ellis, Murphy, Tracy, Pollard); 12) o espaço e o tempo surgiram dentro do universo (Davies); 13) o “ajuste-fino” das leis da natureza constitui o Princípio Antrópico (Polkinghorne, Davies, Stoeger, Laszlo); 14) a importância da interação entre natureza e cultura (Cole-Turner, Davies); 15) Deus escolheu livremente a autolimitação (Polkinghorne); 16) alternativas ao Princípio Antrópico (Gleiser, Hoyle); 17) o pecado é o conflito entre a genética [egoísmo] e a cultura [cooperação] e o ser humano é co-criador criado (Hefner); 18) uma teoria integral de tudo (Laszlo). A contribuição de Laszlo é original com a formulação do campo *akáshico* repleto de informação, a substância fundamental do Metaverso, que está formando muitos universos. O termo *akáshico* provém do sânscrito e é empregado por Laszlo para designar o espaço que permeia tudo, onde tudo se origina e para onde tudo retorna, também conhecido como Campo A. Com sua teoria integral de tudo, Laszlo aponta para a formação de hologramas, que podem ser acessados pelo cérebro humano. Ao constatarem que este universo não se explica por si mesmo, os cientistas vislumbraram a transcendência nas categorias do panteísmo, que ressalta a imanência e também a

transcendência de Deus. Surge a pergunta: como integrar o acaso no planejamento do universo? A física quântica mostra que a realidade está aberta, que acaso e lei se complementam e que um planejamento amplo respeita sistemas que se auto-organizam. A partir dessa compreensão resulta a teologia da autolimitação voluntária de Deus, também conhecida por teologia *kenótica* (do esvaziamento). Diante da pluralidade de poderes, Jesus é o mais forte: todas as adversidades são submissas a ele. Defrontando-se com a imensidão do universo cabe ao ser humano a vivência do sagrado. Émile Durkheim, Rudolf Otto, Mircea Eliade, Paul Tillich, C. G. Jung, Rubem Alves, Paul Brockelman, John Polkinghorne e Fritjof Capra contribuíram de modo valioso para a abordagem desse tema.

A história do universo mostra que as pessoas pertencem a uma realidade mais ampla, que teve início com a Singularidade infinita. A imensidão cósmica é um todo dotado de sentido. Todos os seres vivos dependem dessa realidade ampla e de significado último. O universo é um organismo e seus múltiplos níveis são dependentes da Singularidade infinita. A existência humana tem suas raízes na vida que se manifesta em todo o universo. Os seres humanos são despertados para uma atitude de maravilhamento e reverência perante a vida. Surge nas pessoas um sentimento de gratidão por fazerem parte dessa história cósmica. A amplitude do universo provoca nas pessoas um sentimento de humildade. Com a experiência do sagrado a vida é transformada para que a pessoa viva a partir da perspectiva da eternidade (*sub specie aeternitatis*). Encontramo-nos num universo ainda incompleto, em evolução. Dentro desse processo, Deus é o poder que resiste ao caos e concede o seu poder às criaturas para se afirmarem perante a ameaça da desintegração. Além de resistir ao caos, Deus conquista-o, pois o seu objetivo é a afirmação da vida. A humanidade está se tornando consciente da interdependência ecológica de todos os seres.



## 1 - A MITOLOGIA DESCREVE O CAOS

### 1.1 COSMOGONIA, TEOGONIA, MITOS, CAOS

Em sua trajetória de desenvolvimento, todos os organismos – animados e também inanimados – precisam se defrontar com o caos, que permeia o universo inteiro, manifestando-se como força desintegradora. No contexto da evolução do universo, a existência humana se afirma na medida em que supera a ameaça da desintegração.

Todos os sistemas religiosos e a maioria dos filósofos se ocuparam com a presença do caos impregnando a realidade. Várias tentativas foram feitas para elucidar a presença da atividade desintegradora, que ameaça todas as formas de vida. Mas a presença do caos, ameaçando permanentemente a vida, não é assunto que se restringe à especulação filosófico-religiosa, pois a ameaça da desintegração pode ser constatada no cotidiano, de um modo empírico.

O ponto de partida para o estudo do caos vem a ser uma abordagem da cosmogonia – com sua maneira própria de tratar a origem de toda a realidade. A cosmogonia se ocupa com a origem e a formação do mundo. Com esse propósito, ela se expressa por intermédio dos mitos. “É a *concepção mitológica da gênese do cosmo*, que coincide amplamente com a teogonia” (REALE, 1995, p. 63).

Portanto, uma abordagem da cosmogonia requer também uma compreensão da teogonia, que é assim definida por Reale:

Com esse termo entendem-se as representações fantástico-poéticas da geração dos Deuses e, conseqüentemente, de todas as coisas que dependem dos Deuses (à teogonia, portanto, está sempre ligada a cosmogonia). As teogonias tem caráter fundamentalmente mítico (REALE, 1995, p. 252).

A partir da constatação de que tanto a cosmogonia quanto a teogonia se expressam por meio do mito, torna-se indispensável a compreensão deste modo de ver a realidade. O mito ainda é compreensível, hoje?

McKenzie afirma que, em grego, “mito” significa “história”. Platão entende o mito como a representação imaginativa de uma verdade abstrata. Para os gregos, o mito é uma crença a ser compreendida. A ênfase recai sobre a compreensão (McKENZIE, 1971, p. 98).

O indivíduo habituado a superestimar a racionalidade, deve saber que a consciência racional é apenas uma parte, que está cercada de formas potenciais de consciência mais amplas. Uma descrição do universo deve levar em consideração essas formas mais abrangentes de consciência. Jung se dedicou a pesquisar os mitos e os símbolos religiosos e indaga: “Que sentido terá uma religião sem mito, se sua função, quando realmente existe, é precisamente a de nos ligar ao mito eterno?”(JUNG, 1979, p. 51). Em seguida, Jung esclarece: “O mito, porém, não é ficção; pelo contrário, o mito se verifica em fatos que se repetem incessantemente e podem ser constantemente observados” (JUNG, 1979, p. 51).

A constatação de Jung é corroborada por Reale, quando declara que o mito “nunca desaparece inteiramente, dado que responde a uma dimensão não eliminável do espírito humano” (REALE, 1993, p. 173).

Jung observa que numa época em que o ser humano passou a confiar quase que exclusivamente em sua racionalidade, ele precisa se voltar novamente para a sua dimensão inconsciente, assim como faziam seus ancestrais.

Seja qual for a estrutura do inconsciente, uma coisa é inteiramente certa: ele contém um número determinado de motivos ou formas de caráter arcaico que, no fundo, se identificam com as ideias fundamentais da mitologia e formas análogas de pensamento (JUNG, 1986, p. 16).

O mito se expressa de um modo diferente; ele não apresenta um raciocínio sistemático e lógico. As ideias são expressas por intermédio de figuras simbólicas, que muitas vezes escapam à obsessão ocidental pela coerência lógica. O mito não se prende à lógica, pois as suas imagens deixam espaço aberto para interpretações. O hebreu, por exemplo, considera natural a falta de lógica no mito, pois Deus não pode ser apreendido numa síntese de pensamento. Rubem Alves aponta para a modalidade de expressão do mito:

Como perguntar aos mitos? O que importa não é *o que dizem*, mas *como* dizem. Não são relatos de explicação, mas de expressão. E o que exprimem eles? O *como* do homem em relação ao seu mundo, uma interpretação em que o sujeito e o objeto se fundem (ALVES, 1971, p. 36-37, grifo do autor).

Com sua peculiaridade, os mitos são compartilhados pela coletividade; seu conteúdo é comunitário. Sociedades com diferenças culturais enormes compartilham símbolos com semelhanças impressionantes. Jung estabelece uma distinção clara entre inconsciente pessoal e coletivo, apontando também

para o conceito de arquétipo. Nessa área, Jung se destacou como um pesquisador original, salientando que existe uma distinção entre inconsciente pessoal e coletivo. O inconsciente coletivo é independente da experiência pessoal.

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos *inconsciente coletivo* (JUNG, 2002, p. 15, grifo do autor).

Jung também concluiu que existe na psique uma estrutura coletiva que preserva os símbolos. As memórias são preservadas em modelos organizadores: os arquétipos (primeiros modelos), que constituem a totalidade da experiência humana. Os arquétipos atuam como moldes no interior da psique. Essas estruturas psíquicas assemelham-se ao leito de um rio seco. Quando a água começa a fluir, a forma do leito determina as características do rio. Portanto, os arquétipos são formas que canalizam o conteúdo psicológico. “É necessário sublinhar o fato de que os arquétipos não têm conteúdo determinado; eles só são determinados em sua *forma* e assim mesmo em grau limitado” (JUNG, 1975, p.352). Os arquétipos se exprimem mediante uma imagem (ou símbolo): é a “imagem arquetípica”.

Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*. O conceito de *arquétipo*, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar (JUNG, 2002, p. 53-54, grifo do autor).

Os conteúdos do inconsciente coletivo ultrapassam a dimensão pessoal; eles são herdados. As imagens mitológicas emergem do inconsciente coletivo, sendo, portanto, um patrimônio da humanidade, pois os símbolos são parte das memórias hereditárias, que uma geração transmite a outra.

Isso significa que o ser humano precisa se defrontar com o seu inconsciente pessoal e também com o inconsciente coletivo. É importante aprender a se relacionar com conteúdos inconscientes herdados, que poderão se tornar conscientes.

O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tomar-se

conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência (JUNG, 2002, p. 53-54).

Jung também aponta para o nascedouro da linguagem mitológica, afirmando que “as imagens do inconsciente mais profundo são de natureza nitidamente *mitológica*” (JUNG, 1986, p. 96-97). E acrescenta: “Ao nascer, o ser humano herda essa estrutura coletiva de seus ancestrais. Esses conteúdos – imagens primordiais – podem ser encontrados em toda parte” (JUNG, 2002, p. 16).

Esse conteúdo herdado torna o ser humano participante de um simbolismo universal; cada indivíduo integra a humanidade toda partilhando as imagens primordiais. Jung salienta que a participação do indivíduo na totalidade acontece por intermédio do inconsciente coletivo.

Jung também observou que “os mitos e os contos da literatura universal encerram *temas* bem definidos que reaparecem sempre e por toda parte”, e acrescentou: “A essas imagens e correspondências típicas, denomino representações arquetípicas” (JUNG, 1975, p. 352).

Resultando da totalidade da experiência humana, os mitos são os mesmos desde os tempos mais primitivos. Soares aponta para a importância de vivências compartilhadas. “Uma experiência humana tão significativa como combater o mal está nas entranhas do mito” (SOARES, 2012, p. 57).

Soares cita Joseph Campbell, para afirmar que os mitos ressoam a partir do interior do nosso ser, visando integrar-nos à natureza e à sociedade para superarmos o caos. Campbell também observou que temos a tendência de aceitar os nossos próprios mitos como “fatos”. Tornamo-nos mais livres quando nos defrontamos com os mitos de outros povos. (SOARES, 2012, p. 58).

Também Manhart cita Campbell, que vê no mito uma necessidade ontológica, pois nós estamos procurando uma experiência de estar vivos. Campbell afirma que o mito contém três atributos: 1) o mito se ocupa com o surgimento do mundo; 2) o mito se defronta com as contradições insuperáveis: criação e destruição, vida e morte; 3) o mito se empenha pela reconciliação dos opostos, para atenuar os temores existenciais (MANHART, *O sentido do mundo* em Revista Viver Mente & Cérebro, edição especial n. 1).

Entrevistado por Bill Moyers, Campbell define o mito como “uma manifestação em imagens simbólicas, metafóricas das nossas energias

internas, mobilizadas pelos órgãos do corpo em conflito entre si”. O mito nos proporciona um modelo de vida e sua função básica é abrir o mundo para a dimensão do mistério. “A função cosmológica do mito é mostrar que o universo se torna uma espécie de imagem sagrada”. A função sociológica do mito é a valorização dos preceitos éticos. E a função pedagógica do mito é ensinar “a viver a existência humana sob quaisquer circunstâncias” (CAMPBELL, *O poder do mito*. Disponível em <http://www.culturabrasil.pro.br/campbell.htm>. Acesso em 11 out. 2013). Nessa entrevista, Campbell também afirma que “a mitologia é a canção do universo” e ela está “enraizada no inconsciente coletivo”. Ele salientou também que “os mitos tratam da transformação da consciência”. Diante da necessidade de ingressar num espaço desconhecido, “a pessoa precisa dar atenção aos pedidos de sua vida espiritual, do seu coração”. A pessoa deve encontrar o seu centro, pois “os mitos são poderosos guias para a vida espiritual”. Eles “nos ajudam a aceitar a transitoriedade da vida”. Ocupando-se com a veracidade do mito, Campbell declara que “cada mitologia é verdadeira como uma metáfora do mistério humano e cósmico. Ela não pode ficar presa à metáfora”. O mito é o registro simbólico da própria experiência de estar vivo, pois ele capta a vida no seu eterno fluir. “Os mitos e os sonhos vêm do mesmo lugar e precisam se expressar por meio de símbolos”, acrescenta Campbell na entrevista a Moyers. “O mitos são sonhos públicos; os sonhos mitos privados” (Disponível em [http://www.pensador.uol.com.br/autor/joseph\\_campbell/](http://www.pensador.uol.com.br/autor/joseph_campbell/). Acesso em 04 out. 2013).

Colocada a questão das imagens arquetípicas e primordiais, o enfoque passa a se concentrar na polaridade entre Caos e Cosmos. Mircea Eliade pesquisou profundamente essa temática e formulou esta constatação:

O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca: o primeiro é o “mundo”, mais precisamente, “o nosso mundo”, o Cosmos; o restante já não é um Cosmos, mas uma espécie de “outro mundo”, um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, “estranhos” (equiparados, aliás, aos demônios e às almas dos mortos) (ELIADE, 2001, p. 32).

De um lado se encontra o Cosmos, espaço consagrado; de outro lado, o Caos, espaço desconhecido e estranho. O Cosmos é lugar onde se pode viver. O Caos é o desconhecido – hostil e ameaçador. O Cosmos equivale à criação: é o mundo em que a vida é possível. É o espaço consagrado. “Além das

fronteiras situa-se o caos hostil, ameaçador, que precisa ser domado” (GUNNEWEG, 2005, p. 166). Reale formulou uma definição apropriada do termo Caos: “É o princípio do qual as antigas teogonias, em particular a de Hesíodo, faziam proceder os Deuses e, portanto, todas as coisas” (REALE, 1995, p. 40).

A *Teogonia* de Hesíodo tornou-se paradigmática para as cosmogonias e teogonias mítico-poéticas, que são apontadas como o antecedente da cosmologia filosófica. Por causa de sua concisão e precisão, é transcrito o resumo da *Teogonia* de Hesíodo – formulado por Reale.

Em primeiro lugar, diz ele [Hesíodo], gerou-se o Caos, em seguida, gerou-se Gea (a Terra), em cujo seio amplo estão todas as coisas, e nas profundidades da Terra gerou-se o Tártaro escuro, e, por fim, Eros (o Amor) que, depois, deu origem a todas as outras coisas. Do Caos nasceram Érebo e Noite, dos quais se geraram o Éter (o Céu superior) e Êmera (o Dia). E da Terra sozinha se geraram Urano (o Céu estrelado), assim como o mar e os montes; depois, juntando-se com o Céu, a Terra gerou Oceano e os rios (REALE, 1993, p. 41).

Convém salientar que primeiro adveio o Caos, em seguida gerou-se a Terra. A seguir, Hesíodo narra a origem dos vários deuses. Essa primazia do Caos causa perplexidade. Não há como negar: a anterioridade do Caos é efetivamente temporal. A *Teogonia* está apontando para a preponderância do Caos na constituição da realidade. Seu poder de desintegração é sempre perceptível. Onde surge a vida, ele já está presente. O Caos está presente na possibilidade de tudo, mas ele também se manifesta na impossibilidade, pois ele está associado à ausência: o não-ser. O Caos é a bifurcação, a fenda; é a força que separa. Ele é uma possibilidade sem contorno. O Caos também provoca a ocultação, pois ele gerou a noite. A anterioridade do Caos é uma condição, sendo anterior a qualquer configuração ou acontecimento. O não-ser está sempre presente. A Terra apareceu, porque o Caos permitiu. A Terra tem limites e se diferencia do Caos, formando um contraste. A origem está sempre acontecendo. Não se fixando na perspectiva linear, o grego Hesíodo vê que aquilo que inicia, também permanece. Não se trata de um acontecimento pontual, mas de um modo. O Caos perpassa toda a realidade, impregnando tudo. (A articulação dessas ideias tem por base a pesquisa de Rocha, *As divindades primordiais* – trabalho não publicado).

Em consonância com a *Teogonia* de Hesíodo situa-se o mito babilônico da origem do mundo, evidenciando que os temas mitológicos são imagens primordiais arquetípicas. McKenzie aponta para essa convergência. “O relato mesopotâmico da criação tem início com o caos, no qual pode-se reconhecer facilmente o mar, um monstro informe, hostil à terra e em contínua guerra contra ela. No início do mito, a terra não existe” (McKENZIE, 1983, p. 195). E acrescenta este detalhe. “O material com o qual Marduc cria o universo visível é a gigantesca carcaça do monstro” (McKENZIE, 1983, p. 195-96). Indubitavelmente, o caos está no início.

#### 1.2.A CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL FOI INFLUENCIADA PELA IDEIA BÍBLICA DA CRIAÇÃO DO UNIVERSO, A QUAL FOI DESENVOLVIDA NO CONTEXTO DA MESOPOTÂMIA E DE CANAÃ

As cosmogonias apresentam temas comuns entre elas, devendo essa afinidade e essa convergência ser entendidas a partir dos símbolos e das imagens primordiais do inconsciente coletivo, como propôs C. G. Jung.

A pesquisa constata que o Antigo Testamento incorporou temas das mitologias da Mesopotâmia e de Canaã. Isso significa que muitos temas dessas mitologias pertencem ao patrimônio mitológico e arquetípico da humanidade e, portanto, não são exclusivos de uma determinada cultura ou religião. O exegeta John McKenzie sintetizou assim esse processo:

Para compreendermos a ideia veterotestamentária da criação, devemos ter certo conhecimento da mitologia da criação na Mesopotâmia e em Canaã, já que o Antigo Testamento incorporou alguns temas dessas mitologias, muito embora as tenha combatido decididamente, considerando-as em seu conjunto (McKENZIE, 1983, p. 195).

G. von Rad constatou que os textos do Antigo Testamento foram redigidos numa época em que o universo era descrito assim como ele se apresenta ao alcance dos olhos: a terra, coberta pela abóbada celeste, flutuando sobre as águas dos “abismos inferiores”, os quais proporcionam fontes e mananciais, formando rios que correm para o mar circundante; as estrelas e a lua trilham seu caminho pelo céu, localizando-se acima deste o reservatório da chuva, do vento, do granizo e da neve. A luz e as trevas são distintas e ambas têm o seu turno para cobrir a face da terra. E acima da abóbada celeste localiza-se o trono de Deus. O antigo Israel desenvolveu a sua

doutrina da criação a partir das concepções cananeias, assimilando a luta de lahweh contra o dragão do caos e a ideia da formação da terra a partir de elementos da potência vencida (von RAD, 2006, p. 43).

Comentando o Salmo 29, a Bíblia do Peregrino aponta para a experiência religiosa do israelita, que o levou a se identificar com essa mitologia.

Mais importante que a dependência cananea é a expressão de uma experiência humana elementar. Diante da revelação de algo que fascina e intimida, o homem se sente surpreso; descobre no fenômeno natural, a tempestade, algo que a transcende e ultrapassa, que ameaça destruí-lo e promete libertá-lo (BÍBLIA DO PEREGRINO).

Mas os antigos também sabiam que a realidade não é explicada através de uma teoria. Quando o impacto da realidade ultrapassa o raciocínio humano, então o mito passa a falar. O mito da criação da Babilônia considera o início do universo um caos disforme, que é constituído de dois seres divinos, os quais dão origem a todos os deuses. “A narração mesopotâmica clássica encontra-se no épico *Enuma Elish*, que possuímos em uma edição mais recente de uma composição mais antiga” (McKENZIE, 1983, p. 195).

O épico babilônico *Enuma Elish* narra que o casal de deuses e os filhos se desentenderam. O deus masculino Apsu foi morto por Ea, “que provavelmente era a divindade criadora na forma mais antiga do poema” (McKENZIE, 1983, p. 195). A luta prossegue entre a mãe Tiamat e os filhos. A mãe de todos os deuses é um monstro gigantesco – em tamanho e força. Ela é auxiliada por demônios horrendos, que ela gerou. A própria mãe dos deuses tornou-se um inimigo para os filhos. Sendo atacados por Tiamat e pelos demônios que ela gerou, os deuses aterrorizados procuram por alguém que os defenda. Muitos se recusaram, mas finalmente Marduque, filho de Ea, aceitou o desafio. Marduque era o deus da Babilônia. Ele capturou Tiamat e a matou. A partir da gigantesca carcaça do monstro, Marduque formou a terra, o céu, a lua, as estrelas e tudo o que existe. De uma metade da carcaça ele formou o céu, e de outra, a terra. Os seres vivos também são formados dessa carcaça. O ser humano foi formado do sangue de um deus, filho do monstro derrotado. Portanto, nesse épico, Marduque é o deus criador que venceu o caos e estabeleceu a ordem. Diversos deuses cósmicos passaram a dirigir a terra, o



mundo subterrâneo, os corpos celestes e o espaço. Na condição de divindade criadora, Marduque é o maior de todos os deuses; ele controla todo o universo.

A epopeia babilônica de *Gilgamesh* também influenciou a redação do Antigo Testamento. O herói *Gilgamesh* procurou e encontrou a planta da vida. Mas descuidou-se e perdeu-a novamente. A árvore da imortalidade foi usurpada pela serpente. *Gilgamesh* foi consolado por uma deusa, comunicando-lhe que os deuses deram de presente a si mesmos a vida, reservando ao ser humano a morte. *Gilgamesh* passou a desfrutar a vida, pois é esse o quinhão da humanidade. O mito hebraico de Adão tem o seu paralelismo com o mito sumério-acádico de *Gilgamesh*.

A vida precisa se afirmar perante o caos. O ser precisa lutar para não sucumbir perante o não-ser. A luta é contínua, pois a possibilidade da desintegração é permanente. Essa experiência fez com que as diversas culturas se identificassem com as concepções míticas idênticas e afins. “Como material comparativo entram em cogitação concepções míticas da Babilônia, de Ugarit e do Egito. Na Babilônia, a criação é uma luta” (GUNNEWEG, 2005, p. 198).

Em Gênesis 1 está presente a separação de elementos: luz e trevas, água de baixo e água de cima. A partir da separação surge a ordem que viabiliza a vida. Assim como Eliade distinguiu entre Cosmos (espaço habitado) e Caos (espaço desconhecido), também Gunneweg identifica a criação como um espaço vivencial, mesmo que esteja cercado de caos.

Precisamente isso: a possibilidade da vida em um espaço vivencial organizado que se encontra no caos e cercado de caos por todos os lados, isso é criação – uma concepção que também hoje não é particularmente estranha (GUNNEWEG, 2005, p. 198-99).

Portanto, o cosmos foi criado a partir da separação de elementos mesclados no caos. A ordem surgiu em meio à confusão caótica, tornando a vida viável. Surgiu um espaço vivencial, mas que continua cercado de caos – que persiste. A criação do mundo consiste na derrota do caos, que ameaça a vida. Essa ameaça à vida pode ser experienciada mediante as águas destruidoras ou como a falta de chuva. A água é o símbolo do caos – quando ela está presente em demasia, com a inundação ou totalmente ausente, no deserto. Esses dois temas foram incorporados nos relatos em Gênesis. Para o antigo hebreu, a realidade é concreta e sensível. Ela tem forma, cor e medida.

Ao mencionar um deserto vazio e sem forma, ele está se referindo a algo que é a negação da realidade conhecida. Esse deserto é a expressão da ausência de Deus.

No mito cananeu a vitória nunca é definitiva. Há uma alternância de domínio. “De forma cíclica, Baal tem de lutar contra Yam, ou seja, novamente contra o mar, até mesmo sofrendo a derrota, mas revivendo” (GUNNEWEG, 2005, p. 199).

O mito babilônico aponta para uma luta contínua contra o caos. “Derrota do caos como ameaça à vida, isso é criação”, afirma Gunneweg(2005, p. 199). Deus luta contra o caos – contra todas as forças desagregadoras.

### 1.3O UNIVERSO SURTIUE SE DESENVOLVE A PARTIR DO CAOS

A constatação é que o caos está presente em toda a realidade. Nas imagens arquetípicas do inconsciente coletivo, o mar sempre exerceu um fascínio tenebroso. Com sua expressão simbólica, o mar é a personificação do monstro e também o local que abriga monstros. O caos torna-se perceptível na agitação do mar. Impelidas pelo vento, as ondas inquietas atacam as povoações da orla marítima. O mar tem uma dimensão ambivalente: ele é caótico, hostil e destruidor e nele também surgem os seres vivos. Ele é desintegrador e também fecundo.

A figura mitológica do dragão, existente somente no imaginário das pessoas, perpassa toda a realidade. No entanto, uma figura que só existe na imaginação tem sua expressão na realidade mitológica. “Tiamat revela-se então como dragão do caos, isto é, como monstro. Do seu seio nasce toda uma horda de demônios, que a ajudam em seu ataque contra a sua própria progeneritura” (McKENZIE, 1983, p. 195).

Como o ser humano deve interpretar a existência de poderes tenebrosos, sempre presentes e ameaçando a existência e os empreendimentos? Por que a morte circunda os seres vivos? A natureza obedece aos ciclos de vida e de morte. E na luta cotidiana, a existência acaba se tornando uma sobrevivência. Mircea Eliade constata que

o Dragão é a figura exemplar do Monstro marinho, da Serpente primordial, símbolo das Águas cósmicas, das trevas, da Noite e da Morte – numa palavra, do amorfo e do virtual, de tudo o que

ainda não tem “forma”. O Dragão teve de ser vencido e esquartejado pelo Deus para que o Cosmos pudesse vir à luz. Foi do corpo do monstro marinho Tiamat que Marduk deu forma ao mundo (ELIADE, 2001, p. 47).

A vitória sobre o monstro resulta no mundo em que o ser humano pode habitar. O material caótico é aproveitado, tornando-se um Cosmos habitável.

*ABíblia do Peregrino* apresenta esta tradução de Gênesis 1:2: “A terra era um caos informe; sobre a face do abismo, a treva. E o alento de Deus revoava sobre a face das águas”.

Para se referir ao caos, o hebraico emprega dois termos conhecidos, que possuem esta conotação:

Em hebraico: *tohû* e *bohû*, “o deserto e o vazio”, expressão que se tornou proverbial para toda falta de ordem, sobretudo quando é considerável. Esses termos, assim como o de “águas”, formam um quadro negativo em relação ao qual aparecerá a novidade da intervenção do Deus pessoal criando tudo por sua palavra. Esse versículo descreve a situação de caos que precede a criação (2,5) (BÍBLIA DE JERUSALÉM, comentando Gênesis 1:2).

A *Tradução Ecumênica da Bíblia* traduz deste modo Gênesis 1:21: “Deus criou os grandes monstros marinhos”, e comenta: “Os monstros marinhos são associados ao caos primordial (Is 27:1; 51:9; Sl 74:13; 148:7). São simples criaturas, como os astros”.

Na cosmologia antiga, o “oceano primordial” ou “abismo das águas” é uma designação da massa de águas que envolvem a terra seca: localiza-se debaixo da terra e acima da abóbada celeste. Por ocasião do dilúvio “jorraram todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas do céu” (Gênesis 7:11). As fontes das águas das profundezas jorraram e as comportas do firmamento foram abertas. “As águas de baixo e as águas de cima rompem os diques que Deus lhes pusera (1:7): é o retorno do caos”, comenta a *Bíblia de Jerusalém*.

Deus cria o universo, formando um espaço vital. E Deus cria o seu povo, escolhendo-o como sua propriedade. As duas atuações de Deus são caracterizadas pelo verbo “criar”, em hebraico, *barah*. Gunneweg mostra que há uma correlação entre a separação do espaço vital e a separação do povo eleito. “No caos foi gerado um espaço vital. Nesse espaço vital separado como círculo maior, Israel, por seu turno, foi separado dentre todos os povos. Esse seria o segundo círculo” (GUNNEWEG, 2005, p. 313-14).

A tradição sacerdotal (Gn 1:1-2:4a) se aproxima do poema *Enuma Elish*. A tradição javista (Gn 2:4b-25) se assemelha aos mitos de *Gilgamesh*.

A teologia da criação contém uma mensagem plural. Deus atua como demiurgo, instaurando ordem em meio ao caos e também desempenha sua ação criadora mediante a palavra. A ordem é estabelecida a partir do caos, que já está aí desde o início. “Não há uma explicação da origem do mal, mas sim uma taxativa separação entre a palavra divina e o mal” (ESTRADA, 2004, p. 64).

Apesar do agir criador de Deus, o mal subsiste. A existência do caos é um dado que indica que há um âmbito fora da ação ontológica do Deus-ordenador. Estrada aponta para o mistério do mal, que parece ser autônomo.

Por outro lado, existe o mal, simbolizado pelo caos ou pelas potências destruidoras, que não sabemos de onde vêm, pois não são divinos nem resultam da obra criadora. A criação tem um significado ontológico, tudo depende de Deus, e o caos é o símbolo da ausência do Deus-ordenador, a exemplo do que ocorre com o símbolo das trevas e da noite (Gn 1,2), que reinavam sobre uma terra confusa e vazia. Entretanto, se o mal não provém de Deus, de onde vem, então? Não há resposta (ESTRADA, 2004, p. 65-66).

A afirmação de Estrada procede no que concerne os relatos de Gênesis, pois

O relato da criação, o mito em sua versão judaica, não responde à indagação sobre a origem do mal, do caos e das trevas que o simbolizam. Esse mal está aí, é original e primário, constituindo um existencial com o qual o homem se depara (ESTRADA, 2004, p. 67).

No entanto, o posicionamento de Estrada colide com outros textos, como Jó 40:15, onde se lê “Vê o Beemot que eu criei igual a ti!” e também Is 45:7 – “Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas”. Esses textos afirmam que *lahweh* é o criador de toda a realidade, inclusive o mal. É o rigoroso monoteísmo hebraico, englobando a luz e as trevas, a paz e o mal no agir do mesmo e único Deus.

#### 1.4 ALÉM DAS NARRATIVAS DE GÊNESIS, QUE DETERMINARAM A COMPREENSÃO OCIDENTAL, O ANTIGO TESTAMENTO CONTÉM OUTROS RELATOS DA CRIAÇÃO DO UNIVERSO

O mito babilônico da criação do mundo era conhecido em todo o Oriente Próximo. Também os hebreus o conheciam. Há referências explícitas ao mito

em outros textos do Antigo Testamento, além de Gênesis. Nesses textos fica evidente a luta cósmica, que resultou na criação do mundo.

Deparamo-nos com o “fato de encontrarmos uma dúzia de alusões em outros textos do Antigo Testamento referindo-se à luta cósmica entre a divindade criadora e o monstro do caos” (McKENZIE, 1971, p. 92).

Além de Gênesis 1:1-2:4a (uma cosmogonia escrita pela tradição sacerdotal) e 2:4b-25 (uma antropogonia elaborada pelas tradições javistas), o Antigo Testamento apresenta outros textos que mencionam a atividade criadora de Deus: Salmos 8; 19:1-7; 93; 104; 147; Jó 28:25-28; 38-39; Provérbios 3:19-20; 8:22-31; Isaías 40:25-31; 42:5; 44:2.24; Jeremias 27:5.

A luta entre lahweh e o caos é descrita com estas ilustrações. Ao ver lahweh, o Mar tremeu e as ondas estremeceram (SI 77:17). lahweh reprime o estrondo do Mar (SI 65:8), onde se concentram os poderes hostis. lahweh domina a soberba do Mar (Yam), o monstro primordial e amansa as ondas que se elevam (SI 89:10). Ele também transpassa e destroça Raab, assim como Marduk procedeu com Tiamat no poema *Enuma Elish*. lahweh é potente nas alturas e mais poderoso que o estrondo das águas e os vagalhões do Mar (SI 93:5). O mundo está assentado sobre Apsu (o oceano subterrâneo) e, no entanto, está firme e não vacila. O SI 93 foi elaborado a partir da mitologia babilônica: a vitória de Ea sobre Apsu e de Marduk sobre Tiamat. Vitorioso, lahweh se encontra acima do tumulto; seus decretos cósmicos são permanentes.

lahweh dividiu o Mar e quebrou as cabeças dos dragões (SI 74:13). Leviatã se distingue dos muitos dragões, pois ele tem muitas cabeças. “Nos poemas mitológicos de Ugarit, *Leviatan* é um monstro marinho de sete cabeças”, observa a Tradução Ecumênica da Bíblia, comentando SI 74:14. Depois de esmagar as cabeças de Leviatã, lahweh deu-as como pasto para as feras do deserto (sátiros).

“O Criador de Gn 1 é soberano que dá ordens, é artesão que faz e contempla sua obra, e esta lhe agrada. [...] O Deus criador de Gn está fora da sua criação; o desse salmo está presente nela como soberano” (BÍBLIA DO PEREGRINO, comentando o SI 104). A terra está firme – sobre um alicerce que não vacila; ela foi separada do Mar e o abismo (Tehom) é sua vestimenta

(Sl 104:5-6). Diante do bramido de lahweh (trovão), as águas fugiram. lahweh estabeleceu um limite para o Mar (v. 9 e Jr 5:22), que é imenso e é o lugar do Leviatã.

Quando irado, lahweh é prepotente com os aliados de Raab, ou seja, as legiões do Caos (Jó 9:12-13). Com seu poder, lahweh acalmou o Mar, com seu sopro, ele clareou o céu e sua mão transpassou Raab, a serpente fugitiva (Jó 26:12-13). A serpente mitológica havia obscurecido o céu; uma referência às trevas que cobriam o abismo, as quais foram dissipadas pelo vento divino (Gn 1:2). lahweh controla o vento, as águas, a chuva e o trovão (Jó 28:25-28). Ele também estabeleceu um limite para a arrogância das ondas do Mar (Jó 38:8-11). Em Jó 38:8-11 Deus impôs limites ao caos, o qual continua sendo mencionado no AT, sempre em situações de conflito.

Naquele dia escatológico, lahweh castigará com sua espada a Leviatã – a serpente escorregadia; ele matará o monstro que habita o Mar (Is 27:1). “O texto é influenciado por um poema de Ras-Shamra (século XIV a.C.) no qual se lê: ‘Tu esmagarás Leviatã, serpente esquiva, destruirás a serpente tortuosa, com sua força de sete cabeças’”, comenta a Bíblia de Jerusalém. É a vitória definitiva de lahweh sobre a serpente. “*Leviatan* é chamado *Lotan* nos poemas de Ugarit (séc. XIV), onde se depara com os qualificativos de *serpente fugitiva* (cf. também Jó 26,13) e de *serpente tortuosa*. O *Dragão do mar* é imaginado como uma serpente gigante (Am 9,3) e o nome dele é ainda entre os árabes o da constelação do Dragão”, esclarece a Tradução Ecumênica da Bíblia, comentando Is 27:1. lahweh deve despertar (Is 51:9) e se mostrar poderoso como outrora, despedaçando Raab e trespassando o dragão.

As origens do universo podem ser formuladas a partir de vários pontos de vista. O ponto de vista de Gênesis tenta avaliar o mundo em seu estado original – sem conflito com as forças do caos. Os demais textos do AT procuram compreender a realidade assim como ela é – onde a ameaça à desintegração é permanente. A vitória de Deus sobre o caos acontece todos os dias. McKenzie afirma que o ponto de vista da criação como luta contra o caos – apresentado nos textos além de Gênesis – deve ter sido o mais antigo e o mais difundido entre os israelitas (McKENZIE, 1971, p. 94). McKenzie condensou as diversas abordagens da luta de lahweh contra as forças do caos.

Em outras passagens do Antigo Testamento não são infrequentes – mas são claros – os ecos do mito de criação. Nessas alusões, lahweh é representado como divindade criadora e vencedor do combate: lahweh derrota e mata a monstruosa serpente Leviatã (Is 27,1ss); despedaça Raab e trespassa o Dragão (Is 51,9ss); as legiões de Raab devem inclinar-se diante dele (Jó 9,13); lahweh aniquila Raab trespassa a Serpente fugitiva (Jó 26,12ss); esmaga as cabeças dos monstros das águas e do Leviatã (Sl 74,13-15). Em outras passagens, o mar não é representado como abatido, mas somente colocado sob controle: é fechado com portas (Jó 38,8ss); tem seu orgulho dominado e suas ondas amansadas (Sl 89,10s); cf. também Sl 104,6ss. Se lahweh afrouxasse as rédeas que detém o monstro, o mundo não deixaria de recair no caos primitivo (McKENZIE, 1983, p.198).

A Bíblia Hebraica emprega diversos nomes para designar o caos: *Leviatã*, *Behemot*, *Raab*. A natureza é hostil e sua dinâmica incontrolável é representada pelos animais mitológicos.

*Raab* é identificada com a babilônica *Tiamat*, que representa o mar. (Jó 9:13; 26:12; Is 30:7; 51:9). Com a divisão do mar, a cabeça dos monstros foi esmagada (Sl 74:13). Esse monstro também representa as potências políticas inimigas de Deus (Sl 87:4; 89:10).

*Leviatã* é uma figura mitológica do Egito. Deus luta contra o caos (Sl 74:11-14; 89:10-12; 104:26), mas seu poder não se impõe de um modo definitivo. *Leviatã* é a designação de um monstro marinho, com muitas cabeças (Sl 74:14), que foi transpassado por lahweh. Em Is 27:1, o monstro é denominado de “dragão, serpente veloz e sinuosa e o monstro que está no mar”. *Leviatã* é identificado com o crocodilo com atributos sobre-humanos (Jó 40:25-32).

*Behemot* é o hipopótamo do rio Nilo. O hipopótamo não é domesticado pelo homem por causa de sua força. O monstro descrito com traços de hipopótamo (Jó 40:15-24) só é dominado por lahweh, que o criou (Jó 40:15). “Só seu Criador pode aproximar dele a espada”, comenta a Bíblia do Peregrino em Jó 40:19.

Os dois textos – Jó 40:15-24 e 25-32 – apresentam esta mensagem: “um hipopótamo descrito hiperbolicamente e um crocodilo com traços fantásticos. Os dois se carregam de valor simbólico: representam poderes sobre-humanos, hostis ao homem e à ordem do cosmo”, comenta a Bíblia do Peregrino.

Os hebreus conseguiram dar a sua característica original ao mito babilônico adaptando-o à sua fé monoteísta. Com a adaptação dos mitos babilônios ao AT, fica sempre evidente que o Deus dos hebreus transcende a obra criada. Mesmo sendo obra de Deus, a criação é afetada pelo caos.

Avaliando e contrapondo os relatos da criação, Estrada constata que

Não se trata de uma criação perfeita e consumada, nem tampouco de um mundo caótico. Deus estabelece limites para o caos, mas não o elimina. Ele é o sustentáculo de um mundo dotado de ordem e de sentido para o homem, mas não o autor de um mundo harmônico em que o mal não existe. Essas imagens, presentes também em outros textos proféticos criacionistas (Is 27,1; 51,9), talvez se contraponham à ideia de uma criação perfeita e acabada, como a que é indiretamente sugerida no livro de Gênesis (ESTRADA, 2004, p. 91).

#### 1.5A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DA REALIDADE, A MITOLOGIA FAZ ESTE REGISTRO: O MAL FOI SUPERADO, MAS NÃO FOI ELIMINADO

O caos pode retornar, para desestabilizar a criação de Deus. “Abalaste a terra, fendeste-a; repara-lhe as brechas, pois ela ameaça ruir” (Sl 60:2). A vitória de Deus é sempre parcial, afirma Estrada, pois o caos sempre pode retornar e desestabilizar o universo criado.

No Gênesis, Deus ordena o mundo a partir do caos informe e estabelece a luz a partir das trevas (Gn 1,2), que expressam tanto a situação desordenada do mundo, antes da ação criadora, como a sobrevivência do mal mítico, apesar da criação (ESTRADA, 2004, p. 66).

No templo de Jerusalém havia “o mar de fundição” (1 Rs 7:23-36). Esse reservatório de água era uma representação simbólica do mar primordial. O significado cósmico refere-se ao oceano rebelde e dominado por lahweh, que derrotou as forças do caos. A presença desse símbolo no templo destinava-se a transmitir a mensagem de que a humanidade é preservada pela providência de lahweh.

O israelita queria compreender a sua situação existencial e se localizar dentro da realidade. A cosmogonia da época representava a terra cercada de águas do caos, as quais podem transbordar e destruir a criação. “Era em um mundo ameaçado que a história de Israel se desenrolava” (von RAD, 2006, p. 150). Gunneweg constata que a religião israelita proporcionava uma orientação de vida.



Desse modo, essa religião se mostra como um sistema de segurança da existência em vista de um risco abrangente (caos, morte, águas originárias, estepe) ou de fenômenos ameaçadores isolados (deuses, espíritos, demônios e outras tenebrosidades) (GUNNEWEG, 2005, p. 69).

Contando com a existência do caos, o israelita desenvolvia uma hermenêutica da realidade, amparando-se em sua fé em lahweh para enfrentar os perigos. Com suas adversidades, a existência humana foi o maior incentivo para que o hebreu se identificasse com o mito da luta contra o caos. Delimitando o caos, observa Estrada, Deus proporciona ordem e sentido para a sua criação – mesmo que esta não seja “perfeita e consumada”. O mal continua a existir, mas o caos se defronta com limites. A atuação combativa de Deus proporciona ordem e sentido ao mundo (ESTRADA, 2004, p. 91).

Por ora, nem tudo está submetido a Deus, sendo a sua onipotência restrita. O caos continua resistindo a Deus, que precisa sobrepujá-lo. A criação de Deus ainda não chegou à sua plenitude. O plano de Deus se abre para o futuro. “Não há uma justificação teórica do mal, e sim um engajamento existencial e prático de Deus, que não deixa o homem abandonado à experiência do sofrimento” (ESTRADA, 2004, p. 92).

A criação é uma vitória, mas ela nunca é definitiva. O caos ocupa sempre de novo um espaço. A mitologia aponta para esse equilíbrio entre criação e caos. “No mito mesopotâmico, os dois princípios, o da criação e o do caos, se equilibravam: a vitória da divindade criadora nunca era definitiva, porque ela devia ceder também ao caos em seu turno” (McKENZIE, 1983, p. 196). Gunneweg também aponta para a continuidade da atividade criadora. “A vitória do deus criador Baal não é definitiva; ele tem de lutar pela preservação de sua vitória, pela manutenção da vida” (GUNNEWEG, 2005, p. 66).

#### 1.6 OS RELATOS DE GÊNESIS NÃO CONHECEM A IDEIA DE UMA CRIAÇÃO A PARTIR DO NADA

Uma vez que em Gênesis o caos está aí, sem uma explicação a respeito de sua procedência, desponta o questionamento a respeito da doutrina da criação a partir do nada. McKenzie pergunta se o relato de Gênesis sustenta a declaração de que Deus criou o universo a partir do nada.

Não se trata de que o autor de Gn negue a criação a partir do nada. Mas é extremamente improvável que o afirme. Como ensina a teologia moderna, a criação a partir do nada pressupõe uma filosofia da natureza que os hebreus não possuíam (McKENZIE, 1983, p. 197).

Também Gunneweg aponta para o caráter da luta presente no agir criador de Deus, descartando a ideia de uma criação a partir do nada, pois o oponente à ação criadora é o mar.

No contexto desse pensamento mítico, a criação não é a criação do existente a partir do nada, a *creatio ex nihilo*, mas a derrota por Baal daquilo que é caótico, do monstro marinho. No mesmíssimo sentido, o deus da cidade de Babilônia, Marduque, por vencer o monstro do caos Tiamat, é entendido como o deus criador (GUNNEWEG, 2005, p. 65, grifo do autor).

Discorrendo sobre o termo hebraico *barah*, que indica o agir criador e tem somente Deus como sujeito, indicando “uma ação especificamente divina”, McKenzie afirma:

Assim, por si só, o termo não indica criação a partir do nada, mas sim ação especificamente divina. O autor hebraico não estava em condições de ir além do caos informe que encontrava na mitologia mesopotâmica (McKENZIE, 1983, p. 197).

A criação não aconteceu a partir do nada, mas foi uma luta contra a ameaça do “nada”, para que o ser humano tenha um espaço vivencial. “Não se trata de um *nihil* [nada] abstrato, do qual em seguida é feito algo, mas da superação do caos como ameaça à vida” (GUNNEWEG, 2005, p. 218-19).

Tillich observa que a teologia formulou a doutrina da *creatio ex nihilo* para ressaltar o agir criador de Deus, pois os gregos consideravam a matéria eterna. “A doutrina da criação a partir do nada significava que Deus não encontrara a matéria já pré-existente quando começou a criar” (TILLICH, 1988, p. 33-34). O Deus vivo é o único princípio atuante na criação do mundo. “A matéria não é um segundo princípio, além de Deus” (TILLICH, 1987, p. 161).

### 1.7.A CRIAÇÃO DO UNIVERSO E DOS SERES VIVOS NÃO É UM EPISÓDIO RESTRITO AOS PRIMÓRDIOS, MAS UMA ATIVIDADE CONTÍNUA

A criação do universo e também a história da humanidade são a expressão da luta contínua de Deus contra as forças desagregadoras do caos. A criação é um processo contínuo. A atuação de Deus é permanente no universo, pois ele está continuamente empenhado em renovar a sua criação, mantendo-a e restaurando-a, salienta McKenzie. “Quando lahweh suspende o

seu sopro, os animais morrem; quando insufla o seu sopro, os animais são criados. Assim, lahweh renova constantemente a face da terra (SI 104,10.14s.28ss)” (McKENZIE, 1983, p. 198).

A criação aconteceu e continua acontecendo. A luta contínua de Deus contra as forças de destruição é permanente (SI 96:11-13). O Deus criador é um Deus vivo, continuamente em atividade. “A ideia de providência, portanto, vincula-se inseparavelmente à da atividade criadora de Deus como *creatio continua*” (AULÉN, 1965, p. 162).

Deus manifesta sua atividade criadora mediante o nascimento de cada ser vivo. Sua atuação é permanente e ilimitada. “O relato sacerdotal da criação expressou de modo clássico para o tempo subsequente a concepção de que Deus não tem limites com seu agir criador”, assevera Pannenberg (2009, p. 41). Essa interpretação é corroborada por Tillich, que se posiciona com clareza: “A doutrina da criação não é a história de um evento que aconteceu ‘uma vez antigamente’. É a descrição básica da relação entre Deus e o mundo” (TILLICH, 1987, p. 212).

Tillich prossegue: “Já que a vida divina é essencialmente criativa, devem ser usados os três tempos do verbo para simbolizá-la: Deus criou o mundo, é criativo no momento presente e plenificará criativamente seu *telos*” (TILLICH, 1987, p. 213).

Na condição de criador, Deus está se relacionando continuamente com sua obra. A criação aponta para o reino messiânico, quando lobo e cordeiro viverão em harmonia e a criança poderá brincar com a serpente (Is 11:1-10; 41:18-20; 43:7.18-21; 45:5-8; 7:14-25; 9:6-7). O mal será então definitivamente vencido. A expectativa pelo reino do Messias denota um reconhecimento de que a criação é imperfeita e transitória. “Surge a impressão de uma criação deficiente, na qual o mal é algo não desejado, mas historicamente inevitável” (ESTRADA, 2004, p. 67).

## 1.80 ISRAELITA CONSTATOU QUE, EM MEIO AOS PARADOXOS OBSERVADOS NA REALIDADE, O UNIVERSO SEGUE UM PLANO

O israelita observava os paradoxos e as divergências conflitantes na realidade, e constatava que – apesar de todas as discrepâncias – a criação de

Deus se desenvolve em direção a um objetivo estabelecido. A diretriz que mantém a ordem e a harmonia é a Sabedoria de Deus. A criação “caminha rumo a um fim que lhe foi estabelecido por Deus – e esse paradoxo era objeto de constante admiração dos hebreus” (McKENZIE, 1983, p. 198).

Analisando Pv 27:7; 25:15; 13:24; 23:13-14 e 20:17, G. von Rad constata: “Quando se descobria, porém, por trás desses acontecimentos ou fatos paradoxais, a existência de uma certa ordem, a satisfação era ainda mais profunda. Superava-se o caos mais uma vez” (von RAD, 2006, p. 407). Com sua atuação restritiva perante o caos, Deus protege o universo e o ser humano, para que sua criação não seja engolida e destruída.

### 1.9 A VIDA SEMPRE CONTA COM A AMEAÇA DA DESINTEGRAÇÃO, MAS DEUS CONTROLA OS LIMITES DO CAOS

Deus mantém o caos sob controle. A suspensão desse controle significaria a destruição de tudo o que é real e que é sustentado pelo alento de Deus.

Colocado sob limites, o caos pode contribuir até com a realidade, proporcionando fontes, riachos e chuva, observa G. von Rad (2006, p. 350-51).

Confrontando o poema épico *Enuma Elish* com o mito bíblico da criação, Rubem Alves analisa a etimologia dos conceitos hebraicos *tohu* e *bohu* e aborda a convivência humana com o caos – também nos dias atuais.

O quadro é sinistro. Envolvendo o belo mundo em que vivemos, que julgamos sólido e estabelecido, jazem as forças do caos. “A terra era sem forma e vazia”. Podemos pensar algo a um tempo sem forma e vazia? Apenas o Nada. Mas não o Nada da matemática, simbolizado pelo zero ou pelo conjunto vazio. Trata-se de um poder, uma ameaça. “Havia trevas sobre a face do abismo e um forte vento varria a superfície das águas” (Gên 1,1-2). O abismo, as trevas, as águas, o vento forte: símbolos de destruição e morte. Não se trata de uma fotografia de tempos imemoriais. Como já observamos, o inconsciente não conhece o tempo. Poderíamos, portanto, traduzir o princípio temporal como a *arché* grega: o princípio ontológico, o fundamento da realidade. Se esta interpretação é correta, então o mito nos está dizendo que, por detrás e debaixo do mundo sólido em que vivemos, há um vazio, um abismo que escancara a sua boca, trevas que não permitem ver e o vento que engolfa o espaço nos seus turbilhões. O cosmos se constitui a partir de uma Palavra (Dabar) criadora, e uma vez cessada a Palavra, nada há que garanta a estabilidade do estável (ALVES, 1971, p. 72, grifo do autor).

O caos não é idêntico ao “nada”, mas é a possibilidade de a realidade retornar ao “nada”; é a força bruta e insensível que pode ser observada nas ondas do mar. Quando o mar bate contra a costa, ele se assemelha a um monstro agitado dentro de sua jaula.

Para preservar sua criação, Deus acorrentou o caos. “Se Deus suspendesse o controle por um instante, o monstro cairia sobre nós e se ele escapasse, seguir-se-ia a destruição de tudo o que é real, de tudo o que é bom” (McKENZIE, 1971, p. 96).

Submetido por Deus, o mar deve obediência ao Criador (Pv 8:29), que colocou a areia da praia para servir de limite (Jr 5:22). Diante da Palavra de Deus todos os poderes de destruição precisam retroceder (Sl 29:8). A criação equivale à redenção: é a luta contra as forças inimigas da vida. A criação é idêntica à preservação (Sl 104:29-30). Toda a obra criada é ameaçada pelo caos, pelo retrocesso em direção ao nada. O universo necessita constantemente da preservação do Criador.

#### 1.10 LUTANDO CONTRA O CAOS, DEUS CRIA E SALVA O SEU POVO: A CRIAÇÃO DO UNIVERSO TEM A CONOTAÇÃO DE UM EVENTO SALVÍFICO

Os relatos da criação foram inseridos no contexto da história da salvação: a criação é ação salvífica de lahweh. “Os mitos da criação não explicam, portanto, a origem do mal, mas tentam dar-lhe um sentido à luz da ação salvadora” (ESTRADA, 2004, p. 66).

Analisando o milagre da passagem pelo Mar dos Juncos, G. von Rad observa que o termo “mar” está presente no mito da criação e também na libertação do povo através do Mar, o qual teve que recuar. Há uma identificação entre criação e libertação; ambas são uma luta contra o caos e, portanto, um evento salvífico. (von RAD, 2006, p. 136 e 176).

O povo havia experimentado o agir de lahweh na história: “a redenção da miséria do Egito é a criação de Israel a partir do caos!”, salienta Gunneweg (2005, p. 198). A partir dessa experiência, o Deus libertador também passou a ser visto como o Deus criador. Afinal, aquele que se mostrou poderoso para salvar o povo, também pode lutar contra o caos existente na natureza. Com o transcurso das intervenções divinas, entendeu-se que

lahwehtambém pode criar uma realidade nova na história, libertando o povo do exílio na Babilônia. A partir de sua experiência como povo eleito, os israelitas assimilaram progressivamente os relatos da criação. “O mito das origens interessa menos como conhecimento do passado do que como relato da atividade salvífica de Deus na história”, afirma Estrada (2004, p. 67).

Diante da coexistência entre o mal e a origem do mundo,

Ricoeur também chama nossa atenção para um efeito importante dessa visão, a saber, quando funda o mundo, o deus responsável pela façanha age como seu libertador. Assim, do ponto de vista tipológico, o mal equivale ao “caos”, ao *sem-forma*, e a salvação é idêntica à própria criação. O mal absoluto seria não existirmos. Existir já é, por si só, salvar-se do nada (SOARES, 2012, p. 67, grifo do autor).

A criação é o início da redenção. E a redenção é a plenitude da criação. Criação e redenção caminham para o mesmo objetivo: a superação gradual de todas as forças desintegradoras do caos. Em sua luta permanente contra os poderes de destruição e de morte, Deus quer preservar a vida e transmitir bênção para a sua criação. “Os escritos bíblicos testificam amplamente que Deus também quer conservar o mundo que criou” (PANNENBERG, 2009, p. 69).

Deus quer mostrar sua bondade, mas quer a obediência do povo. O distanciamento de Deus significa o retorno do caos. G. von Rad evidenciou a correlação entre a conduta do povo e a providência divina. “Mas quando Israel cessava de respeitar o caráter particular da habitação de Javé no seu meio e abusava do lugar do culto, Javé liquidava esse lugar e o abandonava ao caos dos poderes profanos da história (Jr 7.12; Mq 3.11s)” (von RAD, 2006, p. 772).

Cabe ao ser humano reconhecer o agir de Deus e se conduzir com integridade, para que sua existência esteja preservada. McKenzie apontou para uma desintegração implícita que integra a vida. “A submissão total à vontade divina integra a vida humana em nível individual e social. Se a submissão não for total, então a vida humana é abalada pela força da desintegração que nela está implícita” (McKENZIE, 1971, p. 297).

#### 1.11 COMO COADUNAR A NARRATIVA DO PARAÍSO COM O CAOS PRIMORDIAL – A PARTIR DO QUAL SE ORIGINOU ESTA REALIDADE?

O mito babilônico *Enuma Elish* considera o mal ontológico, ou seja, anterior à criação. No mito de Adão e Eva, o mal é anterior à espécie humana, pois a astúcia (a serpente) já estava presente. Sendo preexistente à criação, o mal se opõe como um poder, aproveitando-se da fragilidade existencial humana. “Parece haver uma transição que vai dos mitos que interpretam o mal como anterior ao ser humano até aqueles cujo nascedouro é o próprio ser humano”, observa Soares, (2012, p. 58). Se a existência do mal é relacionada com a transgressão e consequente culpa do ser humano, o Criador deveria ter calculado os riscos decorrentes da liberdade de sua criatura. O Criador “comete a absurda incoerência de criar a serpente que se mostra muito mais sábia e consciente do que o homem e como que surgida antes dele” (JUNG, 1979, p. 34).

Estrada observa que “a figura da serpente simboliza o caráter extrínseco do mal, é parte integrante do caos e encarna o mal anterior ao humano”(2004, p. 75). A serpente é criatura de Deus, podendo ser correlacionada com a dimensão demoníaca da divindade. “A serpente representa, nas culturas circundantes, a força hostil a Deus e a seu plano. Personificação do mal ativo, sedutor ou agressor”, comenta a Bíblia do Peregrino, acrescentando também que a serpente pode ser o “dragão nefasto”, analisando Gênesis 3.

Jung estudou o aspecto demoníaco da divindade na mitologia do Antigo Testamento. Ele revela a persistência de elementos simbólicos dos mitos de criação que estabelecem uma contradição com a concepção judaica da santidade de Deus em relação ao mal (ESTRADA, 2004, p. 75).

Quando Deus proíbe ao ser humano comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, essa proibição não deve ser analisada sob o ponto de vista pedagógico (pois seria uma péssima pedagogia). Estrada constata que a proibição visa proteger o ser humano em sua limitação, pois o conhecimento da origem do bem e do mal é da competência de Deus.

A proibição de comer do fruto do conhecimento do bem e do mal é típica do relato hebraico e não tem paralelo em outras tradições míticas. (...) Só a Deus é reservado conhecer a origem do bem e do mal e definir em que consiste. O homem é criatura e, como tal, não pode ter acesso à esfera divina (ESTRADA, 2004, p. 76).

Na conclusão de seu livro, Estrada é enfático: “O conhecimento acerca de uma criação atormentada pelo mal é de competência exclusivamente divina” (ESTRADA, 2004, p. 433).

Além disso, a narrativa do paraíso se destina a transmitir este ensinamento: o homem se encontrava no jardim na proximidade de Deus. Havia uma harmonia entre a imanência e a transcendência. No entanto, é o próprio ser humano que interrompe essa harmonia. “Deseja saber o que são o bem e o mal” (GUNNEWEG, p. 215). Ele quer saber tudo como Deus. Dispensando Deus, o ser humano queria ser como deus, observa Gunneweg. “Então se lhes abriram os olhos e reconheceram de fato. Porém, com sarcasmo mordaz e incrível plasticidade, o Javista acrescenta: reconheceram que estavam nus. É assim que acaba a tentativa do ser humano de ser deus” (GUNNEWEG, 2005, p. 215).

A narrativa também quer transmitir o ensinamento de que a ameaça contra a existência humana não é só externa – provinda da natureza –, mas é provocada pelo próprio ser humano. Além das adversidades que sempre rondam a existência humana, o homem acrescenta mais dificuldades, provocando desintegração. O ser humano se alia mais ao caos do que a Deus.

O mito babilônico recebe um acréscimo: o ser humano também é uma ameaça à boa criação de Deus, reitera Gunneweg.

O ser humano, que deseja ser pessoalmente como Deus e, por isso, senhor de sua vida, torna-se inimigo de si próprio e de Deus. Ameaça a si mesmo e ao mundo. Isso inverte completamente a ponta original do mito. Uma ameaça de fora é transformada em ameaça de dentro (GUNNEWEG, 2005, p. 218).

A reflexão de Tillich focaliza a transição da essência para a existência, concentrando-se também na liberdade finita. Nos relatos bíblicos, a transição da essência para a existência é atestada nas vocações divinas que se tornam efetivas antes do nascimento da pessoa (Is 49:1; Jr 1:5; Lc 1:15; Gl 1:15).

Criação e Queda coincidem na medida em que não existe um ponto no tempo e no espaço no qual a bondade criada se atualizasse e tivesse existência. Essa é uma consequência necessária da rejeição da interpretação literal da história do paraíso (TILLICH, 1987, p.277).

O mito do paraíso brota dos arquétipos do inconsciente coletivo: o ser humano passou da essência para a existência; ele saiu do paraíso para entrar nesta realidade. E agora anseia retornar ao infinito. “O homem sabe que é finito, mas que está excluído de uma infinitude à qual não obstante lhe pertence” (TILLICH, 1987, p. 175). Enquanto a finitude é real, a infinitude é potencial e, por isso, ele pergunta pelo infinito. “O homem deve perguntar pelo



infinito do qual está separado, embora lhe pertença; ele deve perguntar por aquilo que lhe dá coragem de assumir sua ansiedade sobre si mesmo” acrescenta Tillich (1987, p. 176).

## 1.12 O ASPECTO DEMONÍACO DA DIVINDADE

Judaísmo, cristianismo e islamismo, as três grandes religiões do Ocidente, desenvolveram-se a partir do rigoroso monoteísmo hebraico. Esse dado mostra a importância do estudo do desenvolvimento histórico do conceito de Deus na Bíblia Hebraica, um tema que é apresentado por Soares (2012, p. 91-94), mostrando que o culto a *lahweh* se desenvolveu desde a experiência tribal até o monoteísmo absoluto – de amplitude universal.

Nos primórdios da história de Israel destacaram-se duas divindades: *El* e *lahweh*. A evolução do conceito de Deus teve início com os grupos siropalestineses, que originaram a formação do povo de Israel. Entre esses grupos, *El* era o rei dos deuses e o criador do mundo. Sua esposa era a deusa *Ashera*. Ambos zelavam pelos ciclos da natureza.

*lahweh* era o protetor da região entre o mar Morto e o mar Vermelho. Nesse deserto montanhoso, *lahweh* se manifestava mediante terremotos e tempestades. Ele protegia os beduínos.

O intercâmbio entre os povos do deserto e os da planície ensejou que as duas divindades fossem fundidas em um único Deus. Uma ilustração desse processo é o nome do profeta Elias, que significa *El é lahweh*. Esse novo Deus exigia a rigorosa observância das prescrições rituais, como se observa em Ex 3 e 4 (Moisés teve que tirar as sandálias e o filho de Zípora teve que ser circuncidado). O não cumprimento do ritual provoca o mal e a morte.

Entre 900 e 600 aC, os profetas anteriores ao exílio e a teologia do Deuteronômio desenvolveram a noção do rigoroso monoteísmo hebraico: Deus se ocupa com todos os acontecimentos e não apenas com rituais e âmbitos sagrados. Ele zela, sobretudo pela justiça. O Deus da aliança quer um povo ético, fiel e sincero (Dt 26:5-9). O Deus justo e misericordioso dá mandamentos ao seu povo. O mal passa a ser visto como consequência da violação da aliança. Deus dirige a natureza e os acontecimentos, e ao povo cabe a

adoração exclusiva e a prática da justiça. É salientada a distinção entre bênção e maldição. O ser humano pode se empenhar para a superação dos males.

O exílio provocou uma revisão teológica: existem acontecimentos que ultrapassam as consequências de uma conduta ética. Seria o deus babilônico Marduk mais poderoso que lahweh? Por que os justos sofrem tanto? (Sl 73, Jó, Eclesiastes). Israel afirmou então o monoteísmo absoluto (Is 40-55 e Gn 1-2). (SOARES, 2012, p. 91-94).

Estrada observa que “o dualismo é incompatível com o rigoroso monoteísmo hebraico” e, portanto “não resta outro remédio senão atribuir a Javé a origem do bem e do mal (Am 3,6; Is 45:7)”(ESTRADA, 2004, p. 69). O monoteísmo hebraico considera Deus como o causador das desgraças (Ex 11:4; Lv 26:26; Dt 28:22; Am 3:6; Lm 3:38; Ec 7:14), mas também apresenta lahweh como o Deus que luta contra o caos, eximindo-o da existência do mal. Estrada acrescenta (2004, p. 70) que no AT também são mantidos “traços de crueldade do Deus aniquilador” (Nm 24:8; Js 3:1-10; Is 63:1-6; Ex 12:12.23.29; 4:24; 1 Sm 15:2-3.18-19). Os “resquícios do aspecto demoníaco do divino e de sua hostilidade para com o homem” (ESTRADA, 2004, p. 70) perpassam o AT (1 Sm 2:6-7; Sl 94:1; 79:10; 149:7; Jr 15:15; 51:6.36) e também o NT (Hb 10:31; 12:29; Rm 1:18.24.28-32; 9:13.18-22).

Estaria o Criador delimitando a liberdade humana em seu desejo de ser como Deus, ou teria ele ciúme dessa possibilidade? Em vista do inusitado comportamento de lahweh diante das provocações de Satanás, submetendo Jó a objeto de uma aposta, Jung aventava a possibilidade do ciúme divino em relação ao homem, suspeitando que o mesmo pudesse “possuir uma luz infinitamente pequena, mas não obstante mais concentrada do que a dele”(JUNG, 1979, p. 16-17). Miles é enfático: “É estranho dizer isso, mas Deus não é nenhum santo. Muitas objeções podem ser feitas a seu respeito e já houve várias tentativas de melhorá-lo” (MILES, 2009, p. 15).

Também ocorre que uma “segunda redação procura eliminar os traços malignos da divindade” (ESTRADA, 2004, p. 70), o que fica evidente na comparação entre 2 Sm 24:1.15-16 e 1 Cr 21:1;14-15). Em 2 Sm 24:1 lê-se: “A ira de lahweh se acendeu contra Israel e incitou Davi contra eles: ‘Vai’, disse ele, ‘e faz o recenseamento de Israel e de Judá’”. O povo foi vítima de uma

peste e então buscou-se uma causa. Para o rigoroso monoteísmo hebraico, a peste não poderia ter sido provocada por uma outra divindade. Toda a realidade está submetida a lahweh, o único causador de todos os acontecimentos.

No entanto, a dimensão demoníaca de Deus nunca é completamente erradicada. “Jung, por sua vez, analisa a simbologia divina do Antigo Testamento: Satanás é a personificação de uma função divina, que se destaca de Deus como uma entidade contraposta” (ESTRADA, 2004, p. 70). Pesquisando esse tema nas diversas religiões, Jung afirma: “Na tradição persa, Ahriman nasceu de um pensamento de dúvida de Ahuramazda” (1979, p. 16).

O mito da queda dos anjos (Gn 6:1-4) é uma proposta dualista que foi inserida no rigoroso monoteísmo hebraico. “Persiste a tendência de personificar a origem do mal em alguém externo a Deus” (ESTRADA, 2004, p. 71). Mas o dualismo é incompatível com o monoteísmo.

O AT é ambíguo na abordagem da correlação entre Deus e o mal. Quando Deus educa o homem castigando o erro, ele destrói como uma traça o seu bem mais precioso, afirma oSl 39:12 – assim comentado pela *Bíblia do Peregrino*.

A ação de Deus se mostra aqui enigmática e perturbadora. Primeiro, porque o autor é Deus, numa ação desintegradora oposta à ação criadora ou plasmadora. Segundo, pela comparação animal, que sugere a lenta, eficaz e irresponsável ação de consumir: ver Os 5,12; Jó 13,28. Terceiro, pelo objeto: aquilo que o homem deseja ou aquilo que faz o homem desejável, no qual a fome impiedosa de Deus parece saciar-se: comparar com Jó 10,8s. (BÍBLIA DO PEREGRINO).

O ser humano sempre se defrontou com uma mescla de bem e mal. A origem dessa condição existencial trágica remonta à divindade. O politeísmo responde a essa ambiguidade com a concepção de deuses contrapostos. Estrada observa que, diante da proposta do politeísmo, cabe ao monoteísmo se defrontar com

um único Deus ambíguo, no qual o bem e o mal subsistem. A ideia de um mundo imperfeito dificilmente se concilia com a concepção hebraica de um criador perfeito. Como é possível que o Deus santo dê origem ao mundo imperfeito, em que reina o mal? O mito trágico oscila entre a face maligna da divindade e as contradições dos deuses (ESTRADA, 2004, p. 72).

Ao exigir sacrifícios, Deus mostra a sua outra face. “As catástrofes naturais são encaradas como um castigo divino pelos pecados humanos, e os sacrifícios são necessários, pois só eles são capazes de apaziguar Deus” (ESTRADA, 2004, p. 177). O pecado humano desencadeia a agressividade de Deus, que envia o dilúvio. “Só por meio de sacrifícios expiatórios é que se pode aplacar o Deus violento (Nm 17,11; 2 Sm 24)”, acrescenta Estrada(2004, p. 177).

Quando Isaque não precisou ser sacrificado, foi superada uma concepção arcaica de sacrifício. “O novo pacto e a bênção divina só se tornam possíveis justamente porque o filho de Abraão não foi sacrificado. O texto tem como substrato histórico um primitivo ritual de tribos, que posteriormente darão origem a Israel” (ESTRADA, 2004, p. 178). A Lei de Moisés proibia os sacrifícios humanos, mas os israelitas reincidiam nessa prática. Jefté fez um voto a lahweh: “Se entregares os amonitas nas minhas mãos, aquele que sair primeiro da porta da minha casa para vir ao meu encontro quando eu voltar são e salvo do combate contra os amonitas, esse pertencerá a lahweh, e eu o oferecerei em holocausto” (Jz 11:30-31). lahweh deu a vitória a Jefté e este teve que cumprir seu voto: ofereceu em holocausto a sua única filha. Por que lahweh aceitou esse voto? A *Bíblia do Peregrino* apresenta este comentário:

É um momento da história que chega a nos comover. Mas também nos perturba. Essa moça é vítima de religiosidade autêntica, ou de preconceitos religiosos? É vítima oferecida ao Senhor da vida e da salvação, ou a um deus da guerra e da morte, um deus cruel que cobra as vitórias com vidas inocentes e jovens? (BÍBLIA DO PEREGRINO).

Gradualmente se impôs a convicção de que o antigo ritual de sacrifícios humanos foi revogado e substituído pelo de animais, pois Deus se manifesta como protetor da vida humana. “Os profetas enfatizam constantemente que Deus não quer sacrifícios, e, sim, justiça (Am 5,21-25; Os 6,6; 8,11-13; Mq 6,6-8; Is 1,10-17; Jr 7,21-28)”, observa Estrada, acrescentando: “A evolução religiosa do Antigo Testamento pouco a pouco se distancia do culto sacrificial” (2004, p. 178).

No Antigo Testamento, há uma progressiva dinâmica anti-sacrificial e antiviolença. A crítica anti-sacrificial depende da espiritualização da concepção de Deus. O objetivo é superar as ambíguas projeções populares sobre um Deus ameaçador, só aplacável por meio de sacrifícios (ESTRADA, p. 179).

A morte de Jesus significa o fim dos sacrifícios cruentos, pois o véu do Templo se rasgou (Mt 27:51).

O livro de Jó transmite uma reflexão teológica amadurecida, salientando que tanto o bem como o mal procedem de Deus. O ser humano precisa conviver com essa arbitrariedade divina. A aposta entre Iahweh e Satã custou a Jó a perda de sete filhos e três filhas. O livro de Jó “apresenta uma imagem sombria e até mesmo cruel da divindade” (ESTRADA, 2004, p. 83). Jó vivia tranquilo e foi esmagado por Deus, que o agarrou pela nuca e o triturou (Jó 16:12). “Surge assim a trágica problemática do homem face a face com o Deus maligno” (ESTRADA, 2004, p. 83). Deus é fascinante e temível, a ponto de Jó exclamar: “Fica longe de mim, para que eu tenha um instante de alegria” (10:20) e “afasta de mim a tua mão e não me amedrontes com teu terror” (13:21).

Em vez de admitir a imperfeição da ordem da criação, representada pela dor de Jó, seus amigos fazem vistas grossas à realidade empírica e introjetam a imagem de um Deus persecutório e cruel que a própria vítima teria de assimilar e com a qual deveria se reconciliar (ESTRADA, 2004, p. 85).

Além de situar em Deus a origem do mal, o livro ressalta o comportamento desapiedado de Deus, que “caçoa da desgraça do inocente”, deixa os perversos dominarem e faz vistas grossas em relação aos governantes (9:23-24). Esse texto recebe o seguinte comentário da Bíblia do Peregrino: “O agir de Deus é deixar que ajam as catástrofes cegas e os homens perversos; as catástrofes naturais não distinguem entre culpados e inocentes; os perversos distinguem, mas contra o inocente”. A hostilidade da natureza causa perplexidade, mas a complacência de Deus com os perversos é totalmente incompreensível.

Assim como o monte desmorona e o solo e as rochas se desgastam, do mesmo modo Deus destrói a esperança do homem (Jó 14:18-19). Uma vez que sempre há uma causa para o sofrimento, Jó acusa Deus. “Alguém tem de ser culpado, Jó ou Deus”, declara Estrada, (2004, p. 87). O dilema é este: ou existe um “nexo entre sofrimento e culpa” ou deve-se “admitir a arbitrariedade do mal” (ESTRADA, 2004, p. 87). Jó é induzido a interpretar o seu sofrimento a partir da doutrina da retribuição. Diante de um sofrimento injustificável, ele incrimina Deus. Não encontrando a causa em si próprio, Jó se defronta com um Deus maligno.

O criador da vida acaba se tornando ameaçador, a ponto de Jó querer se distanciar desse fardo insuportável. Em meio ao sofrimento injustificável, Jó procura alguém que o defenda. Jó recorre a uma testemunha no céu, que o defenda de Deus (16:19-21). Jó procura um mediador, pois Deus é parte do processo. Em seu sofrimento, ele clama pedindo uma reparação. Mesmo morto, ele espera sua justificação (19:25-27). Ele só espera que lhe seja feita justiça.

Jó não rompe com Deus, mas o acusa e o censura. Ele invoca Deus para defendê-lo da arbitrariedade divina. Ele não se afasta de Deus e “apesar das demonstrações da ira divina, continua confiando em um Deus incompreensível” (ESTRADA, 2004, p. 89).

No epílogo, Deus repreende os amigos de Jó, que se mostraram insensíveis ao sofrimento humano. O reconhecimento de que Jó falou corretamente (42:7-9) é um indício de que nem Deus quer a submissão acrítica perante o sofrimento. As queixas de Jó são legítimas. O antigo paradigma religioso, defendido pelos amigos, não justifica Deus. O esquema do pecado e do castigo não explica o sofrimento, que continua sem sentido, o que é comentado com clareza por Cohélet: “Já vi de tudo em minha vida de vaidade: o justo perecer na sua justiça e o ímpio sobreviver na sua impiedade” (7:16). Ele também viu “justos que são tratados conforme a conduta dos ímpios” e também o inverso (8:14).

Os amigos de Jó minimizaram o mal. No entanto, Deus não é indiferente ao sofrimento humano. “Como em outras ocasiões, a teologia hebraica corrige os mitos para solidarizar Deus com as vítimas, em contraposição aos teólogos que justificam o injustificável, ou seja, o sofrimento imerecido do inocente” (ESTRADA, 2004, p. 89). Acontece a reconciliação entre Jó e Deus, mas os danos são irrecuperáveis.

O ser humano não tem condições para compreender o plano de Deus (38:4-6.18-21). Ele se defronta com um mistério, que ultrapassa sua capacidade. Por ora, cabe ao homem saber que Deus subjuga o caos. A finitude humana não consegue abranger a totalidade do propósito divino (Ec 3:11; 8:17). Jung definiu bem essa relação do indivíduo com o todo. “O homem, como parte, não compreende o todo. Ele é subordinado a ele, está à sua mercê. Quer concorde ou se revolte, está preso ao todo, cativo dele. Depende

dele, e sempre tem nele seu fundamento” (JUNG, 1975, p. 305). O ser humano é levado a se defrontar com os limites do seu conhecimento. Ele está integrado na totalidade, mas não consegue abrangê-la. “Manifesta-se assim a incompreensibilidade da criação. Vão é o esforço autônomo da razão por conhecer o porquê e para quê do universo” (ESTRADA, 2004, p. 90).

O ser humano se defronta com o desafio de conviver com esta realidade: um universo aberto e inconcluso; tudo está a caminho, inclusive Deus.

A perplexidade diante de uma criação ainda dilacerada pela maldade em grau tão extremo é uma constante na vida do fiel, infundindo-lhe apreensão e incitando-o ao desafio. É preciso que aprendamos a conviver com essas questões sem resposta e apostemos na fé (ESTRADA, 2004, p. 434).

Uma vez aceito o limite do entendimento humano em relação à totalidade, o ser humano deve entender o quanto é limitada qualquer explicação racional do mal. “Não há justificção racional do mal, mas, sim, da validade racional da fé e do compromisso esperançoso a que ela dá origem” (ESTRADA, 2004, p. 435).

Jó é levado a compreender sua limitação para avaliar a criação de Deus (39), onde o mal se faz presente. “A culpa de Jó é de ignorância atrevida; julga sem compreender e condena sem alcançar o desígnio total; denigre o difícil e declara arbitrário o que ele não consegue refletir; não reconhece a última dimensão impenetrável” comenta a Bíblia do Peregrino analisando o cap. 38. E Jó deve compreender que Deus está em luta permanente contra o caos, que não é de sua vontade, derrotando Behemot (40:15-24) e Leviaã (40:25-32). Apesar da dimensão trágica da existência humana, Deus é solidário na luta contra o caos, constata Estrada (2004, p. 91). Depois de experimentar toda a adversidade existencial, Jó é levado a compreender que Deus está em permanente luta contra o caos, mostrando-se solidário com a condição humana. Com a presença permanente do mal, resta a constatação de que a criação do mundo é incompreensível.

O final do livro mostra que Deus é solidário com o sofredor, declarando aos amigos de Jó que o sofrimento não deve ser minimizado. E Jó precisa aprender que o conhecimento humano é limitado, pois não consegue abranger a atividade do Criador.

### 1.13 ENFIM, A PERGUNTA: COMO SURTIU O CAOS?

O poema *Enuma Elish* influenciou Homero, Hesíodo e também o pensamento hebraico. “Nessa última tradição, o mal – simbolizado pelo caos – está presente desde os primórdios, e frequentemente se acha enraizado na própria divindade. O caos é anterior ao mundo e à história” (ESTRADA, 2004, p. 60). Nas antigas teogonias, o bem e o mal têm suas raízes na própria divindade; o caos e a ordem travam um combate.

A *Teogonia* de Hesíodo principia com a geração do Caos. A anterioridade do caos é ontológica; onde o ser se manifesta, o não-ser também está presente. O caos é uma condição da realidade, estando presente antes de qualquer configuração. Onde surge a vida, a desintegração também está presente.

O *Tao-te King*, escrito pelo sábio chinês Lao-Tzu, no século V aC, principia com o Indeterminado, a Unidade Primordial, ou seja, quando ainda não havia a dualidade.

O *Tao* que pode ser pronunciado  
 não é o *Tao* eterno.  
 O nome que pode ser proferido  
 não é o Nome eterno.  
 Ao princípio do Céu e da Terra chamo “Não-ser”.  
 À mãe dos seres individuais chamo “Ser”.  
 Dirigir-se para o “Não-ser” leva  
 à contemplação da maravilhosa Essência;  
 dirigir-se para o Ser leva  
 à contemplação das limitações espaciais.  
 Pela origem, ambos são uma coisa só,  
 diferindo apenas no nome.  
 Em sua Unidade, esse Um é mistério.  
 O mistério dos mistérios  
 é o portal por onde entram as maravilhas.

(LAO-TZU, *Tao-te King*, Primeira parte, I, p. 37).

O sinólogo alemão Richard Wilhelm destacou-se no estudo do *Tao-te King*. Seguem algumas observações de seu comentário na introdução da obra. Wilhelm observa que na reflexão de Lao-Tzu estava presente a questão do Ser e do Não-ser. O Ser transcende o existir, pois o *Tao* não se esgota nas coisas.

No mesmo sentido também deve ser entendido o “não-ser” de Lao-Tzu; este não é simplesmente o nada, mas algo



qualitativamente distinto do “existir”. O *Tao* está no interior de todas as coisas, mas não é ele próprio uma coisa; por isso a sua ação é também essencialmente qualitativa (WILHELM, 1995, p. 28, grifo do autor).

O *Tao* é anterior aos antagonismos e às polaridades. A realidade é caracterizada pelo movimento que se converte no seu oposto.

Resta ainda mencionar que a eternidade do *Tao* baseia-se no fato de que todos os seus movimentos retornam para o interior de si mesmo. Através dele anulam-se todos os antagonismos, porque estes se compensam mutuamente, convertendo-se cada movimento no seu oposto (WILHELM, 1995, p. 29).

Refletindo sobre a Totalidade, Lao-Tzu principia com a unidade. “O ponto de partida da filosofia de Lao-Tzu é a unidade; nesse sentido, ele é decididamente monista” (WILHELM, p. 30). Toda a realidade tem sua origem nessa unidade, para a qual também tudo retorna. “Nessa unidade, os opostos são ainda indivisos e sem distinção. Ela é a mesma coisa que se costuma designar como o ‘não-princípio’, situado anteriormente ao ‘princípio dos princípios’” (WILHELM, p. 30).

Capra também se notabilizou no estudo do pensamento oriental e manifestou esta avaliação:

Os filósofos chineses viam a realidade, a cuja essência primária chamaram *tao*, como um processo de contínuo fluxo e mudança. Na concepção deles, todos os fenômenos que observamos participam desse processo cósmico e são, pois, intrinsecamente dinâmicos. A principal característica do *tao* é a natureza cíclica do seu movimento incessante (CAPRA, 1981, p. 32-33, grifo do autor).

Os padrões cíclicos abrangem toda a realidade – física e espiritual – mediante a presença dos dois opostos *yin* e *yang*. São os dois polos arquetípicos.

Observa-se uma convergência na reflexão dos pensadores que se ocuparam com a Unidade Primordial de toda a realidade. Pesquisando Plotino, Tillich sintetizou assim seu pensamento: “Para Plotino, Deus é o Uno transcendental”. O Uno mencionado por Plotino não se refere a um número da matemática, mas “indica em particular o que está além das divisões básicas da realidade” (TILLICH, 1988, p. 60). O Uno contém em si tudo aquilo que é.

O pensamento de Jakob Böhme (1575–1624) também se destacou, pois ele incorporou o mal já no próprio fundamento divino do universo. Os fundamentos primeiros devem ser procurados no Indeterminado (em alemão, *Ungrund* significa “não fundamento”), onde tudo tem a sua origem. Deus

permitiu que o mal saísse do Indeterminado (*Ungrund*) e agora também pode reabsorvê-lo em si mesmo. É um Deus trágico, que decide morrer na cruz para resgatar sua criação.

Aos 25 anos, Jakob Böhme teve uma experiência em que ele foi cercado de luz e viu que o mundo exterior e visível é gerado pelo mundo interior e também pelo mundo espiritual. Ele teve uma visão completa do universo e do caos, uma experiência difícil de ser explicada, relata William James (1995, p. 256).

O Indeterminado é anterior ao ser, antes de haver a distinção entre o bem e o mal, que caracteriza a realidade. Inclusive o ser humano vive em si mesmo a unidade original e fundamental entre Deus e o mundo. Portanto, o indivíduo é a expressão do universo em sua totalidade.

“Assim como o Criador é uma totalidade, sua criatura, e, conseqüentemente seu filho, deve também ser total”. No entanto, “houve uma cisão na totalidade”, constata Jung. E acrescenta:

A visão genial de Jacob Boehme discerniu a dualidade da imagem de Deus e colaborou assim na elaboração posterior do mito. O símbolo da mandala esboçada por Boehme representa Deus dissociado; seu círculo interior, com efeito, se cinde em dois semicírculos que se contrapõem e se dão reciprocamente as costas (JUNG, 1975, p. 288).

Quando Böhme menciona o *Ungrund* e Schelling, a Primeira Potênciapode-se deduzir que toda a realidade está integrada em Deus, também o caos. Jung se ocupou expressamente com a origem do mal e pesquisou também os gnósticos.

A questão colocada outrora pelos gnósticos: “De onde vem o mal?” não encontrou resposta no mundo cristão. [...] Mas não sabemos o que fazer e poucos são aqueles que chegam à conclusão de que, desta vez, trata-se da *alma do homem*, há muito esquecida (JUNG, 1975, p. 287, grifo do autor).

Ao afirmar que essa questão deve ser tratada a partir “da *alma do homem*, há muito esquecida”, Jung está se referindo à “sombra”, que recebeu esta definição: “A sombra personifica o que o indivíduo recusa conhecer ou admitir e que, no entanto, sempre se impõe a ele, direta ou indiretamente, tais como os traços inferiores do caráter ou outras tendências incompatíveis” (1975, p. 359). Também Schelling apontou para os dois princípios existentes no ser humano e também em Deus. Assim como o ser humano precisa tomar

consciência e se elevar com a sua melhor parte, “o mesmo vale para Deus”. Reiteradas vezes Jung apontou para a divisão dentro do próprio ser humano. “A natureza paradoxal de Deus divide o homem em seus contrários e o deixa entregue a um conflito aparentemente sem solução” (JUNG, 1979, p. 96). A cura dessa ruptura interior está no âmbito da religião. “Este Deus age através do inconsciente do homem, obrigando-o a unir e harmonizar as influências contrárias permanentes, às quais sua consciência está submetida” (JUNG, 1979, p. 98).

Em seu livro *Resposta a Jó*, Jung afirma que “Jó conhece a antinomia interior de Javé e este seu conhecimento alcança a numinosidade divina” (JUNG, 1979, p. 18). Jung também comenta a estranha aposta entre Deus e Satanás e conclui que “Jó constitui apenas a ocasião para um confronto intradivino” (JUNG, 1979, p. 20). No entanto, “O temor era ainda demasiado grande para que se ousasse – apesar da gnose de Jó – transferir a antinomia para a própria divindade” (JUNG, 1979, p. 98).

A experiência com o divino leva ao reconhecimento de que “Deus é uma ‘coincidentia oppositorum’. Tanto o amor como o temor de Deus são legítimos” (JUNG, 1979, p. 62). Esse conceito foi assim definido por Soares: “A *coincidentia oppositorum* é o esforço de captar o sagrado/divino como uma *totalidade*” (SOARES, 2012, p. 54).

Sendo Deus uma *coincidentia oppositorum*, toda a realidade deve ser avaliada a partir da função reguladora dos opostos. “Se o cristianismo reivindica para si a condição de religião monoteísta, a hipótese dos opostos presentes em Deus se faz necessária” (JUNG, 1979, p. 116). A ruptura intradivina é encontrada no ser humano e em toda a natureza, o que foi antevisto pelo grego Heráclito, declara Jung.

O velho Heráclito, que era realmente um grande sábio, descobriu a mais fantástica de todas as leis da psicologia: a *função reguladora dos contrários*. Deu-lhe o nome de *enantiodromia* (correr em direção contrária), advertindo que um dia tudo reverte em seu contrário (JUNG, 1985, p. 63-64, grifo do autor).

Por sua vez, o mito judaico é contraditório na abordagem do mal. Estrada vê nesse mito uma “contradição irresolúvel” (2004, p. 65). Também Soares aponta para essa situação ambígua. “Deus é bom e tudo o que criou é bom, mas existe o mal, simbolizado pelo caos ou pelas potências destruidoras,

que não sabemos de onde vêm, pois não são divinas nem resultam da obra criadora” (SOARES, 2012, p. 69). Essa ambiguidade também é observada no ser humano, que é constituído mediante o sopro divino e barro, tornando-se carente de redenção. Deus cria mediante a sua palavra e também atua como demiurgo.

É importante destacar que o pensamento hebraico é monista. Tudo é atribuído a Deus, pois todos os acontecimentos se desenrolam sob o controle divino, sobretudo os do âmbito da política, como se observa em Is 45:7; Lm 3:37-38; Dt 32:39; Ecl 7:14; Jó 1:21; 2:10; Am 3:6; Jz 9:23; 1 Rs 22:19-23; Is 19:14; 29:10. Se o monoteísmo hebraico não atribuísse tudo a Deus, então deveria admitir a concorrência de uma outra divindade, pois todos os acontecimentos estão relacionados com a atuação divina. O monoteísmo hebraico recebe esta caracterização de Jung: “*Ele nos cumula com o bem e o mal*, pois, do contrário, não haveria motivo para temê-lo” (JUNG, 1979, p. 103).

A dinâmica é a potencialidade de ser. Com sua análise abrangente, Tillich concluiu que a potencialidade de ser

é o poder de ser em contraste com o puro não-ser. Este conceito altamente dialético não é uma invenção dos filósofos. Ele fundamenta a maioria das mitologias e está indicado no caos, o *tohu-va-bohu*, a noite, o vazio, que precede a criação. Aparece nas especulações metafísicas como *Ungrund* (Böhme), vontade (Schopenhauer), vontade de poder (Nietzsche), o inconsciente (Hartmann, Freud), *élan vital* (Bergson), impulso (Scheler, Jung). Nenhum desses conceitos deve ser tomado conceitualmente. Cada um deles aponta simbolicamente para aquilo que não pode ser mencionado propriamente (TILLICH, 1984, p. 154, grifos do autor).

Analisando os posicionamentos da filosofia e da teologia a respeito da existência do mal, Paul Ricoeur constata que somente Schelling e Paul Tillich tiveram a ousadia de apontar o “lado demoníaco da divindade” (RICOEUR, 1988, p. 46).

Tillich afirma que o caos não pode ser conceitualizado, pois não é um ser com forma. O não-ser resiste à forma.

O elemento caótico que aparece aqui já se manifesta nos mitos da criação, e até mesmo nas histórias da criação do Antigo Testamento. Criação e caos se pertencem mutuamente, e até mesmo o monoteísmo exclusivo da religião bíblica confirma essa estrutura da vida (TILLICH, 1984, p. 423).

Onde surge a vida, o caos também se faz presente. “Em todo processo vital estruturas de criação estão misturadas com poderes de destruição de tal

forma que não podem ser separados sem-ambiguidade”, esclarece Tillich (1984, p. 424). A vida está sempre ameaçada pela desintegração. O ser precisa conviver com a possibilidade de não-ser.

## 2 A CIÊNCIA PESQUISA O CAOS

### 2.1 AS DESCOBERTAS DA COSMOLOGIA

Por volta de 13,7 bilhões de anos atrás ocorreu um evento que os cientistas denominam “Singularidade infinita”. Foi um evento notável e único. Nesse momento, apareceram o espaço e o tempo como dimensões da criação. Nada ocorreu “antes”. O *Big Bang* foi um acontecimento inédito e original. “A singularidade é muito explorável hoje em dia; ela não existia *antes* do Big Bang, já que fica fora do tempo e do espaço” (CHOPRA, 1989, p. 125). Newton entendia que o espaço e o tempo fossem dimensões nas quais a criação ocorreu, sendo recipientes estáticos nos quais o universo surgiu.

Desde a infância, o ser humano se habitua a pensar na categoria “anterior” à criação do mundo, perguntando: “O que havia antes de surgir o universo?”. Também é formulado o questionamento a respeito do que existia “antes” de Deus. Essas perguntas evidenciam um raciocínio que absolutiza o tempo, como se o mesmo fosse anterior a tudo o que existe. Na verdade o tempo surgiu a partir da realidade criada. O universo não foi criado dentro do tempo, porém o tempo surgiu dentro da criação.

Segundo a teoria do *Big Bang*, o espaço e o tempo surgiram junto com o universo, confirmando a mensagem de Gênesis e também o ensinamento de Agostinho de Hipona. “Não é um espaço newtoniano à feição de uma tigela anterior à criação e na qual esta ocorre, mas o nada entre o que é e do qual toda a realidade emerge” (BROCKELMAN, 2001, p. 76).

Portanto, a cosmologia aponta para a importância da Singularidade infinita e também surgimento do tempo e do espaço junto com o universo.

A singularidade, a explosão e a expansão do universo caracterizam o processo. “No Big Bang, o universo surgiu de uma grande explosão a partir da singularidade – assim é a teoria –, que, por analogia, devemos calcular como um ponto menor que a menor coisa que existe” (CHOPRA, 1989, p. 124).

### 2.2A HISTÓRIA DO UNIVERSO DIVIDIDA EM SEIS ESTÁGIOS

Os seis estágios apresentados por Brockelman (2001, p. 69-76), proporcionam a estrutura da exposição que segue. Pela Constante de Hubble sabemos que a expansão teve um período inflacionário: o universo dobrou de tamanho a cada fração de segundo. Trata-se da expansão do próprio tempo e espaço, que são as dimensões em expansão do próprio universo.

Imediatamente depois do *Big Bang*, a energia era infinita e a massa, zero. Parte da energia liberada pelo *Big Bang* só se tornou matéria porque algo freou sua expansão. Uma fração de segundo depois, parte dessa radiação se congelou no Campo de Higgs. A área viscosa, produzida pelo Bóson de Higgs, atrasou a expansão do universo. Sem o Bóson de Higgs, a energia liberada pelo *Big Bang* seria infinita. Essa área viscosa é denominada de Campo de Higgs, que surgiu um trilionésimo de segundo após o *Big Bang*. O menor valor do Campo de Higgs é um bóson. Interagindo com o Campo de Higgs, as partículas começaram a adquirir massa. Desse modo, foi transferida massa para outras partículas fundamentais. Com a desaceleração, a energia liberou quarks e glúons, e estes proporcionaram massa aos prótons. O próton está presente no núcleo dos átomos, sendo formado por dois quarks up e um quark down. Surgia, assim, a matéria. Com o esfriamento do universo, parte da energia se transformou em massa, originando-se as galáxias, as estrelas e os planetas. A dinâmica das partículas subatômicas é explicada pelo Modelo Padrão. (Disponível em <http://veja.abril.com.br/multimedia/video/como-funciona-o-boson-de-higgs>. Acesso em 11out. 2013). O Modelo Padrão requer que a matéria seja composta de 12 partículas: 6 tipos de quarks e 6 tipos de léptons, atuando também as quatro forças fundamentais. Essas partículas só adquirem massa ao ingressarem no Campo de Higgs, que perpassa todo o universo. Todos estão mergulhados no Campo de Higgs.

Para demonstrar a atuação do Bóson de Higgs, os cientistas construíram o Grande Colisor de Hádrons, um tubo circular com 27 km de extensão, situado 100 metros abaixo do solo, na fronteira entre a França e a Suíça. Os físicos do Cern (Centro Europeu para Pesquisa Nuclear), em Genebra, aceleraram feixes de prótons em tubos selados a vácuo. “Dois feixes de energia são disparados em direções opostas, e seu encontro gera milhões de colisões de partículas por segundo, recriando efemeramente as condições ocorridas numa fração de segundo depois do *Big Bang*” (Disponível em

<http://noticias.terra.com.br/mundo/particula-de-deus-analise-indica-que-boson-de-higgs-foi-mesmo-encontrado.34effd69c456d310VgnCLD200C>. Acesso em 11 out. 2013). As partículas subatômicas são arremessadas em velocidade próxima da percorrida pela luz, para recriar a energia que existia no início do universo, produzindo novas partículas, entre elas, o Bóson de Higgs. (Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/2012-07-04/perguntas-e-respostas-sobre-o-boson-de-higgs.htm/>, Acesso em 11 out. 2013). Os choques, que acontecem perto da velocidade da luz, liberam energia pela dilaceração dos prótons. O Bóson de Higgs está entre as partículas formadas na colisão, mas é difícil detectá-lo, pois ele some rapidamente. Com a experiênciarealizada no Cern foi comprovada a existência do Bóson de Higgs.

A matéria foi gerada  $10^{-43}$  segundo depois do *Big Bang*. Os quarks são as partículas mais elementares e a  $10^{-6}$  segundo eles se combinaram para produzir prótons e nêutrons. “Nesse primeiro nanossegundo surgiram as quatro forças fundamentais do universo (força gravitacional, força nuclear forte, força nuclear fraca e força eletromagnética) juntamente com as partículas chamadas fótons” (BROCKELMAN, 2001, p. 71).

No universo operam quatro forças fundamentais, que são:

- a constante estrutural (**a**) é a força do eletromagnetismo;
- a constante gravitacional de Newton (**G**) é a força da gravidade;
- as forças fortes (**g<sub>s</sub>**) mantêm o núcleo dos átomos reunido;
- as forças fracas (**g<sub>w</sub>**) controlam as interações dos neutrinos e são responsáveis pela radioatividade.

A força gravitacional é a mais fraca, mas é a mais abrangente, pois está presente no universo inteiro. Ela explica a atração entre dois corpos e também o equilíbrio entre as galáxias. A força gravitacional faz girar os corpos celestes. “A força gravitacional é a responsável pela ordenação do macrocosmo. Ela mantém associadas entre si as estrelas nas galáxias e os planetas, inclusive a Terra, em sua órbita ao redor do Sol” (MOURÃO, 1988, p. 39).

A força eletromagnética faz os elétrons girarem ao redor do núcleo, assim como a Terra ao redor do Sol. Essa força atua entre partículas com carga elétrica. Ela é muito forte. A força eletromagnética é responsável pela eletricidade e pelo magnetismo. Ela permitiu a descoberta da transmissão de



rádio e da tecnologia de comunicação. “Ela mantém associadas as partículas elétricas nos campos magnéticos. É a interação eletromagnética que mantém as partículas elétricas negativas (elétrons) ao redor do núcleo dos átomos constituídos de nêutrons e prótons” (MOURÃO, 1988, p. 40).

As outras duas forças não podem ser percebidas diretamente, pois sua ação ocorre nos núcleos atômicos. A força nuclear fraca é responsável pela radioatividade. Ela participa na produção de energia das estrelas e do Sol. A interação fraca é responsável pela radioatividade e pela energia das estrelas.

A interação forte mantém os prótons e os nêutrons juntos no núcleo do átomo. Ela impede que os núcleos atômicos venham a explodir por causa da repulsão eletrostática dos prótons. A força nuclear forte é responsável pela coesão dos núcleos dos átomos. É a mais poderosa de todas as forças, impedindo a dispersão dos núcleos atômicos e evitando uma catástrofe nuclear. (BOFF, 2008, p. 22-23).

Assim atuam as quatro forças fundamentais do universo. O universo todo era uma sopa extremamente quente. A expansão aconteceu em altíssima velocidade. A partir dessa sopa de radiação e matéria surgiram as galáxias e as estrelas. No interior das estrelas são produzidos oxigênio, carbono e nitrogênio, os elementos necessários para a vida.

Esses quatro campos de força interagem entre si no universo. As quatro forças fundamentais interagiram com uma intensidade que possibilitou o ambiente favorável para o surgimento da vida.

Se a força nuclear forte tivesse sido menos intensa, ainda que ligeiramente, teríamos apenas hidrogênio no Universo. Se a força tivesse sido mais intensa, ainda que ligeiramente, todo o hidrogênio teria se convertido em hélio. Em ambos os casos, as estrelas estáveis e os componentes como a água não poderiam ter se formado. Do mesmo modo, a força nuclear é apenas suficiente para a formação do carbono; mas, se tivesse sido ligeiramente mais intensa, todo o carbono teria se convertido em oxigênio. O elemento carbono tem várias propriedades cruciais para o posterior desenvolvimento da vida orgânica como a conhecemos (BARBOUR, 2004, p. 78).

A cosmologia passou a pesquisar o “ajuste fino” entre as quatro forças gravitacionais. “As magnitudes de todas essas constantes devem ser firmemente delimitadas caso se queira um universo capaz de produzir vida” (POLKINGHORNE, *O Princípio Antrópico e o debate entre ciência e religião*,

Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>,>. Acesso em 05 out. 2012).

Se a força nuclear fraca ( $g_w$ ) fosse um pouco menor, “o universo primitivo teria convertido todo o seu hidrogênio em hélio antes mesmo de esfriar a um grau abaixo da temperatura na qual os processos cósmicos nucleares cessam”, afirma Polkinhorne. Nesse caso, não haveria água e só existiriam estrelas de hélio – com duração insuficiente para o desenvolvimento da vida em seus planetas. Se a força nuclear fraca ( $g_w$ ) “fosse um pouco maior, as explosões de supernovas teriam sido inibidas” (POLKINGHORNE, *O Princípio Antrópico e o debate entre ciência e religião*, Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>,>. Acesso em 05 out. 2012).

As quatro forças fundamentais e as cerca de quinze constantes físicas determinam as propriedades do universo. Os três primeiros minutos foram decisivos, surgindo então os núcleos de hidrogênio e de hélio. E assim constituiu-se 98% da massa do universo.

Um universo muito simples produziria apenas hidrogênio e hélio, elementos insuficientes para proporcionar a base da vida.

Esta requer mais de vinte outros elementos, o carbono acima de tudo, cujas propriedades químicas possibilitam a formação de longas moléculas em cadeia que fornecem a base bioquímica da vida. O único lugar no universo onde o carbono é feito é o interior das fornalhas nucleares das estrelas. Todos os seres vivos são feitos de poeira estelar. Desembaraçar a cadeia de interações nucleares pelas quais o carbono e os elementos pesados são produzidos foi um dos triunfos da astrofísica do século XX. Fred Hoyle foi um pioneiro neste trabalho (POLKINGHORNE, *O Princípio Antrópico e o debate entre ciência e religião*, Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>,>. Acesso em 05 out. 2012).

Como ocorre a produção de elementos mais pesados que o ferro, o que dentro de uma estrela não é possível? E como os elementos mais leves podem sair de dentro de uma estrela que os produziu? Essas questões são resolvidas mediante a explosão de uma supernova. Portanto, os seres vivos, incluindo os humanos, são formados de cinzas de estrelas mortas. Mas a força nuclear fraca ( $g_w$ ) teve que ser apropriada.

Deve haver uma proporção adequada entre eletromagnetismo (**a**) e gravidade (**G**) para que as estrelas não se extingam queimando em poucos milhões de anos – não podendo assim viabilizar a vida.

Logo após o *Big Bang* foi necessário um equilíbrio entre a contração gravitacional (para aglutinar a matéria) e a expansão (incluindo a constante cosmológica (**1**), antigravidade que causa uma repulsão na matéria). Se não houvesse esse “ajuste-fino”, o *Big Bang* teria desembocado num *Big Crunch*.

Uma “minúscula assimetria” entre antiprótons e prótons ocasionou a possibilidade do mundo material. Essa assimetria fundamental foi assim descrita por Barbour:

Para cada bilhão de antiprótons no Universo inicial, havia um bilhão de prótons mais um. Os dois bilhões aniquilaram-se mutuamente e produziram radiação, restando apenas um próton. Um número de sobreviventes maior ou menor – ou nenhum sobrevivente (se as qualidades tivessem sido iguais) – teria tornado o nosso tipo de mundo material impossível. Se as leis da física entre as partículas e antipartículas são simétricas, por que houve essa minúscula assimetria? (BARBOUR, 2004, p. 78).

Com seu dinamismo, a realidade testemunhou o surgimento interessante de sistemas longe do equilíbrio, como foi descrito por Polkinghorne.

Uma classe particularmente interessante de sistemas à beira do caos são aqueles sistemas físicos dissipativos que se sustentam longe do equilíbrio térmico pela contínua troca de energia e entropia com seu ambiente. Todas as entidades vivas possuem esse caráter. O completo equilíbrio térmico é um estado sombrio de entropia máxima em que não há nada de interessante para acontecer (POLKINGHORNE, 2008, p. 41).

A entropia é o surgimento da desordem num sistema.

Astrônomos e físicos estão empenhados em reconstituir os eventos ocorridos no período posterior aos três minutos iniciais do *Big Bang*.

Juntando as provas da astronomia e da física de altas energias, é possível fazer uma plausível *reconstrução da histórica cósmica* para os eventos posteriores a três minutos do *big-bang*, quando os prótons e nêutrons se combinavam para formar os núcleos (BARBOUR, 2004, p. 59).

Por volta de 300 mil anos depois do *Big Bang* teve início o segundo estágio. A sopa inicial de partículas esfriou. As quatro forças fundamentais formaram partículas iniciais de hélio e hidrogênio, e estas produziram nuvens de matéria. São as nuvens encaroçadas. A radiação não tinha uma temperatura uniforme. Entre 1 a 5 bilhões de anos depois, formaram-se grupos

de sóis, constituindo 50 bilhões de galáxias dispersas. Stephen Hawking considera a medição da variação na temperatura da radiação “a mais importante descoberta científica de nosso tempo, se não de todos os tempos”. Das estrelas surgiram novos elementos pesados: carbono, oxigênio, nitrogênio, ferro. Uma estrela explosiva (supernova) ejetou esses elementos e surgiu uma segunda geração de estrelas e sistemas solares.

Quinhentos mil anos depois, os átomos começavam a surgir. Um bilhão de anos depois do início, formaram-se as galáxias e estrelas e, mais tarde, aos dez bilhões de anos, os planetas. Mais dois bilhões de anos depois, formas microscópicas de vida começavam a aparecer em nosso planeta, e a evolução biológica iniciava sua marcha (BARBOUR, 2004, p. 60).

Por volta de 9 a 10 bilhões de anos após a Singularidade infinita teve início o terceiro estágio. Uma supernova, denominada *Tiamat*, explodiu no braço Órion da Via Láctea, expelindo elementos pesados: carbono, oxigênio e nitrogênio. A explosão de *Tiamat* disparou a ignição nuclear do nosso sol, formando-se o nosso sistema solar. O sistema solar se formou a 4 bilhões e 600 milhões de anos. Portanto, essa também deve ser a idade da Terra. Durante um certo tempo, a Terra esfriou e tornou-se mais estável.

Por volta de 11 a 12 bilhões de anos atrás teve início o quarto estágio, marcado pelo surgimento das primeiras formas microscópicas de vida.

A escala de tempo da história da vida terrestre certamente é longa (3,5 a 4 bilhões de anos), mas a sequência do desenvolvimento que tem de ser acomodada dentro desse espaço é imensamente complexa, com os primeiros dois bilhões de anos ou mais sendo ocupados apenas por organismos unicelulares (POLIKINGHORNE, 2008, p. 58).

Há quatro bilhões de anos atrás surgiram os *procariotes*. Brockelman informa que

Essas algas e bactérias unicelulares que viviam das substâncias químicas no oceano regeneravam-se pela divisão celular e (pela primeira vez) desenvolveram DNA. Isso significou não apenas que essa primeira vida tinha uma memória, mas que toda a miríade de formas de vida (vegetal e animal) que ia evoluir delas pôde fazê-lo por causa dessa estrutura genética (BROCKELMAN, 2001, p. 73).

Um descendente dos procariotes, o *promethio* desenvolveu a fotossíntese, sustentando-se com a energia do sol. Outro descendente, o *prospero* passou a sobreviver com a alta porcentagem de oxigênio mediante a respiração. Por volta de 700 milhões de anos atrás surgiram criaturas

multicelulares no oceano, dando início à reprodução sexual, o que acelerou a explosão da evolução. Em seguida, apareceu o primeiro molusco com concha. A explosão cambriana de novas formas de vida inclui os primeiros vertebrados e novas formas de vida: peixes, mamíferos e plantas. Por volta de 400 milhões de anos atrás a vida emergiu do oceano. Há 235 milhões de anos atrás apareceram os dinossauros. Em seguida, apareceram os primeiros mamíferos. Há 210 milhões de anos atrás ocorreu a desintegração do continente original. Com a ruptura da pangéia, formaram-se os continentes que hoje conhecemos. Há 90 milhões de anos atrás começaram a predominar as plantas floríferas.

Por volta de 4,4 milhões de anos atrás teve início o quinto estágio, quando ocorreu o desenvolvimento do primeiro homínido. Há 2,8 milhões de anos atrás surgiram os primeiros humanos, que se tornaram conhecidos como *Homo habilis*. No período entre 2,4 e 1 milhão de anos atrás, os humanos se espalharam pelo planeta. Era o *Homo erectus*. Entre 300 e 200 mil anos atrás observou-se a presença do arcaico *Homo sapiens*.

Por volta de 40 mil anos atrás teve início o sexto estágio, com o desenvolvimento da cultura humana sobre a Terra. Na Caverna do Urso, nos Alpes, foram encontrados túmulos com sinais de um ritual de sepultamento, o que evidencia uma consciência reflexiva diante da morte e de uma realidade transcendente. Os humanos estavam desenvolvendo uma espiritualidade diante da vida e da finitude. As culturas neolíticas adoravam divindades relacionadas com a agricultura. Há 35 mil anos atrás se extinguiu o homem de Neandertal. Há 5,5 mil anos atrás foi desenvolvida a escrita. “Em algum estágio do desenvolvimento homínido, nossos ancestrais adquiriram uma estrutura cerebral que possibilitou seu acesso ao mundo mental da matemática” (POLKINGHORNE, 2008, p. 62). Nossos ancestrais devem ter começado com uma aritmética elementar, mas não pararam por aí. Os matemáticos não inventam teoremas e conjuntos, mas eles os descobrem. Eles conseguiram explorar um campo já existente. Certamente é por isso que os matemáticos são platônicos instintivos. Nossos ancestrais descobriram a arte, destacando-se a música. “A sobrevivência é substituída por algo que se pode chamar de *satisfação*” (POLKINGHORNE, 2008, p. 63). Esse cientista também aponta para a evolução do cérebro humano. “Grande parte da vasta rede dentro de nossos crânios não é geneticamente predeterminada, mas cresce

epigeneticamente, em resposta a experiências de aprendizado. É formada por nossos encontros reais com a realidade" (POLKINGHORNE, 2008, p. 63). Essa realidade precisou ser descoberta pelo ser humano.

A evolução hominídea inaugurou o exercício dessas novas capacidades humanas aqui no planeta Terra, mas não criou a realidade à qual as habilidades nascentes deram acesso. O que apareceu foram matemáticos, e não a matemática (POLKINGHORNE, 2008, p. 63).

A explosão da supernova *Tiamat* foi um evento decisivo para a formação do sistema solar e a origem do planeta Terra. Brockelman sintetizou esse processo evolutivo da vida até o desenvolvimento cultural, que caracterizam o surgimento do *homo sapiens*.

Da Singularidade inicial e do surgimento das quatro forças físicas fundamentais ao aparecimento do hélio e do hidrogênio, ao desenvolvimento de fornalhas nucleares de estrelas e assim de bilhões de galáxias que existem, à criação de nosso sistema solar disparada pela explosão de uma supernova cerca de 5,5 bilhões de anos atrás, ao aparecimento da vida na terra com os procaríotes, à evolução dessa vida até a recente fase cultural do *Homo sapiens*, ao notável desdobramento da cultura e da consciência humanas até o reconhecimento científico do significativo todo cósmico que é nosso lar último – é a absoluta criatividade dessa realidade que nos deixa sem fôlego (BROCKELMAN, 2001, p. 75-76, grifo do autor).

A novidade única e irredutível se fez presente no surgimento do universo. Em cada estágio ocorria um salto de qualidade. “Cada estágio na história apresenta características e propriedades *emergentes*, isto é, não redutíveis aos estágios que o precederam” (BROCKELMAN, 2001, p. 77).

Citando James Jeans, Capra ressalta que o universo se assemelha mais a um pensamento do que a uma máquina. (CAPRA, 1981, p. 81).

## 2.30 ITINERÁRIO HUMANO: A HISTÓRIA DO INDIVÍDUO É IDÊNTICA À DO UNIVERSO

### 2.3.1 A agressividade humana e a dimensão do espírito

A logoterapeuta Elisabeth Lukas pesquisou a autotranscendência humana e informa que há cerca de 3,5 bilhões de anos formaram-se na Terra dois princípios de vida. Surgiram células que incorporaram a porfirina. E surgiram células sem porfirina (LUKAS, 1990, p.113-16).

A porfirina é uma base química a partir da qual são sintetizados os pigmentos fotossintetizantes, que são capazes de captar energia luminosa e transformá-la em energia química. A fotossíntese é a transformação do gás carbônico e da água em glicose, que é o “alimento” consumido pelas plantas. Consumindo a glicose produzida e a energia luminosa, esse organismo não precisa abater outros seres para se alimentar. Para se manter vivas, as células com porfirina necessitam apenas de material inorgânico e da luz solar. O mundo das plantas representa o princípio pacífico de vida.

As células sem porfirina só conseguem sobreviver alimentando-se de outros seres vivos. Portanto, são organismos predadores. Todos os animais estão sujeitos ao mesmo princípio vital agressivo. A partir dessa estrutura genética a humanidade tem uma inclinação para a violência e para o egoísmo.

A natureza favoreceu o princípio de vida agressivo. Não obstante sua agressividade, o ser humano foi equipado de órgãos de sentido, que são os primeiros degraus da consciência. Também foi beneficiado com uma dimensão espiritual.

Quando dois espécimes de coral se deparam com um espaço exíguo e disponível apenas para um, o menor se desintegra; ele escolhe desaparecer. “A agressão excessiva, a competição e o comportamento destrutivo são aspectos predominantes apenas dentro da espécie humana” (CAPRA, 1981, p. 273). Esses aspectos competitivos e destrutivos precisam ser confrontados com valores culturais.

O espírito pode contrapor-se à agressividade, podendo também preservar e desenvolver a vida. A dimensão espiritual contrapõe-se ao princípio destrutivo biologicamente herdado pelo ser humano. E este pode exercer o controle espiritual sobre sua agressividade.

Existem forças espirituais capazes de se colocar em contraposição às forças psíquicas e somáticas (orgânicas). Em situações de doença, o corpo acompanha a disposição da psique. E vice-versa. Mas as forças espirituais não sucumbem diante de uma doença, pois elas têm uma capacidade para o autodistanciamento e para a autotranscendência.

O ser humano é a única manifestação de vida dotada de uma dimensão espiritual. E esta lhe proporciona forças para se opor à compulsão destrutiva e agressiva que o domina.

As forças da dimensão espiritual também necessitam de energia. Mas o espírito não precisa se alimentar de algum outro material. Ele não se orienta por motivações brutais e egoístas. A fonte de energia do espírito é o **sentido**, salienta Elisabeth Lukas (1990, p. 115).

É bastante apropriada a constatação de Soares: “vencidos pela temporalidade e pela mortalidade, nós vivemos em nós mesmos esse amálgama de ordem e caos” (SOARES, 2012, p. 66).

Veremos mais adiante (em 3.8.15) que Philip Hefner considera que o pecado é resultante do conflito entre as informações dos genes e a cultura. A agressividade humana tende para a competição e o egoísmo, enquanto a cultura propõe cooperação e o altruísmo. A dimensão espiritual precisa se contrapor à agressividade.

### 2.3.2 O turbilhão da infância

O psiquiatra Scott Peck desenvolveu uma análise da infância (1985, p. 62-63), salientando a formação da consciência. Quando o bebê nasce, ele é puro id, ou seja, apenas impulso. O id desconhece a ansiedade. Mas, ele pode gerar muita ansiedade. A condição inicial do ser humano é o id: um turbilhão de pulsões (impulsos primários). Mediante a influência do mundo externo (a realidade) desenvolve-se o ego a partir do id. Portanto, a partir de uma dimensão inconsciente (o id) forma-se a dimensão consciente do indivíduo (o ego). Na medida em que o bebê percebe que nem todos os seus desejos podem ser satisfeitos, forma-se o princípio da realidade: o ego – com a tarefa da autopreservação. E assim desenvolve-se a consciência. O ego situa-se no limiar da consciência, entre o id e o mundo exterior. Ele está em contato direto com a realidade (mundo externo), empenhando-se pelo prazer e tentando evitar o desprazer. “A partir do momento em que a criança percebe a própria vontade como propriamente sua e não como parte do universo, começa a fazer outras distinções entre si e o mundo” (PECK, 1985, p. 62-63).

O ser humano se desenvolve mediante a coexistência de dois instintos básicos: eros e tãatos.

A **pulsão** refere-se a estado de tensão que busca, através de um objeto, a supressão deste estado. **Eros** é a pulsão de vida



e abrange as pulsões sexuais e as de autoconservação. **Tánatos** é a pulsão de morte, pode ser autodestrutiva ou estar dirigida para fora e se manifestar como pulsão agressiva ou destrutiva (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 2008, p. 51, grifos dos autores).

Eros preserva e une, estabelecendo unidades cada vez maiores. A energia total disponível de eros é a libido.

Tánatos desfaz conexões e destrói coisas. Aquilo que é vivo é levado a um estado inorgânico. Tánatos também é chamado de instinto de morte (enquanto opera internamente). Quando ele é desviado para fora, torna-se instinto de destruição. Um dos perigos para a saúde se estabelece quando a ação do superego (o princípio da moralidade) faz com que o instinto agressivo se fixe no interior do ego e lá opere de modo autodestrutivo. A agressividade contida se voltada contra a própria pessoa pode ocasionar uma doença.

O princípio do prazer corresponde ao instinto primitivo do amor e da vida. O impulso da morte corresponde à tendência do indivíduo de desorganizar e retornar ao estado de ausência de vida.

### **2.3.3 O caos na adolescência**

Um excelente estudo sobre a adolescência é apresentado na Revista *Viver Mente & Cérebro* (dez. 2005), sendo as diversas abordagens elaboradas por especialistas renomados, cujas principais ideias são apresentadas a seguir. O adolescente se defronta com uma pluralidade de adversidades. Nenhum outro mamífero experimenta uma modificação tão acentuada, durante o seu desenvolvimento, quanto o ser humano. O corpo em transformação conspira. O primeiro desafio do adolescente é relacionar-se com a transformação do corpo. O humor é afetado pelos fluxos hormonais. Os ossos crescem mais depressa do que a musculatura. A cultura ocidental é incoerente, tornando-se flagrante o colapso das regras e do convívio social. “Mais que rebeldes, são ‘adolescentes desregrados’”, observa Gianbruno Guerrierio (*O colapso das regras*, Revista *Viver Mente & Cérebro*, dez. 2005, p. 64). A sexualidade tornou-se um produto

de mercado. “Grandes sofrimentos, ou mesmo suicídios, decorrem de frustrações nas relações amorosas”, constata Wagner Ranña (*Os desafios da adolescência*, Revista Viver Mente & Cérebro, dez. 2005, p. 49). O sucesso de uma música depende do grau de erotismo que a envolve. Na falta de erotismo, o impacto acontece mediante um comportamento escandaloso do cantor e/ou da cantora. A afirmação do adolescente acontece através de comportamentos de risco. O grupo de iguais acolhe o adolescente, mas também estabelece regras perversas e insanas. E o principal fator desse turbilhão é o cérebro, que só está maduro aos trinta anos de idade. Os hormônios sexuais executam um programa desenvolvido pelo cérebro. Uma vez constatado que o cérebro humano está pronto por volta dos trinta anos, isso significa que não se pode exigir do adolescente uma estabilidade comportamental que a própria natureza não lhe proporciona. “O córtex frontal, última grande divisão a amadurecer em estrutura e função, é também a última a atingir o volume máximo de substância branca – aos 30 anos, mais ou menos”, salienta Suzana Herculano-Houzel (*O cérebro em transformação*, Revista Viver Mente & Cérebro, dez. 2005, p. 61). O sistema de recompensa (as estruturas que gratificam com uma sensação de prazer) passa por uma remodelagem. Com o córtex órbita-frontal (OFC) deficiente, o adolescente pode se tornar um sociopata. (Suzana Herculano-Houzel (*O cérebro em transformação*, Revista Viver Mente & Cérebro, dez. 2005, p. 63). Com essa remodelagem, o adolescente não sabe muito bem o que é bom e o que dá certo, tornando-o vulnerável às drogas. O adolescente brasileiro se defronta com a brutalidade da sociedade em que vive: alto índice de mortes violentas, provocadas por homicídios, acidentes de trânsito e suicídios. Essa realidade é ensejada pela desintegração familiar, pelo colapso educacional, pela precariedade de opções esportivas e de lazer. O suicídio entre adolescentes tem preocupado a Organização Mundial da Saúde. “No Brasil, para cada suicídio feminino há três masculinos, de acordo com dados de pesquisa da Unesco e do Ministério da Justiça”, constata Leonardo Tondo, *Morrer antes do tempo*, Revista Viver Mente & Cérebro, dez. 2005, p. 70. Para o adolescente, o caos se manifesta com múltiplas facetas. “A humilhação também desencadeia ideias suicidas em muitos rapazes e moças homossexuais, devido à provável presença de atitudes hostis que enfrentam no meio social. Em jovens desse grupo, a taxa de tentativas de suicídio pode ser

dez vezes maior que as dos jovens em geral” (TONDO, *Morrer antes do tempo*, p. 72).

Juntamente com os pesquisadores, que apresentaram seus trabalhos na Revista *Viver Mente & Cérebro*, deve ser mencionado o psiquiatra Scott Peck: “A vida toda representa risco. Quanto mais amamos, mais riscos enfrentamos. Dos milhares, talvez milhões de riscos que enfrentamos na vida, o maior é o de tornar-nos adultos” (PECK, 1985, p. 103).

#### **2.3.4 A afirmação perante a vida na idade adulta e na maturidade**

A vida adulta começa quando o jovem consegue se orientar no mundo, fazer escolhas maduras e estabelecer relações de confiança.

Somos seres divididos. Uma parte de nós quer se desenvolver e evoluir e outra parte quer a estagnação. “Todos nós temos uma personalidade doente e uma sã” (PECK, 1985, p. 217-18).

A vida evolui em meio à alternância entre entropia e evolução, entre maldade e amor.

Uma vez que a entropia de um lado e, de outro, a evolução, são forças que se opõem, é natural que na maioria das pessoas haja equilíbrio, ao passo que nos extremos, elas podem manifestar ou amor quase puro ou pura entropia e maldade (PECK, 1985, p. 220).

Fadiman & Frager (1986, p. 72-86) apresentam uma excelente síntese do pensamento de Alfred Adler. Tomando como base a evolução da espécie humana, Adler – influenciado por Darwin – avaliou a existência do indivíduo como uma luta para a superação e o aprimoramento. Adler constatou que todas as pessoas têm sentimentos de inferioridade, e estes propulsionam o progresso da espécie humana. Quando a compensação dos sentimentos de inferioridade malogra, desencadeia-se uma neurose. Os neuróticos procuram compensar de um modo exacerbado alguma limitação orgânica.

Adler criou o conceito de “complexo de inferioridade”. Tornando-se muito acentuado, o sentimento de inferioridade poderá se tornar um complexo de inferioridade, que impedirá o crescimento e o desenvolvimento da pessoa. Quando a pessoa tem um sentimento de inferioridade acentuado, a busca por prestígio torna-se mais forte do que a realização pessoal. Essas pessoas não contribuem para a sociedade, pois se desviaram das questões essenciais da

existência. São pessoas que estão constantemente lutando com a própria sombra.

Além de se adaptar ao meio ambiente e dominá-lo, cada indivíduo deve desenvolver um objetivo de vida específico. É o seu centro de realização. Esse objetivo de vida é influenciado por experiências pessoais, valores, atitudes e também pela sua personalidade. Para alcançar seu objetivo, o indivíduo escolhe o estilo de vida. O conceito de mundo determina o comportamento. A pessoa é criativa quando elabora um objetivo de vida, um estilo de vida e o esquema de percepção.

Adler também enfatizou o conceito de interesse social, ou seja, o senso de sociabilidade. O comportamento humano é essencialmente social, pois a personalidade é formada socialmente. Senso de sociabilidade implica sentimentos de solidariedade com a espécie humana e um vínculo com a totalidade da vida. As pessoas, que mais contribuíram para a humanidade, foram indivíduos colaboradores. A característica dos gênios é ter uma orientação social. A pessoa deve lutar construtivamente pela sua afirmação e também deve desenvolver um interesse social e cooperação. Esses são os traços básicos de uma pessoa autocentrada e saudável. A pessoa que colabora torna-se imune à neurose.

Segundo Adler, as três maiores tarefas na vida são: trabalho, amizade e amor.

Erik Erikson elaborou uma escala de progressão desde o nascimento até à maturidade da vida adulta. Cada uma das oito etapas é caracterizada pelo confronto com polos opostos.

A teoria das fases de Freud foi desenvolvida de maneira decisiva por Erik H. Erikson, e isso numa forma que foi aceita amplamente pela psicologia da religião e pela pedagogia da religião. Erikson amplia o enfoque psicosssexual original de Freud incluindo o aspecto social e estende o questionamento para além da infância, a toda a trajetória de vida do ser humano. A problemática vital constante gira em torno do conceito de identidade como desenvolvimento da personalidade em geral (FRAAS, 1997, p. 52).

As oito fases da existência estão caracterizadas pela polaridade. No primeiro ano de vida observa-se um conflito entre confiança básica e falta de confiança. No segundo ano ocorre o conflito entre autonomia versus vergonha e dúvida. Entre o terceiro e o sexto ano, a polaridade se estabelece entre a

iniciativa e os sentimentos de culpa. Entre o início da idade escolar e a puberdade, a criança se empenhará por realizações para superar os sentimentos de inferioridade. A polaridade situa-se entre as realizações e os sentimentos de inferioridade. Na puberdade e adolescência, o conflito ocorre entre identidade e confusão de papéis a desempenhar. No início da idade adulta se dissolve o grupo de iguais. Entre os 18 e 30 anos, a polaridade se estabelece entre intimidade (para iniciar um relacionamento) e o isolamento. Na idade adulta ocorre a tensão entre a capacidade criativa e geradora e a estagnação. Entre os 30 e os 60 anos, a atenção se concentra na família e na profissão. A tarefa é não resignar, mas ser criativo na educação dos filhos e na realização profissional. Na maturidade ocorre a polaridade entre integridade versus desesperança. Após os 60 anos, a pessoa está empenhada em preservar a sua integridade diante da finitude. Aquilo que a pessoa se tornou (a integridade do eu) se depara com a proximidade da morte (FRAAS, 1997, p. 53).

Carl G. Jung constatou – mediante sua observação clínica – que na segunda metade da vida a questão religiosa torna-se central para o ser humano, pois aumenta a consciência da transitoriedade e a busca pelo sentido da existência. A reflexão religiosa é movida pelo anseio de imortalidade. “Carl G. Jung é considerado o primeiro psicólogo do séc. XX que elevou a religiosidade à condição de problema central da vida humana” (FRAAS, 1997, p. 40).

O estudo do *Self* representa o ápice da psicologia de Jung. O indivíduo deve tornar-se “ele mesmo”. O ego deve renunciar conscientemente a ocupar o centro da pessoa, para se colocar sob a direção do *Self*: um novo centro. (Uma boa abordagem do pensamento de Jung pode ser encontrado em FRAAS, 1997, p. 40; FADIMAN & FRAGER, 1986, p. 42-70; MONBOURQUETTE, 2008, p. 101-97).

Para poder viver plenamente, a pessoa precisa aceitar a sua finitude. “Do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida inverte-se a parábola e nasce a morte” (JUNG, 1998, p. 359).

Observando a dinâmica da natureza, onde organismos morrem e outros nascem, Fritjof Capra afirma: “A morte, portanto, não é o oposto da vida, mas um aspecto essencial dela” (CAPRA, 1981, p. 276).

Diante do inevitável confronto com a morte, Jung aponta para o significado e o auxílio da mitologia. “Quando falo do que pode ocorrer depois da morte, estou sendo animado por uma emoção interior e não posso me valer senão de sonhos e mitos” (JUNG, 1975, p. 264).

O ser humano precisa se deparar com sua finitude. “Ora, o problema da morte deveria constituir o ‘centro de interesse’ essencial para o homem que está envelhecendo, como também a oportunidade de familiarizar-se precisamente com essa possibilidade”. A racionalidade humana é insuficiente para lidar com essa questão. “Para esse fim ele deveria dispor de um mito da morte, porque a ‘razão’ só lhe oferece o fosso escuro no qual está prestes a entrar”. A pessoa pode negar e também pode aceitar a possibilidade da eternidade. “Mas aquele que nega avança para o nada; o outro, o que obedece ao arquétipo, segue os traços da vida até à morte” (JUNG, 1975, p. 265-66).

Além da necessidade existencial de se relacionar com a finitude, o ser humano também precisa localizar-se dentro do todo. O indivíduo tem necessidade de elaborar uma cosmovisão, pois “*com a imagem que o homem pensante forma a respeito do mundo ele se modifica também a si próprio*” (JUNG, 1998, p. 308, grifo do autor).

### **2.3.50 ser humano experimenta o conflito com o caos dentro do próprio organismo**

A dinâmica da vida é experimentada dentro do próprio organismo, que está equipado com um sistema de defesas diante das adversidades. “Parece razoável supor que o corpo está constantemente em luta contra o câncer e que vence a imensa maioria das batalhas” (CHOPRA, 1989, p. 36).

O ser humano se depara com fatores emocionais e espirituais que podem bloquear a ação do sistema imunológico do seu organismo. Essa luta não se restringe a dosagens químicas, mas requer uma vigilância emocional.

Segundo uma explicação do câncer amplamente difundida (a teoria da “vigilância”), as células cancerosas nunca deixam de se desenvolver no corpo humano, mas são normalmente destruídas pelos leucócitos, antes que se transformem em perigosos tumores. O câncer surge quando o sistema

imunológico é suprimido e já não consegue enfrentar a ameaça rotineira. Segue-se que tudo que fuja ao controle do sistema imunológico realizado pelo cérebro conduz ao estado maligno (SIEGEL, 1989, p. 91, grifo do autor).

O organismo humano convive com bactérias, amebas, fungos e tantos outros micro-organismos. Parece haver um acordo tácito para essa convivência. Quando ocorre um desequilíbrio na vida da pessoa, os micro-organismos tornam-se oportunistas, proliferando e desencadeando uma patologia. É necessário ampliar, hoje, o conceito de doença psicossomática. “Colônias de ácaros, por exemplo, passam todo seu ciclo de vida em nossos cílios”, comenta Deepak Chopra (1989, p. 52).

Todos os seres vivos existem numa interdependência, pois todos os organismos têm a sua função dentro de uma grande ecologia. Uma determinada espécie pode se tornar nociva, mas a causa deve ser procurada no desequilíbrio do sistema. “A ideia simplista de que os micróbios são nossos inimigos mortais é apenas meia verdade, porque eles também fazem parte dessa rede” (CHOPRA, 1989, p. 288).

A maioria das batalhas e vitórias nem são percebidas. A luta é permanente e está ocorrendo agora, e não só quando o organismo está febril, observa Deepak Chopra, (1989, p. 291).

A homeopatia, fundada por Samuel Hahnemann, ensina que não existem doenças, mas pessoas doentes, corroborando para que a abordagem psicossomática receba cada vez mais atenção.

Pesquisadores e clínicos estão hoje cada vez mais conscientes de que virtualmente todos os distúrbios são psicossomáticos, no sentido de que envolvem uma interação contínua de corpo e mente em sua origem, desenvolvimento e cura (CAPRA, 1981, p. 321).

Se quase todas as patologias são psicossomáticas, então é chegada a hora de se dar atenção maior à origem dos distúrbios. É evidente que o organismo humano precisa conviver com uma enormidade de adversidades, que podem adoecê-lo e matá-lo em pouco tempo. O ser humano precisa aprender a se aliar a esse mecanismo de proteção atuante em seu organismo.

“Os pensadores, cada vez com maior unanimidade, insinuam que quase todas as enfermidades são psicossomáticas, que a psique está, de algum modo, envolvida com as causas das várias falhas do sistema de resistência”. (PECK, 1985, p. 186). Diante de tantas adversidades que o organismo enfrenta,

“o verdadeiramente extraordinário, é que não se adoença com maior frequência e se morra mais depressa”. A constatação é que “há uma força, um mecanismo que não entendemos plenamente, que costuma operar constantemente na maioria das pessoas, a fim de as proteger e incentivar sua saúde física e sob as mais adversas circunstâncias” (PECK, 1985, p. 186).

A pessoa participa no processo de adoecer e também no processo de cura. A doença não apanha a pessoa assim como um meteoro cai em determinada região.

O estado psicológico de uma pessoa, evidentemente, não só é importante na geração da doença, mas também crucial para o processo de cura. A reação psicológica do paciente ao médico é uma parte importante, talvez a mais importante, de toda e qualquer terapia (CAPRA, 1981, p. 135).



### 3 TENTATIVAS PARA ENTENDER A ATUAÇÃO DE DEUS

#### 3.1 A PERGUNTA PELA TEODICEIA

A revelação de Deus sempre acontece dentro da experiência religiosa. Nós não temos acesso direto a Deus, mas nós chegamos a ele quando perguntamos pela fundamentação do mundo. Deus luta contra o mal e vence-o. Mas, por ora, o mal continua atormentando a humanidade. O mal é sem sentido e está em contradição com o ser de Deus.

Como coadunar a justiça de Deus com a presença do mal? Esse questionamento é tão antigo quanto os registros da reflexão humana. A fé em Deus precisa se defrontar com a fúria destrutiva da natureza e também com a perversidade dos seres humanos, que acrescentam males ao caos já existente. Portanto, desde os primórdios essa questão tem ocupado as religiões e as escolas de filosofia.

O **hinduísmo** ensina que a essência universal é Brahman, que nos Upanishades é apresentado como “o princípio criativo onipotente, o campo cósmico original, a alma do mundo” (LURKER, 1993, p. 39). Brahman integra as três divindades: Brahma, Shiva e Vishnu. Brahma é o princípio criador e “hoje reverenciado como o deus da sabedoria e progenitor dos brâmanes” (LURKER, 1993, p. 39). Shiva é sombrio e destrutivo. “Os devotos de Shiva veem-no como o ser supremo, a incorporação do poder cósmico em todos os seus aspectos, tanto criativos quanto destrutivos” (LURKER, 1993, p. 191). Vishnu é o protetor e preservador. “Manifesta-se em várias formas, ou *avatars*, para combater demônios e restaurar a ordem cósmica” (LURKER, 1993, p. 218). A origem do sofrimento está no modo de vida no qual o indivíduo se sente isolado do todo. O ser humano deve vivenciar a unidade com tudo o que existe. Acontece então a dissolução do ego. Quando o indivíduo se integra no Brahman, então o sofrimento é anulado.

O **budismo** destaca cinco espécies de sofrimento: a doença, a separação, o fracasso, a velhice e a morte. A raiz do sofrimento está na cobiça, que deve ser suprimida. Nas *Quatro nobres verdades*, Buda ensina que “a existência é sofrimento”, que é “causado pelo desejo centrado no eu”. É necessário extinguir o desejo do ego, para ingressar no nirvana, que é a

experiência mística da paz interior, da liberdade, da imutabilidade; é um retorno à natureza de Buda, um estado de felicidade que perdura para além da vida e da morte.

O **taoísmo** ensina que a dinâmica da vida é regida por dois princípios: o *yin* (feminino) e o *yang* (masculino). Os dois princípios se complementam e sua integração é regida pelo *Tao*. A pessoa tem como objetivo a união com o *Tao* (caminho, sentido), alcançando assim a imortalidade. Soares observa que nas culturas do Oriente,

“nas quais o tempo não é linear, mas cíclico, Bem e Mal não são antinomias, mas faces absolutamente necessárias da mesma moeda ou eventos que sucedem necessariamente um ao outro. Teríamos de entendê-los, portanto, como a causa do movimento cíclico” (SOARES, 2012, p. 45).

O **islamismo** ensina que tudo é destino: “Alá assim o quis”. Compete ao ser humano submeter-se à inexplicável vontade de Alá. Islã significa “submissão”. Não há lugar para o questionamento. A dor é considerada provação ou castigo. O misticismo islâmico (sufismo) ensina que o amor a Deus possibilita a disponibilidade para o sofrimento. Deus chega a ser identificado com o sofrimento, sendo este considerado uma manifestação da bondade divina.

No ano 600 aC, Zaratustra promulgou no Irã a primeira religião explicitamente dualista. Ele ensinou que o mal provém de um princípio totalmente independente de Deus. O **zoroastrismo** ensina que a realidade se encontra em luta entre Ormuzd (o príncipe do Bem) e Arimã (o espírito do Mal). Ormuzd (Ahura Mazda) é “o único deus verdadeiro admitido por Zaratustra” (LURKER, 1993, p. 6). Ele torna a luz visível e, por meio do fogo, distingue o bem do mal. Ormuzd é o criador bom, sábio e amoroso – mas com seu poder limitado pelo mal.

Arimã é a incorporação de todo o mal. Habita um domínio subterrâneo de eterna escuridão, do qual traz para o mundo fumaça e trevas, doença e mortes. O animal que o simboliza é a serpente. No final dos tempos, ele se refugiará, impotente, na escuridão (LURKER, 1993, p. 19).

Desenvolvendo uma religião dualista, Zaratustra afirmou o monoteísmo. No zoroastrismo, o bem e o mal são coeternos e simétricos.

No livro dos **Salmos**, muitos autores perguntam sobre o porquê do sofrimento, mas eles não obtêm uma resposta teórica. Muitas vezes só resta submeter-se à incompreensibilidade de Deus. Num total de 150, são ao todo 56

salmos de lamentação. Consciente de sua fragilidade, em meio à angústia, o salmista busca amparo em Deus. São súplicas individuais e também coletivas – em situações de enfermidade, de perseguição, de calamidades climáticas e de derrotas militares. Enquanto se lamenta, o salmista experimenta uma transformação interior – ainda que a realidade exterior continue a mesma.

**Jesus de Nazaré** não formulou uma teoria sobre o mal e o sofrimento. Ele se mostrou solidário com os oprimidos, os injustiçados e os sofredores. E lutou contra o mal, curando as pessoas. O ser humano deve vigiar para que o seu ser não seja ocupado por espíritos impuros, mas pelo Espírito de Deus. Jesus assumiu ele próprio o sofrimento. Em Atos 10:38 é apresentado um resumo de sua atividade: “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda a parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus estava com ele”.

O **gnosticismo** é um movimento muito diversificado e é muito difícil abranger suas tendências em um sistema. Destacou-se Marcião, que rejeitou o Antigo Testamento. Do Novo Testamento aceitou as dez principais cartas de Paulo e o evangelho de Lucas. A teodiceia ocupa um lugar de destaque na reflexão gnóstica. Como justificar o agir de Deus diante do mal existente no mundo? Por que Deus, em sua perfeição, criou um mundo dominado pelo mal, a partir do qual a humanidade precisa ser redimida? Os gnósticos resolveram esse questionamento estabelecendo uma distinção entre o deus criador e o deus redentor. O demiurgo é o deus criador, sendo inferior ao deus redentor, que é exclusivamente constituído de bondade. Marcião separou o deus do Antigo Testamento (criador e executor da justiça) do deus redentor (que é a manifestação do amor). “Marcião é o grande herdeiro do dualismo maniqueísta e gnóstico” (ESTRADA, 2004, p. 115). O gnosticismo é uma religião de salvação dos poderes demônicos. A ideia subjacente é que o ser humano é melhor que seu criador, pois precisa ser salvo dos poderes do demiurgo, que criou esta realidade repleta de contradições. O demiurgo dos gnósticos é um deus secundário. Tentando eximir Deus da responsabilidade pelo mal, os gnósticos recorreram a um demiurgo intermediário e ficaram a meio caminho (TORRES QUEIRUGA, 2011, p. 167). Os gnósticos viam o mal aderindo à matéria e ao corpo e adotaram enfrentamentos até opostos. Soares observou

bem os comportamentos extremados e opostos – praticados em Éfeso (1 Tm 4:1-5) e em Corinto (1 Co 6:12-20), constatando que

Para alguns, a solução era privar o corpo de todos os seus desejos e necessidades, mesmo as mais elementares. A certa altura, a voz do corpo seria calada e a alma liberta. Outros entendiam que o caminho mais rápido e eficaz para calar o corpo era saciá-lo até a exaustão, em orgias infundáveis, até que, no limite a alma fosse liberta (SOARES, 2012, p. 81).

O **maniqueísmo** foi fundado pelo persa Mani (215-273) e resultou de uma mescla de ideias da Pérsia e da Índia. Mani ensinou que há dois reinos eternos. O Bem e o Mal são dois princípios autônomos que se encontram em oposição irreductível. O reino da luz é governado pelo deus da luz. O reino das trevas é governado pelo deus do Antigo Testamento e seus demônios. Jesus é o salvador que desceu do reino da luz. “O dualismo religioso concentra a santidade divina em um reino e a santidade demoníaca em outro” (TILLICH, 1984, p. 191). O maniqueísmo considera eterno o confronto entre Deus e a matéria, respectivamente o espírito e o mal. O maniqueísmo, que Agostinho conheceu, considerou Moisés um dos príncipes das trevas, alegando que o mesmo não foi inspirado por Deus. Cristo teria se manifestado em aparência de carne. Também sua morte e ressurreição teriam sido aparentes. O Espírito Santo prometido por Cristo tornou-se efetivo em Mani, o iniciador do maniqueísmo. Assim relata Agostinho, *Sobre as heresias* (REALE & ANTISERI, 1990, p. 430-31). O maniqueísmo propõe uma ascese idêntica à do budismo.

Afirmar a bondade e o poder de Deus significa defrontar-se com o problema do mal, ressalta o **epicurismo**. Tornou-se paradigmático o dilema de Epicuro, que influenciou toda a filosofia posterior:

Ou Deus quer tirar o mal do mundo, mas não pode; ou pode, mas não o quer tirar; ou não pode nem quer; ou pode e quer. Se quer e não pode, é impotente; se pode e não quer, não nos ama; se não quer nem pode, não é o Deus bom e, além disso, é impotente; se pode e quer – e isto é o mais seguro –, então de onde vem o mal real e por que não o elimina? (EPICURO, apud TORRES QUEIRUGA, 2011, p. 18).

Epicuro desfrutava a vida em seus jardins e libertava os seus seguidores da angústia. O texto a seguir ilustra porque Epicuro era chamado de *soter*, que significa “salvador”.

Pois o mais terrível dos males, a morte, nada representa para nós, porque, enquanto existimos, a morte não existe e, quando ela sobrevém, já não existimos nós. Por conseguinte, a morte não é nada, nem para os vivos nem para os mortos, já que

para os primeiros ela não existe, e os segundos não existem mais (EPICURO, *Epistula ad Menoeceum*, apud ESTRADA, 2004, p. 112).

O **estoicismo** considera o cosmo o corpo de Deus e defende a harmonia universal. “A ordem necessária do cosmo integra o mundo em um sistema panteísta unitário” (ESTRADA, 2004, p. 109). O monismo estoico insistia na harmonia universal, não havendo possibilidade para uma visão dualista da realidade. “O sistema estoico é monista e não admite o dualismo metafísico platônico” (ESTRADA, 2004, p. 109). Esse monismo está bem caracterizado nesta declaração de Zenão: “Deus produz também o mal no mundo, pois ele habita também nas águas residuais, nos vermes e nos criminosos” (ZENÃO, *Fragmento* 159, apud ESTRADA, 2004, p. 109). A providência divina se ocupa com a totalidade e não se atém ao particular. Há uma convergência entre providência divina e destino. O mal é inevitável. “A afirmação da harmonia universal leva à minimização da dor e à negação do mal como desordem máxima e como antítese ao princípio divino” (ESTRADA, 2004, p. 110). A vida deve ser assumida como ela é e os acontecimentos devem ser aceitos com serenidade. Cabe à pessoa exercitar o autocontrole e a impassibilidade diante do sofrimento humano. O princípio divino é imutável. Nada ocorre por acaso, pois há uma coincidência entre liberdade e necessidade. A razão considera o conjunto e não se perde em particularidades (enfocando o mal). O pecado consiste em agir contra a razão.

Se o dualismo procura estabelecer uma separação entre o bem e o mal, contrapondo o cosmo ao âmbito divino, o monismo tende a reunir ambas as posições em um sistema universal que integre Deus e o cosmo. O estoicismo se inclina ao panteísmo e defende a harmonia universal do cosmo, que, como corpo de Deus, é perfeito (ESTRADA, 2004, p.109).

O termo “teodiceia” foi formulado por Leibniz “para designar toda pesquisa destinada a explicar a existência do mal e a justificar a bondade de Deus” (MORA, 2001, p. 2846). A partir de então, essa antiga preocupação da humanidade passou a integrar a reflexão filosófica e teológica.

Um estudo muito específico sobre a *Teodiceia* de Leibniz foi elaborado por Estrada (2004, p. 206-29), cujo teor é sintetizado aqui em forma esquemática. Dentre infinitas possibilidades, afirma Leibniz, Deus criou o melhor mundo possível. Deus não podia escolher senão o melhor, assim como

um perfeitíssimo matemático não pode escolher senão calcular certo. Leibniz entende que todos os fenômenos têm sua origem numa ordem metafísica. Tudo acontece em virtude de uma ordem ideal. A beleza perfeita aparecerá somente na vida eterna. Sua obra *Teodiceia* é uma justificação de Deus diante do mal existente no mundo. Leibniz distingue três dimensões do mal: o mal metafísico (a morte), o mal físico (a hostilidade da natureza) e o mal moral (ocasionado pelo ser humano).

1. O mal metafísico é imposto pela morte; refere-se à finitude e à limitação existencial. Esse mal metafísico encontra-se na mente divina.
2. O mal físico está relacionado com a hostilidade da natureza, que desencadeia as catástrofes, provocando sofrimento. Deus não deseja o mal físico, mas ele o permite. O mal físico pode estar acompanhado de um bem maior.
3. O mal moral está relacionado com a liberdade e a responsabilidade dos seres humanos. O mau uso da liberdade resulta no pecado, desencadeando-se a perversidade. No mundo há mais bem que mal. Mas, o mal acaba recebendo mais atenção, pois o ser humano é ingrato e só aprecia o bem quando cai em desgraça.

Nos registros da reflexão humana, a teodiceia recebeu diferentes enfoques. Em linhas gerais, podemos apontar cinco posicionamentos.

- 1) A relativização do mal.  
Plotino e Leibniz apontaram para a totalidade e a perfeição do universo. Hegel salientou que o mal integra a evolução natural e o desenvolvimento da história. Agostinho considerou o mal uma “privação do bem”. Com esse enfoque, o mal é esvaziado de sua substância.
- 2) A visão dualista da realidade.  
Platão e Plotino viram o mal alojado na matéria criada pelo Demiurgo. De um modo dissimulado, o dualismo declara que a origem do mal se encontra no âmbito divino.
- 3) O mal foi provocado pelo pecado humano.

Nesse caso, Deus não é responsável pela existência do mal. Com esse enfoque, o ser humano é culpabilizado, para depois ser redimido pela graça divina. “Negativizar o homem para enaltecer a Deus tornou-se um recurso perigoso para a religião, pois ele fundamenta as diversas formas de ateísmo humanista” (ESTRADA, 2004, p. 38).

4) A onipotência de Deus é limitada.

É preferível que Deus seja limitado mas bondoso do que onipotente e malvado.

5) A eliminação do mal no final da história.

Esse enfoque concilia a bondade de Deus com a onipotência e a onisciência. O futuro se abre para uma esperança.

Na tradição judaico-cristã, que marcou a Civilização Ocidental, a desobediência humana é apontada como a causa de todas as desgraças.

O problema da existência do mal sempre recebeu atenção ao longo da história. A fé em Deus se defronta com as injustiças existentes. A pergunta de Boécio requer um posicionamento: “Se Deus existe, de onde provém o mal? Se Deus não existe, de onde provém o bem?” (BOÉCIO, *A consolação pela filosofia*, apud ESTRADA, 2004, p. 113).

Immanuel Kant escreveu a *Crítica da Razão Pura*, demonstrando o limite da razão especulativa, a qual não abrange a metafísica. Ao escrever a *Crítica da Razão Prática*, ele deslocou a abordagem do conhecimento para os fundamentos da razão prática. Assim procedendo, Kant

reconheceu o fracasso da teodiceia e reformulou a questão do mal em termos existenciais: que podemos fazer e que podemos esperar, apesar do mal? Kant reconheceu que a especulação filosófica não pode responder às indagações suscitadas pelo mal (ESTRADA, 2004, p. 243).

No século 20 tornaram-se agudos os questionamentos em torno da justiça de Deus e da existência do mal, destacando-se Albert Camus. “A alternativa é conhecida: ou não somos livres e o responsável pelo mal é o Deus todo-poderoso, ou somos livres e responsáveis, mas Deus não é todo-poderoso” (CAMUS, *O mito de Sísifo*, p. 68 apud SOARES, 2012, p. 24).

Paul Ricoeur anuncia expressamente o “desastre da *Teodiceia*”, (RICOEUR, 1988, p. 36).

Teilhard de Chardin considerou o sofrimento “o subproduto necessário da evolução. Mas também esta resposta não é satisfatória” (GRÜN, 2007, p. 16).

Essas interpretações não conseguem explicar porque o mal existe e tampouco explicam a sua finalidade. “Em última instância, revelam o malogro de toda a teodiceia especulativa” (ESTRADA, 2004, p. 40).

Em seu livro *A impossível teodiceia*, J. A. Estrada intitulou o capítulo V com estas palavras: “O fracasso da teodiceia”. Abordando as “tipologias de teodiceia”, Estrada afirma que elas “revelam o malogro de toda teodiceia especulativa” (ESTRADA, 2004, p. 40).

Soares aponta para a necessidade de “quebrar a lógica redutivo-racional de pretensas teodiceias” (SOARES, 2012, p. 21).

Tornam-se necessários novos paradigmas. No entanto, apesar desse reconhecimento, evitar a discussão em torno da teodiceia não soluciona o problema, pois essa atitude equivale a abandonar as pessoas ao seu sofrimento.

A existência do mal e o conseqüente sofrimento podem ser entendidos? O sofrimento acompanha o amor. Quanto mais uma pessoa ama, mais ela sofre diante da ameaça ou do acontecimento de uma perda. “Assim, o mal é, no fundo, a própria vida correndo o risco de não ser mais vida; e sofrer é suportar tal risco, a ele resistindo” (SOARES, 2012, p. 28).

Uma reflexão teológica sincera precisa integrar a dor. É preciso se defrontar com a incompreensibilidade do sofrimento, que é tão incompreensível quanto o próprio Deus. Quem desconsidera essa dimensão, machuca as pessoas que sofrem. Enquanto a religião é uma força motivadora para enfrentar o mal, a teodiceia tenta esclarecer o nosso convívio com a realidade.

Diante de tantas soluções insatisfatórias surgiram formas de antropodiceias: o ser humano precisa se defrontar com as injustiças ocorridas na história. Como protagonista da história, o ser humano é o causador de muitos males. A humanidade não consegue explicar porque o mal existe e também não tem se mostrado capaz de dominá-lo. No entanto, uma



antropodiceia restringe-se ao mal moral. O mal físico e metafísico requerem uma reflexão sobre monoteísmo e dualismo.

O monoteísmo se distingue do politeísmo mediante o conceito qualitativo. O monoteísmo ressalta “um *último* unificador e transcendente que determine seu caráter” (TILLICH, 1987, p. 189). E é justamente esse “último unificador” que falta ao politeísmo. “Cada um dos poderes divinos politeístas reivindica ultimidade na situação concreta em que aparece” (TILLICH, 1987 p. 189). O pensamento hebraico é monista: Deus é o autor e mantenedor da ordem cósmica. Um evento fora do âmbito de alcance de Deus implicaria o reconhecimento de uma outra divindade.

O dualismo persa influenciou o pensamento grego. E a filosofia grega formulou o dualismo nestes termos: a origem do mal se encontra no domínio divino, mas ele está subordinado ao bem. Portanto, a ordem cósmica é assegurada mediante a vitória do princípio divino sobre um adversário poderoso. Os gregos eram coerentes em seu dualismo, pois não conheciam um Deus único criador de tudo, assim como os hebreus. Na avaliação dos gregos, o cosmo carece de ordem e é o lugar do mal. Platão referiu-se a dois princípios cósmicos e este posicionamento expressa bem o seu dualismo:

A divindade, que é boa, só pode ser causa de algumas das coisas que acontecem aos homens. Pois, na realidade, as coisas boas são em número bem menor que as coisas más, e só as primeiras podem ser atribuídas à divindade, ao passo que as segundas devem ser imputadas a outro ser que não seja divino (PLATÃO, *República* II, 18,379c, apud ESTRADA, 2004, p. 101).

Para o dualismo, o mal é ontológico e anterior e exterior ao ser humano.

O dualismo está em contradição com o monoteísmo judaico-cristão, chocando-se também com o conceito bíblico de criação. Os relatos bíblicos da criação apontam para uma dependência ontológica: todas as criaturas devem a sua existência ao criador. G. von Rad observa que “o adversário de Javé é objetivado de maneira mítica e pessoal (o seu nome é Raabe ou Leviatã, Is 51.9s; Sl 89.10; 74.14), a ponto de podermos quase ser tentados a interpretar esses textos como um dualismo cosmológico” (von RAD, 2006, p. 148).

O dualismo está presente no politeísmo e também no monoteísmo. O cristianismo e o judaísmo são “compreendidos como tradições de dualismo mitigado ou camuflado, dada a importância que dedicam ao demoníaco e a suas manifestações” (SOARES, 2012, p. 54). Portanto, o Novo Testamento recebeu alguma influência do dualismo.

Deparamo-nos também com um dualismo que não é absoluto, quando o mal é “produzido pelo criador por vontade própria ou por emanção” (SOARES, 2012, p. 56). Localizar no âmbito divino a origem do mal implica uma visão dualista. A solução é dualista, pois somente uma parte da divindade é obscura. Mas essa solução – de vislumbrar dois princípios antagônicos em Deus – acarreta problemas no conceito de onipotência. Tillich aponta para a ruptura no sagrado. “O problema que está por trás destes dualismos é o problema do mal. Isto é uma indicação clara de que atrás destas formas metafísicas de dualismo há uma ruptura no sagrado e no dualismo religioso” (TILLICH, 1987, p. 197).

Dois pensadores destacaram-se nessa reflexão: Hegel e Schelling. Este influenciou o pensamento de Tillich e ambos receberam o reconhecimento de Ricoeur pela sua coragem na abordagem do mal.

Para **Georg Hegel** (1770-1831), investigar o sentido da história implica analisar a presença do mal. No entender de Hegel, a história é um processo aberto. O mal integra um conflito inerente ao progresso. O sistema de Hegel é considerado “a última síntese do Ocidente” (ESTRADA, 2004, p. 243).

O artigo *A ideia de Deus em Hegel*, de M. Gabriel (<<http://www.2pucpr.br/reol/index.php/RF?dd1=5774&dd99=pdf>>). Acesso em 29 mai. 2013), proporcionou a articulação que segue, sobretudo as declarações de Hegel. Ao afirmar que “o racional é real, e o real é racional”, Hegel racionalizou a realidade. Hegel afirma sua convicção de que “a razão rege a história mundial”, considerando esse postulado como substancial. O desenvolvimento se realiza no processo histórico. Nessa filosofia da história, o progresso culmina com a emancipação da humanidade. Os interesses particulares devem se integrar nesse processo. A síntese filosófica é uma revelação do Espírito Absoluto.

Deus “é também um pensamento”, afirma Hegel, considerando a religião uma forma de consciência. O organismo do mundo dá testemunho de Deus. A

própria vida de Deus fez com que ele se exteriorizasse a si mesmo. Em sua trajetória, a consciência procura compreender o mundo e a si própria. “Sem o mundo, Deus não é Deus”, afirma Hegel. “Deus é apenas Deus na medida em que se conhece a si mesmo; o seu saber de si é além disso a consciência de si no homem e o saber que o homem tem *de* Deus, o qual progride até ao saber de si do homem *em* Deus”, prossegue Hegel.

“É essencial no conceito de religião verdadeira, isto é, daquela cujo conteúdo é o Espírito absoluto, que ela seja *revelada* e revelada *por Deus*”, assevera Hegel – no artigo de M. Gabriel, acima citado.

“Deus é puramente revelado” (apud GABRIEL, Markus, *A ideia de Deus em Hegel*, <<http://www.2pucpr.br/reol/index.php/RF?dd1=5774&dd99=pdf>>,. Acesso em 29 mai. 2013).

Também foi de grande valia a exposição de Estrada (2004, p. 243-60), abordando de um modo específico o pensamento de Hegel a respeito da teodiceia e do sentido da história. O enigma do mal transcende o sujeito finito; ele só pode ser esclarecido mediante a trajetória do Espírito Absoluto. O infinito abrange o finito e se realiza na finitude, integrando-a. A encarnação de Deus em Jesus Cristo significa que o divino não existe fora do ser humano.

Se o homem for receptivo ao divino, estabelecer-se-á para ele a identidade entre a natureza divina e a natureza humana. Os homens tomam imediata consciência disso em Cristo, pois nele a natureza divina e a natureza humana são uma só (HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie II*, apud ESTRADA, 2004, p. 247).

A filosofia da história descreve a realização do Espírito Absoluto. Na análise da história, a dimensão política adquire o significado da ética. Portanto, “eis o que constitui a verdadeira teodiceia, a justificação de Deus na história” (HEGEL, *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, apud ESTRADA, 2004, p. 248).

O processo histórico é a trajetória do Espírito Absoluto. É na história da humanidade que Deus se justifica perante o mal. “Deus sempre tem razão, e a história universal representa o plano de sua providência” (HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften I*, apud ESTRADA, 2004, p. 249).

“A filosofia da história recebe a significação da teodiceia, e aqueles que procuram honrar a providência divina, excluindo dela a necessidade, rebaixam-

na efetivamente, com essa abstração, a mera arbitrariedade cega e irracional” (HEGEL, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften I*, apud ESTRADA, 2004, p. 249).

Na história universal acontece a superação do afirmativo e do negativo. No processo histórico, o mal é necessário. Mas, o mal não prevalece em relação ao afirmativo. A história é a justificação de Deus.

Na trajetória do Espírito Absoluto, as contradições são superadas na perspectiva dialética, possibilitando assim analisar o problema do mal. A necessidade divina torna o conflito inerente ao progresso. O mal integra um plano maior, onde adquire seu significado. O processo divino integra o mal físico em sua trajetória sem se importar com o sofrimento individual. O indivíduo é absorvido pela marcha do Espírito. O que importa é o universal. O mal se aloja onde existe apego ao singular, onde ocorre a absolutização da consciência individual. Deve acontecer a superação das tensões particulares. É preciso ascender ao universal e se reconciliar no Absoluto.

O ser humano deve superar sua condição natural e primitiva. O pecado rompeu com essa condição primitiva, possibilitando o conhecimento do bem e do mal. Assim como o pecado foi necessário para a ampliação da consciência, também o conflito é necessário para o progresso. “O mal é a permanência na condição natural”, afirma Hegel (*Vorlesungen über die Philosophie der Religion*, apud ESTRADA, 2004, p. 253).

O mal deve ser superado elevando-se ao saber de Deus, acontecendo a reconciliação da singularidade individual com a universalidade divina. Isso acontece mediante o movimento da razão, convergindo a ação humana com o vir-a-ser dialético do Absoluto.

Tudo é justificado a partir da perspectiva do Espírito Absoluto. “O mal que se instalou no mundo desde Adão pode ser justificado mediante boas razões”, declara Hegel (*Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, apud ESTRADA, 2004, p. 255).

Do ponto de vista moral, o bem e o mal são relativizados. O sofrimento – individual ou coletivo – só é considerado a partir da perspectiva dialética. Hegel sabe que a História é comparável a um “matadouro em que se imolam a felicidade dos povos, a sabedoria dos Estados e as virtudes dos indivíduos” (HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, apud ESTRADA,

2004, p. 255). No entanto, o bem e o mal, a dor e a felicidade se complementam e fazem parte do processo. O desenvolvimento legitima o mal histórico. O objetivo é a meta final da história universal. É irrelevante queixar-se de fatos históricos. O que importa são as estruturas. O sujeito humano não é considerado.

A “astúcia da razão” faz com que os indivíduos sejam sacrificados. O Espírito Absoluto torna-se o legitimador da dominação exercida pelos diferentes povos, justificando o colonialismo. O sofrimento é inevitável e necessário. Justifica-se também o absolutismo do Estado. Não há lugar para manifestações nem queixas. A “astúcia da razão do Estado” sacrifica o presente. O que importa é a meta final da história universal. O sofrimento individual é apenas um momento nesse processo.

A história universal se constitui em teodiceia. O mal é legitimado dentro de um sistema de identidade total.

**Friedrich Schelling** (1775-1854) afirmou que tudo está em Deus, mas a realidade não é idêntica a Deus. Schelling não divinizou a realidade.

Reale & Antiseri(1991, p. 85-87) apresentam com clareza o pensamento de Schelling. Deus é o antecedente e a realidade é o conseqüente. Deus é uma pessoa-que-se-faz. Em Deus há o princípio obscuro e cego (vontade irracional) e o princípio positivo (racional). O conflito humano, que se desenrola entre o bem e o mal, também acontece na própria vida de Deus. Os aspectos obscuros e negativos têm sua origem no Absoluto. Com suas contradições, a existência reflete a luta que já existe em Deus. Ele supera o negativo, rechaçando o mal para o não-ser. A vitória do bem, da liberdade e do amor também se realiza em Deus.

Schelling argumenta com a lógica do paradoxo e aponta para a dimensão demoníaca no interior da própria divindade. O demônio é a outra face de Deus. *Demon est deus inversus*. Paul Tillich também refletiu essa questão a partir do posicionamento de Schelling.

Deus é uma essência real, que no entanto, não tem nada antes ou fora de si. Tudo aquilo que ele é, o é por si mesmo; ele provém inicialmente de si mesmo para, no fim, acabar de novo puramente em si mesmo. Em suma, *Deus faz-se a si mesmo* (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87).

Deus “não está concluído e feito desde o início” (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87).

Assim como “toda existência viva inicia-se no inconsciente (...) do mesmo modo inicia-se também a vida divina”, afirma Schelling (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87). Essa qual contém todas as coisas homogêneas e também heterogêneas em completa indistinção. É o estado da indiferença das potências em Deus.

O “processo da criação do mundo” é “o processo de plena tomada de consciência e da completa personalização de Deus” (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87). .

Para realizar a sua formação, o ser humano precisa tornar conscientes os conteúdos do inconsciente. O “mesmo ocorre em Deus: a obscuridade o precede” (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87).

“Deus tem em si os mesmos dois princípios que nós temos em nós”. A consciência começa quando nós nos elevamos “com a melhor parte de nós sobre a parte inferior”. A vida consiste numa “tomada de consciência sempre mais elevada” (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87).

“Pois o mesmo vale para Deus. Nele, o *início* da consciência é constituído pelo fato de que ele se separa de si e se opõe a si mesmo” (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87).

“No estado ainda inconsciente, Deus certamente tem em si ambos os princípios”, mas “não se reconhece em um ou no outro. Com o início da consciência, acontece também esse reconhecimento” (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87).

A dimensão superior em Deus expulsa a inferior. No estado de indiferença estavam juntos o superior e o inferior. “E isso, como no homem, também em Deus é o início de sua consciência, do seu devir como pessoa” (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87).

Deus “exclui o lado inferior de sua essência do lado superior” para transformá-lo, “para criar a partir do não-divino que exclui de si, daquilo que não é ele *próprio* e que precisamente por isso separou de si” (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87).

“A criação consiste, portanto, em evocar o superior, o verdadeiramente divino, naquilo que foi excluído”. (*Lições de Stuttgart*, apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87).

Schelling considerou “o mal como manifestação de um obscuro ‘poder’ transcendente dentro do próprio Deus” (TORRES QUEIRUGA, 2011, p. 94). Mesmo dominado em Deus, esse fundamento (*Grund*) “exerce no mundo sua força poderosa e destrutiva através da liberdade humana e das forças hostis por ela desencadeadas” (TORRES QUEIRUGA, 2011, p. 94).

O pensamento de Schelling foi muito bem sintetizado por Torres Queiruga.

O mal é assim uma realidade em si mesma, um princípio, um poder em luta permanente contra o bem. Deus não a deseja, mas ela é “necessária”, pois sem a sua existência não surgirá no próprio Deus a vontade de criação nem na história poderia se manifestar a sua revelação (TORRES QUEIRUGA, 2011, p. 94).

O desenvolvimento a seguir tem como base Reale & Antiseri (1991, p. 85-87). Em *Escritos sobre a Liberdade*, Schelling criticou Leibniz por ter negado a realidade do mal.

Em *Filosofia da Revelação*, Schelling afirma que Satã é a personificação do “fundamento” obscuro desencadeado pela queda. Ele faz alusão à face demoníaca de Deus. Mais tarde, Jung se referiu à face maligna da divindade.

O pensamento de Schelling tem suas raízes em Jakob Böhme: o mal tem sua origem no interior do próprio Deus, sendo relegado ao fundo abissal de sua natureza. É a transcendentalização infinita do mal, que é o lado obscuro de Deus.

Deus é absoluto e livre a ponto de poder ser tudo e, no entanto, conceder espaço a um outro poder, para que este possa existir. Deus é absolutamente livre e isso só pode ser determinado dialeticamente. É assim que se evidencia a autêntica divindade de Deus.

Ocorreu uma bifurcação no Absoluto, onde deve ser procurada a raiz de todo o mal existente na realidade. Toda beleza e racionalidade se fundam na pura vontade de Deus, no *Logos*. O Absoluto já não é somente o fundamento último do ser (*Urgrund*), mas também um antifundamento (*Ungrund*), o que explica a existência de todo o irracional: o pecado, a culpa e a falta de sentido.

A vontade do Absoluto tende a objetivos supremos. Mas a vontade irracional é obscura, desordenada e arbitrária.

A história é a luta entre a luz e as trevas, o bem e o mal, a vontade universal e a individual. Em sua liberdade, a criatura anseia pela vontade universal. Na medida em que ela se afasta do ilusório e encontra repouso na luz, ela se redime. A história da humanidade é a história da redenção e do retorno para Deus.

Fazendo oposição ao mal e vencendo o impulso cego da natureza, a divindade se torna explícita.

O Eu absoluto ingressa num processo de vir-a-ser. No princípio, a vontade cega, inconsciente e desprovida de direção encerra em si as possibilidades: o *deus implicitus* ainda precisa se explicitar.

Com o despertar da vontade cega ocorre a queda do pecado original em Deus: é a introdução do mal no mundo. Tem início o embate entre a luz e as trevas. Gradativamente o mal é penetrado pelo Espírito divino, ocorrendo então a vitória da luz. Deus então se revela totalmente. O *deus explicitus* atinge sua perfeição.

E assim a Filosofia da História vem a ser uma teogonia. É a exposição da auto-explicação do Absoluto no mundo.

### 3.2 O PANTEÍSMO DISSOLVE DEUS NA NATUREZA

No panteísmo, Deus é absorvido pelo mundo, e o mundo é absorvido por Deus. Há uma dissolução da identidade – do criador e da criatura.

Se Deus é entendido como essência universal, como a forma de todas as formas, ele é identificado com a unidade e totalidade das potencialidades finitas. Mas ele deixa de ser o poder do fundamento em todos eles. Portanto, deixa de transcendê-los. Ele esgotou todo seu poder criador num sistema de formas. E está preso a estas formas. Isto é panteísmo (TILLICH, 1987, p. 200).

O panteísmo “afirma que Deus é a substância de tudo e que não existe independência substancial, nem liberdade em nada do que é finito” (TILLICH, 1987, p. 201). A tendência do panteísmo é a extinção do indivíduo.

“Tanto o teísmo supranatural (que separa o ser-de-Deus da natureza) quanto o panteísmo (que dissolve esse ser-de-Deus em algum tipo de entidade



ou, de fato, no conjunto de tais entidades) são insustentáveis” afirma Brockelman (2001, p. 104).

### 3.3 O TEÍSMO PRESSUPÕE DEUS FORA DO UNIVERSO

O teísmo considera Deus um ser ao lado de outros seres. Portanto, ele seria a parte mais importante da realidade, estando subordinado à estrutura do todo. Desse modo, Deus torna-se um objeto a ser observado por nós – na condição de sujeito.

Barbour afirma que a formulação do teísmo foi movida pela ênfase na transcendência e na intervenção sobrenatural de Deus. “O teísmo clássico enfatizava, sem dúvida a transcendência, e considerava-se que Deus agia ocasionalmente por uma intervenção sobrenatural, além da natureza” (BARBOUR, 2004, p. 190).

No entanto, o resultado foi desastroso: Deus foi colocado para fora do universo. Atualmente, os físicos afirmam que não há um “lá fora” em relação ao universo. Tillich alertou contra essa discrepância.

O teísmo ordinário tornou Deus uma pessoa celeste, completamente perfeita, que reside acima do mundo e da humanidade. O protesto do ateísmo contra esta pessoa suprema é correto. Não existe evidência de sua existência, nem é ela questão de preocupação última. Deus não é Deus sem participação universal (TILLICH, 1987, p. 207).

O teísmo afirma que o Criador está totalmente fora desta realidade e distante da humanidade. Tentando uma conciliação com a ciência, o teísmo entrou em conflito com a metafísica. “O teísmo, em suma, não é intrinsecamente conflitante com a ciência, mas sim com a metafísica do materialismo” (BARBOUR, 2004, p. 29), que é a pretensão de que a matéria seja a realidade fundamental do universo. Tillich aponta para as distorções causadas pelo teísmo, tornando-se necessário transcender o teísmo teológico. Uma compreensão de Deus implica o reconhecimento de que

Ele é um ser, não ser-em-si. Como tal está preso à estrutura sujeito-objeto da realidade, é um objeto para nós na qualidade de sujeitos. Ao mesmo tempo somos objetos para ele, na qualidade de um sujeito. E isto é decisivo para a necessidade de transcender o teísmo teológico. Pois Deus, como um sujeito, transforma-me em um objeto que nada mais é que um objeto. Priva-me de minha subjetividade porque é onipotente e

onisciente. Eu me revolto e tento transformá-lo em objeto, porém a revolta fracassa e torna-se desesperada (TILLICH, 1992, p. 139).

### 3.4O DEÍSMO RELEGA A ATIVIDADE DE DEUS AO INÍCIO

O deísmo é uma religião da razão. A atividade de Deus é relegada a um passado remoto, quando ele estabeleceu as leis da natureza. O universo é entendido como uma máquina, que funciona sem a intervenção de Deus e a metafísica é suprimida. O deísmo é a reação lógica diante da descoberta das leis da natureza.

O deísmo levou a sério a regularidade da natureza ao preço de relegar a atividade de Deus a um passado distante. Vimos que, mais recentemente, o papel do acaso pôs em xeque tanto o determinismo da predestinação quanto o determinismo da lei natural (BARBOUR, 2004, p. 191).

O deísmo presume que o mundo esteja fechado à ação de Deus. Sem espaço para a intervenção divina, o Criador foi confinado ao âmbito celeste. A transcendência de Deus foi transformada em distância espacial e sem a influência divina na realidade, a religião foi reduzida a puro moralismo.

### 3.5 O PANENTEÍSMO DETECTA A PRESENÇA TRANSCENDENTE DE DEUS EM TODA A REALIDADE

O filósofo alemão Karl Krause (1781-1832) cunhou o termo “panenteísmo” em 1828, para expressar que tudo está em Deus. A intenção de Krause era evitar o panteísmo e também o teísmo. O termo foi formulado a partir de três vocábulos gregos: pan (tudo), en (em) e teísmo (Deus), para expressar que Deus e o mundo estão inter-relacionados: Deus está no mundo e o mundo está em Deus. Enquanto o teísmo tradicional isola Deus do mundo e o panteísmo identifica Deus com o mundo, o panenteísmo salienta a presença ativa de Deus no mundo. O panenteísmo se empenha por um equilíbrio entre a transcendência e a imanência de Deus. Enquanto o mundo é finito, Deus difere em essência, pois ele é infinito. (disponível em <<http://plato.stanford.edu/entries/panentheism>>. Original em inglês. Acesso em 23 nov. 2012).

O panteísmo preserva a identidade de Deus em relação à sua obra criada. “Deus é imanente ao mundo como seu fundamento criador permanente e é transcendente ao mundo através da liberdade” (TILLICH, 1987, p. 221).

Reiteradas vezes Tillich se empenhou pela superação do “Deus do teísmo”, pois Deus não é um objeto ou um ente entre outros. “Somente transcendendo o Deus do teísmo pode a ansiedade da dúvida e insignificância ser incorporada à coragem de ser” (TILLICH, 1992, p. 140).

Deus transcende o esquema engendrado pelo teísmo. Mesmo oculto, Deus está presente: esse é o caráter paradoxal de sua manifestação, ressalta Tillich.

O Deus acima do Deus do teísmo está presente, embora oculto, em todo encontro divino-humano. A religião bíblica, tanto como a teologia protestante, está cônica do caráter paradoxal deste encontro. Estão cônica de que se Deus encontra o homem, Deus não é nem objeto nem sujeito, e portanto acima do esquema o qual forçou o teísmo (TILLICH, 1992, p. 141).

Se Deus não estiver presente em toda a realidade que ele criou, quais são os critérios para delimitar onde ele está? “Deus participa de tudo o que é, ele tem comunhão com tudo; ele participa de seu destino” (TILLICH, 1987, p. 207).

Deus mantém e preserva a sua criação, ou ele só atuou no início, impulsionando este universo observável?

A doutrina da preservação do mundo é a porta através da qual penetram facilmente conceitos deístas dentro do sistema teológico. O mundo é concebido como uma estrutura independente que se move de acordo com suas próprias leis. Deus certamente criou o mundo “no início” e lhe deu as leis da natureza. Mas depois de seu início ele não interfere em absoluto (deísmo consistente) ou só ocasionalmente mediante milagres e revelação (deísmo teísta), ou atua em uma inter-relação contínua (teísmo consistente). Nestes três casos, não seria exato falar em criação mantenedora (TILLICH, 1987, p. 220).

O panteísmo afirma que Deus é tanto imanente quanto transcendente. O Ser de Deus abrange e penetra todo o universo. Cada parte do universo existe em Deus, mas seu Ser é mais do que o universo. Deus não se esgota na realidade existente, aplicando-se aqui a máxima de que o todo é maior do que a soma das partes. O panteísmo é “a crença de que o Ser de Deus inclui e penetra todo o universo, de modo que cada parte deste existe nele, mas aqui (em oposição ao panteísmo) seu Ser é mais do que o universo, não sendo

esgotado por ele” (*The Oxford Dictionary of the Christian Church*, p. 1213 apud BROCKELMAN, 2001, p. 104).

O panenteísmo é uma orientação de vida. É uma nova relação entre Deus e o universo. A realidade do mundo se encontra em Deus. A vida em Deus e a vida no mundo estão integradas. A realidade é santificada. O panenteísmo ensina a perceber a presença de Deus no mundo.

Se a ciência implicasse um mundo mecânico de maquinários cósmicos, como muitos interpretam a física Newtoniana, a teologia se limitaria à imagem deísta de um Deus que meramente põe o mundo em movimento e então deixa tudo acontecer. Entretanto, a imagem mecanicista sempre esteve sob suspeita porque os seres humanos não se veem como autômatos, mas antes como tendo liberdade para atuar como agentes intencionais. Se o futuro do mundo está aberto para a humanidade, certamente deve estar aberto também para o seu Criador. De fato, a ciência do século XX testemunhou a morte da visão meramente mecanicista da física (POLKINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência – uma introdução*, Faraday paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Deus é imanente à natureza, mas ele não é uma parte finita dela. Deus é o infinito e misterioso poder-de-ser que se manifesta por intermédio da natureza. “Deus não é nem natureza, nem está localizado fora dela, mas é acessível à experiência mística *dentro* dela” (BROCKELMAN, 2001, p. 202). De um modo objetivo, Brockelman declara: “Deus é o próprio ser” (2001, p. 104).

Um Deus estático não poderia proporcionar a emergência de novas propriedades e o surgimento de níveis distintos. Deus influencia a natureza e o mundo provoca uma reação em Deus. O relacionamento de Deus com o mundo é bipolar. Por causa da dimensão infinita de Deus, não existe nada “fora” de Deus. Essa influência pode mudar as intenções de Deus, assevera Philip Clayton. (disponível em <<http://plato.stanford.edu/entries/panentheism>>. Original em inglês. Acesso em 23 nov. 2012). Com a interpenetração mútua, o panenteísmo preserva a unidade e a diferença entre Deus e o mundo. “Só através do finito o infinito pode se expressar a si mesmo” (TILLICH, 1987, p. 186).

O mundo é o corpo de Deus, afirma Grace Jantzen (1948-2006), inspirando-se tanto na teologia quanto na ciência, com uma posição que se assemelha à de Arthur Peacocke e de Philip Clayton. (disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Grace\\_Jantzen](http://pt.wikipedia.org/wiki/Grace_Jantzen)>. Acesso em 23 nov. 2012). Assim

como a mente dirige o corpo, também Deus atua sobre o mundo. Na condição de corpo de Deus, o mundo manifesta a atualiza Deus. (disponível em <<http://plato.stanford.edu/entries/panentheism>,>. Original em inglês. Acesso em 23 nov. 2012). Deus se realiza no mundo.

### 3.6A FÍSICA QUÂNTICA E UMA NOVA DESCRIÇÃO DA REALIDADE

A física clássica tem por base as ideias de Newton, recebendo modificações com a teoria da relatividade geral e a especial de Einstein, afirma Polkinghorne (2008, p. 29).

Newton considerava o mundo como sendo mecânico, previsível, controlável. A partir de 1920, as pesquisas da física quântica passaram a descrever a realidade de um modo diferente. “As duas maiores descobertas do século XX na Física foram a teoria quântica e a relatividade geral” (POLKINGHORNE, 2008, p. 92).

Por que a física quântica é radicalmente diferente da clássica? Os cientistas dividiram o átomo em prótons, nêutrons e elétrons. Os prótons e nêutrons foram divididos em quarks. O elétron parece ser sem estrutura. (disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_das\\_cordas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_das_cordas),>. Acesso em 09 nov. 2012).

A física quântica reúne estados que a física clássica não consegue medir, pois

de acordo com o pensamento quântico convencional, uma entidade como um elétron pode se encontrar em um estado que é uma mistura de “estar aqui” e “estar lá”. Esse traço fundamental do pensamento quântico é chamado de “princípio de superposição” (POLKINGHORNE, 2008, p. 33).

Portanto, existe a possibilidade de o elétron ser encontrado em um lugar e também em outro. Também deve-se considerar que numa realidade integrada há uma interação entre o observador e aquilo que é observado, esclarece Capra.

O elétron *não possui* propriedades objetivas independentes da minha mente. Na física atômica, não pode mais ser mantida a nítida divisão cartesiana entre matéria e mente, entre o observado e o observador. Nunca podemos falar da natureza sem, ao mesmo tempo, falarmos sobre nós mesmos (CAPRA, 1981, p. 81, grifo do autor).

Um mundo mecânico, previsível e controlável não teria possibilitado o surgimento da vida. Vários fatores aleatórios e imprevisíveis contribuíram para que a vida se tornasse viável. Tanto a estabilidade dos átomos quanto a sua imprevisibilidade precisam ser consideradas. “É plausível que tais características tenham sido necessárias para o surgimento da vida, que teria sido impossível em um universo governado pelo determinismo Newtoniano” (POLKINGHORNE, *O Princípio Antrópico e o debate entre ciência e religião*, Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Niels Bohr desenvolveu a Mecânica Quântica e mostrou que o pesquisador de entidades subatômicas influi na observação de uma onda ou de uma partícula. O observador não é neutro ou objetivo.

A Física do século 19 estabeleceu que a luz se propaga em ondas. Nos primórdios do século 20, Max Planck e Albert Einstein constataram que, sob certas circunstâncias, a luz tem o comportamento das partículas. Esse comportamento quantizado foi confirmado por Arthur Compton, em 1923.

A onda se propaga de um modo oscilante. A partícula é concentrada e se projeta. Até o início do século 20 não se admitia que algo pudesse se comportar como onda e também como partícula.

Quando Paul Dirac formulou a teoria do campo quântico, o paradoxo foi esclarecido. A entidade fundamental é um campo, que se propaga pelo espaço e varia no tempo, sendo suas propriedades ondulatórias. Mas sua entidade fundamental é quantizada e “sua energia vem em feixes contáveis que se comportam como partículas” (POLKINGHORNE, 2008, p. 93).

Os cientistas se depararam com um desafio: como explicar a natureza com uma descrição quântica abstrata. Afinal, existe uma realidade quântica?

Hoje os cientistas recorrem a duas teorias básicas para descrever o Universo: a teoria da relatividade geral de Einstein e a física quântica de Planck/Bohr/Heisenberg. Ambas as teorias, porém, são parciais e de difícil conciliação (BOFF, 2008, p. 18).

Os físicos têm se empenhado em descobrir uma teoria que possa abranger toda a realidade no âmbito da física. Mas é necessário ir adiante, até mesmo ir além das teorias das supercordas (que considera as partículas elementares como cordas vibrantes, ou filamentos). Inicialmente as teorias das supercordas requeriam até vinte dimensões para relacionar as vibrações,

limitando-se agora a dez ou onze. Segundo a teoria das supercordas, os quarks e os elétrons são filamentos unidimensionais vibrantes, que receberam o nome de cordas. Com sua vibração, as cordas originam as partículas subatômicas. Cada partícula subatômica no universo possui um padrão de vibração particular. Boff afirma que é impossível formular uma Teoria de Tudo.

As três últimas forças [a eletromagnética, a nuclear fraca e a nuclear forte] puderam ser unificadas na base da física quântica. A única que resiste é a gravitacional, pois escapa à teoria quântica, quer dizer, não cai sob o princípio da indeterminação e da incerteza. Daí ser impossível chegarmos a uma Teoria de Tudo (BOFF, 2008, p. 23).

No entanto, Ervin Laszlo conclui que deve existir um fundamento que gera toda a realidade – sem que ele próprio seja gerado por algum ser. Esse fundamento é o vácuo quântico: um mar de energia virtual. É necessário reconhecer a presença de um fator que não é matéria nem energia.

A realidade não é constituída apenas de matéria e energia, afirma Laszlo, mas também de um fator sutil: a in-formação, que interliga tudo no universo: átomos, organismos, galáxias e mentes, produzindo as formas de coerência quase instantâneas.

A in-formação é um fator fundamental na natureza, pois ela efetivamente “forma” a realidade. Essa in-formação se estende além da mente individual. “O grande físico David Bohm a chamou de ‘in-formação’, significando com isso um processo que, efetivamente, ‘forma’ o recipiente. Esse é o conceito que adotaremos aqui” (LASZLO, 2008, p. 21). A informação “conecta todas as coisas no universo e cria conexões quase-instantâneas entre elas” (LASZLO, 2008, p. 64).

A in-formação é uma parte da substância do universo. A outra parte é a energia, sendo a informação ainda mais fundamental, pois ela sempre está presente em toda a parte.

A in-formação é uma conexão sutil, quase instantânea, não-efanescente e não-energética entre coisas em diferentes locais do espaço e eventos em diferentes instantes do tempo. Tais conexões são denominadas “não-locais” nas ciências naturais e “transpessoais” nas pesquisas sobre a consciência. A in-formação liga coisas (partículas, átomos, moléculas, organismos, ecologias, sistemas solares, galáxias inteiras, assim como a mente e a consciência associadas com algumas dessas coisas) independentemente de quão longe elas estejam umas das outras e de quanto tempo se passou desde que se criaram conexões entre elas (LASZLO, p. 73-74).

### 3.7A FILOSOFIA DO PROCESSO

#### 3.7.1 Alfred North Whitehead – a realidade é um processo

**Whitehead** (1861-1947) é um dos fundadores da moderna lógica matemática. Durante trinta anos ele lecionou geometria e mecânica. Entre 1914 e 1924 lecionou matemática. Whitehead e Bertrand Russel escreveram a *Principia mathematica*. Aos 63 anos foi nomeado professor de filosofia em Harvard, onde lecionou até 1937. Seu sistema de pensamento está baseado na física e desemboca numa filosofia da religião. Escreveu *Ciência e mundo moderno* (1926) e *Processo e realidade* (1929). O desenvolvimento a seguir está fundamentado em Hirschberger (1968, p. 198-200); McGrath (2005, p. 135-39); Barbour (2004, p. 215-21) e <<http://plato.stanford.edu/entries/panentheism>,>. (Original em inglês. Acesso em 23 nov. 2012).

Whitehead empreendeu uma análise da realidade, estruturando seu pensamento a partir destes conceitos: os objetos eternos, o impulso criador (a criatividade), o princípio de limitação (ou concreção), o evento, apreensão (ou captação), o agir de Deus mediante a persuasão.

No seu entender, as Ideias de Platão não possuem atualidade; elas são meras possibilidades. Uma Ideia é a propriedade “azul”. Como “objeto eterno”, o “azul” não possui realidade, mas quando observamos a propriedade “azul” em algum objeto, então uma eterna possibilidade penetrou num evento real. Portanto, os “objetos eternos” são as Ideias de Platão. E os “objetos eternos” se realizam no evento.

Com muita insistência, Whitehead salienta que a natureza não deve mais ser entendida de forma estática. Em lugar da substância inerte está o processo – uma sucessão de eventos. A teoria elétrica da matéria identifica-a com energia, e está é atividade. O substrato último da realidade é energia, ou seja, atividade.

Quando os átomos e seus núcleos sofrem fissão, as partículas subatômicas não se comportam como sólidos convencionais, o que torna



problemática a noção de matéria. “Não precisamos explicar como a matéria inconsciente gera a consciência imaterial, pois nem a matéria é inteiramente inconsciente nem a consciência está totalmente separada da matéria” (LASZLO, 2008, p. 115).

Laszlo também aponta para um nível de consciência que impregna toda a realidade. “Físicos de primeira grandeza como Freeman Dyson, e filósofos da estatura de Alfred North Whitehead afirmaram que até mesmo as partículas elementares são dotadas de uma forma e de um nível de consciência” (LASZLO, 2008, p. 116).

O pampsiquismo abrange um polo físico e também um polo mental. “O conceito pampsiquista foi explorado pelo filósofo Alfred North Whitehead. Em sua ‘metafísica orgânica’, todas as coisas no mundo (todas as ‘entidades efetivas’) têm um ‘polo físico’ assim como um ‘polo mental’” (LASZLO, 2008, p. 118). Resulta daí a complementariedade entre matéria e mente. “A matéria e a mente não são realidades separadas, distintas; elas são aspectos complementares da realidade do cosmos” (LASZLO, 2008, p. 118).

A realidade é impulsionada por um dinamismo radical. Sua característica básica é a criatividade. A causa de todo o vir-a-ser é a “criatividade” (um impulso criador). A criatividade é a realização de potencialidades. Nesse vir-a-ser permanente, tudo muda por causa do impulso da “substância” (mencionada por Espinosa), que é totalmente indeterminada em si. É um impulso indeterminado orientado para a vida (assim como o *élan vital* de Bergson). Para Espinosa, o substrato último da realidade é a substância – com a capacidade para modificar a si mesma em vários modos (infinitos e finitos). Para Whitehead, o substrato último é uma potencialidade indeterminada – sem características definidas.

No entanto, nem os “objetos eternos” e nem o “impulso criador” são determinados. Por isso, eles não podem explicar o aparecimento da realidade concreta. Existe um terceiro fator: o “princípio de limitação”, que é sempre atual. Esse “princípio de limitação” delimita e determina o vir-a-ser. Esse “princípio de limitação” é Deus, cuja atuação é identificada nessa etapa do processo.

Whitehead salienta que a realidade é um processo, uma sucessão de eventos. O conceito fundamental da realidade é o “evento”. A realidade é aquilo que ocorre neste momento. O universo é dinâmico e orgânico. Ele é uma sucessão de eventos que se tornam realidade – no tempo e no espaço.

O evento é uma realidade sintética do Universo, pois ele contém em si o passado e o futuro, tornando-se um vetor para os acontecimentos seguintes. Todo evento é um organismo, tornando-se um espelho do Universo. No entanto, o evento é sempre algo novo em relação à realidade que o precede.

De um modo sintético, cada evento concentra em si todo o Universo. O passado de cada evento está contido nele. E já que os eventos têm uma qualidade de vetor, seu futuro também está enunciado e prefigurado nele. O evento aponta para além de si, penetrando em outros eventos, pois eles são campos interpenetrantes. A “criatividade” é um princípio de novidade e de unificação. Há uma descontinuidade (a novidade quântica) na continuidade (unindo passado, presente e futuro).

O evento não é permanente; ele é uma pulsação, um momento. Mas o evento se perpetua na medida em que ele passa a atuar no evento seguinte. Ele é “herdado” no evento que segue. Tudo é influenciado por tudo. Os eventos exercem influência e persuasão uns sobre os outros; sua participação no processo é “bipolar”. Os eventos se caracterizam pela mudança e pela transformação.

Todo evento é uma “apreensão” e um organismo. O acontecimento é uma “captação”, porque apreende em si o universo inteiro. Sendo o evento a unidade sintética do universo, o próprio passado está contido nele, e o futuro se anuncia.

De modo particular, cada evento contém em si todos os aspectos do mundo real, todos os objetos eternos, o impulso criador e o princípio de limitação, Deus (que é imanente ao mundo). O evento é sempre algo novo em relação à realidade que o precede. Ele é peculiar e atual, e proporciona um novo valor.

Deus é necessário para explicar os fenômenos: ele é o “princípio de concreção”. Somente Deus possibilita compreender o “como” e o “porquê” dos acontecimentos. Ou seja: negar a Deus equivale a negar a existência dos seres

concretos. Dito de outro modo, a realidade se concretiza por intermédio de Deus. Deus é determinante em cada momento.

Deus está presente no mundo e o mundo influencia Deus. O relacionamento entre Deus e o mundo é bipolar. Deus age e reage. Whitehead afirma que toda a realidade é bipolar.

Para não ser confundida com panteísmo, a filosofia do processo ressalta que permanece uma distinção entre Deus e o mundo. Essa distinção se expressa mediante a eternidade de Deus e a temporalidade do mundo.

Deus apresenta possibilidades para os eventos no mundo. No entanto, cada evento “decide” como vai concretizar essas possibilidades. Em vista da ausência da determinação divina, cada evento é livre para efetivar suas possibilidades. Deus não impõe, mas age por persuasão. Portanto, Deus não é o causador direto do mal, afirma Whitehead.

Deus não determina a resposta de cada evento. Ele apresenta as possibilidades. Um evento pode rejeitar a proposta de Deus e efetivar uma experiência desintegradora. Mas Deus pode redimir a situação e estabelecer novas relações – objetivando um propósito bom. Deus torna efetiva a sua proposta salvífica mediante a persuasão.

A natureza primordial de Deus faz com que ele seja imutável e intemporal; sua atualidade, porém, é infinita e completa. Não se trata de uma eternidade morta. Somente a criação desperta Deus à vida. Deus é eterno, mas foi só através da criação que ele se tornou dinâmico.

Segundo sua natureza consequente, Deus é a “apreensão consciente e conceptual universal”. Deus é ilimitado e está evoluindo, e se encontra num processo de vir-a-ser, sendo enriquecido permanentemente graças à captação de novos elementos e acontecimentos.

Deus e o mundo evoluem juntos. Existir é ser parcialmente auto-determinante. A “apreensão” faz todo acontecimento se ultrapassar a si mesmo, pois toda a realidade está interligada. Deus é a “apreensão” consciente do Universo.

“Se o futuro do mundo está aberto para a humanidade, certamente deve estar aberto também para o seu Criador” (POLKINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência – uma introdução*, Faraday Paper, n. 1, disponível em

<<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012). A realidade está aberta, mas isso não significa ausência de propósito. “Isto não implica que o futuro seja algum tipo de loteria aleatória, mas simplesmente que as suas causas não se limitam à descrição científica convencional de trocas de energia entre os componentes do sistema” (POLKINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência – uma introdução*, Faraday Paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012)

O futuro pode ser previsto com algum grau de probabilidade, mas diante da diversidade de forças, sempre podem ocorrer resultados imprevisíveis.

Uma interpretação realista das imprevisibilidades leva à visão de um mundo genuíno “vir-a-ser”, no qual o futuro não é uma consequência inevitável do passado. Ao invés disso, muitos fatores causais o determinam: a lei natural, atos humanos intencionais e a providência divina (POLKINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência – uma introdução*, Faraday Paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

O processo provoca uma reavaliação do conceito de tempo. Nem o universo e nem Deus são prisioneiros do tempo, pois este só existe junto a acontecimentos.

A reflexão sobre um mundo genuíno *vir-a-ser* tem levado alguns teólogos a repensar a relação de Deus com o tempo. Deus não está aprisionado no tempo como as suas criaturas, e certamente deve haver uma dimensão atemporal na natureza divina (POLKINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência – uma introdução*, Faraday Paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Nesse processo de *vir-a-ser*, efetivamente existir é ser parcialmente autodeterminante.

### 3.7.2 Charles Hartshorne – o Deus pessoal age e reage

**Charles Hartshorne** (1897-2000) escreveu *Man's vision of God* [A visão humana de Deus, 1941], onde ele compara a visão “clássica” de Deus, proposta por Tomás de Aquino, com a concepção do processo. Partindo do pensamento de Whitehead, Hartshorne enfatizou a dimensão pessoal de Deus. Ele também reelaborou o conceito da onipotência de Deus, pois nenhum ser detém exclusivamente todo o poder. A realidade é constituída de uma pluralidade de poderes. Hartshorne salienta que a experiência pressupõe uma

pluralidade de poderes, os quais exercem influência um no outro. Não é concebível que um único ser detenha literalmente todo o poder. Nem mesmo Deus. Desse modo, Torna-se necessário reelaborar o conceito de onipotência divina.

Ele rejeitou também a concepção do teísmo clássico (como se Deus fosse um tirano arbitrário). O teísmo afirma que Deus está totalmente fora desta realidade e distante da humanidade. Hartshorne também rejeitou o panteísmo. Enquanto o panteísmo afirma que todos os seres são divinos, o panenteísmo declara que Deus está presente em toda a realidade, mas preserva sua transcendência.

O ser de Deus é especificado como evento. Deus engloba todos os eventos que constituem a história do mundo; ele é a estrutura intemporal de relações entre todos os eventos.

Deus é influenciado, mas isso não significa que ele seja reduzido às demais entidades. A ação de Deus no mundo é a sua influência no âmbito do processo. Deus é imutável em seu propósito e mutável em suas relações. A atuação divina acontece mediante a persuasão.

A Teologia do Processo concebe o poder de Deus como restrito, explicando assim a existência do mal. Portanto, o mal é uma decorrência das manifestações da autodeterminação das criaturas. Deus se defrontou com o caos primordial, colocando ordem na sua criação. A Teologia do Processo entende que o mal é integrante do caos primordial, que sempre de novo quer se fazer presente.

Moltmann sintetizou o pensamento da teologia do processo, salientando que Deus age e reage. A partir dessa experiência que o próprio Deus realiza, os eventos gozam de uma “imortalidade objetiva” na relação com o divino.

A teologia do processo norte-americana de Alfred North Whitehead e Charles Hartshorne chamou essa permanência na relação com Deus de “imortalidade objetiva”. Não apenas Deus age em todas as coisas, mas também todas as coisas retroagem sobre Deus. Os seres humanos não são apenas criados por Deus, eles, por sua vez, também causam uma impressão em Deus. Não somente nós fazemos a experiência de Deus, mas o próprio Deus faz uma experiência de nós, e essa “experiência” que Deus faz conosco permanece em Deus, mesmo que nós passemos (MOLTMANN, 2007, p. 132).

Diferentemente do teísmo clássico e do deísmo, a teologia do processo reconhece a presença criadora de Deus no desenvolvimento da natureza e no transcurso da história da humanidade. A ação de Deus no mundo é permanente, mas não é exclusiva e nem absoluta. Deus optou voluntariamente pela autolimitação

### 3.8.0 DIÁLOGO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO

#### 3.8.1 Teilhard de Chardin – a evolução rumo ao Ponto Ômega

**Pierre Teilhard de Chardin** (1881-1958), paleontólogo e jesuíta, empenhou-se em reinterpretar a fé cristã a partir das descobertas do evolucionismo. O Iluminismo havia dessacralizado o mundo. Teilhard de Chardin ressacralizou o mundo, pois Deus está presente em toda a parte. O universo deve ser entendido como um fenômeno. A ciência investiga *o que* é o universo. Teilhard de Chardin pergunta *por que* é o universo.

Torna-se necessário descobrir o sentido da evolução e completá-la. Toda evolução cósmica direciona-se para formas de vida sempre mais complexas. A consciência e a complexidade são inseparáveis. A consciência é indispensável para a organização da matéria. A evolução continua acontecendo. A chave para entender o pensamento de Teilhard de Chardin é a lei da complexidade crescente da vida e do aumento da consciência. Todo o universo se dirige do mais simples para as estruturas mais complexas. Complexidade é sinônimo de integração e unificação. A complexidade crescente ocorre desse modo: átomo, molécula, célula. A consciência é uma realidade espiritual. A complexidade consciente ocorre neste processo evolutivo: a pré-consciência na matéria, a bioconsciência na ameba e a zooconsciência nos animais dotados de centro nervoso. Toda a matéria é dotada de alguma forma de consciência.

Para compreendermos o universo precisamos começar por estudar a Terra. As três grandes etapas na evolução do universo são: matéria, vida e espírito. A matéria anorgânica é a Geosfera. O surgimento da vida é a Biosfera. E a dimensão do espírito é a Noosfera, a hominização da vida. O universo tem a

sua história e os momentos mais importantes são estes: a formação da matéria, a vitalização da matéria e a hominização da vida.

Com sua visão abrangente, Capra corrobora a visão de Teilhard de Chardin, afirmando que o planeta Terra é um organismo vivo.

O planeta está não só palpitante de vida, mas parece ser ele próprio um ser vivo e independente. Toda a matéria viva da Terra, juntamente com a atmosfera, os oceanos e o solo, forma um sistema complexo com todas as características de auto-organização (CAPRA, 1981, p. 278).

Atualmente, a evolução transcorre no âmbito da Noosfera – em duas etapas: Antropogênese (o desenvolvimento das potencialidades da consciência) e Cristogênese (a unificação e convergência do universo no Ponto Ômega, que é Cristo). Portanto, a Cosmogênese se tornará em Noogênese.

Teilhard de Chardin havia percebido a seguinte lógica na evolução: quanto mais ascende, mais ela se complexifica; quanto mais se complexifica, mais se interioriza; quanto mais se interioriza, mais consciente se torna; e quanto mais consciente se torna, mais converge a um ponto onde tudo se concentra, se sintetiza e constitui uma unidade superior (BOFF, 2003, p. 57-58).

O passado é apenas uma parte da evolução cósmica. O processo evolutivo prossegue em direção à sua plenitude: o Ponto Ômega. A natureza está orientada para um alvo. A principal energia é o amor. Cristo é o Ponto Ômega de toda a evolução. A maturação do universo será a transparência universal de Deus. Textos bíblicos que apontam para a convergência do universo em Deus: Cl 1:15-20; 1 Co 3:23; 8:6; 15:28; Ef 4:6; Rm 11:36.

A ciência pesquisa o caminho da evolução, mas não conhece o alvo. A igreja conhece o alvo, mas desconhece o caminho. A tarefa é descobrir o sentido oculto do organismo que é o universo. O universo é uma grande unidade orgânica, que se organiza a partir de dentro. O decisivo para a evolução da humanidade é o amor.

Uma excelente síntese do pensamento do pensador francês é apresentada por Frei Betto (1992) e também por Wildiers (1963) – o qual foi escolhido na França para redigir a introdução à obra completa de Teilhard de Chardin

Atualmente, três pesquisadores tem se destacado na reflexão sobre a relação entre a ciência e a teologia. São eles: Arthur Peacocke, bioquímico e

sacerdote anglicano; Robert Russel, físico e ministro da Igreja Unida de Cristo e Ian Barbour, professor de física e estudos religiosos.

### **3.8.2 Ian G. Barbour – Deus está presente na natureza e atua nela**

**Ian G. Barbour** é um dos mais importantes articuladores no diálogo entre ciência e religião. Ele estudou Física, doutorou-se em Filosofia e obteve o grau de bacharel em Teologia. Barbour é professor emérito de Física e Religião no Carleton College, em Minnesota. Em 1966 publicou *Issues in Science and Religion* [Questões em ciência e religião]. Esse livro veio a ser uma fonte de referência e tornou Barbour conhecido. Em 1990, ele publicou *Religion in the Age of Science* [A religião na era da ciência]. Em 1993, a Academia Americana de Religião declarou Barbour o decano no diálogo entre ciência e religião.

Barbour desenvolveu o “pensamento do processo” para incrementar o diálogo entre ciência e religião. Ele se destacou na formulação da teologia do processo, refletindo sobre a doutrina clássica da onipotência divina. Barbour afirma que Deus é um agente entre outros no universo; sua atuação recorre mais à persuasão do que à compulsão. Em vez de determinar o mundo, Deus o influencia. O poder de Deus não é absoluto, mas limitado pelo agir dos demais seres – dotados de liberdade. Nas limitações do poder de Deus está situada a origem do sofrimento e do mal existente no mundo. A vitória sobre o mal é uma conquista gradual e permanente.

Mesmo havendo guerras e fome, Deus não se utiliza da coerção. Ele procura persuadir o ser humano a não provocar distorções com sua liberdade. Agindo mediante a persuasão, Deus tem o seu poder limitado.

A visão panenteísta de Barbour percebe Deus presente em tudo. No entanto, essa presença divina em toda a realidade não a torna divina, como propõe o panteísmo, informa McGrath (2005, p. 258-61).

### **3.8.3 Arthur Peacocke – panenteísmo: o acaso é o radar de Deus**



**Arthur Peacocke** é professor na Universidade de Birmingham, onde pesquisou aspectos físico-químicos do DNA. Ele é um defensor da evolução teísta e se identifica como panenteísta. Escreveu *Cosmological Physics* (1998) e também o ensaio *Evolução: o amigo disfarçado da fé*, concluindo que o darwinismo não é inimigo da religião, mas um amigo disfarçado. Deus está constantemente criando o mundo e o preserva em sua estrutura. A evolução biológica é um exemplo da imanência de Deus. O Criador imanente atua nos processos de ordem natural. A evolução deve ser compreendida como sendo o agir contínuo de Deus e o acaso interage de modo criativo com o processo evolutivo.

Peacocke quer refletir sobre a presença do *acaso* e a vigência da *lei* – operando juntos na cosmologia, na física quântica, na termodinâmica do não-equilíbrio e na evolução biológica. Em todos os níveis, o acaso participa na expressão das potencialidades. O agir criador de Deus abrange a lei e o acaso. Deus é atuante nos processos que a ciência revela.

O acaso é o radar de Deus, que sonda as possibilidades e desperta as potencialidades dos sistemas naturais. Barbour relata que

O bioquímico e teólogo Arthur Peacocke atribui ao acaso um papel decisivo na sondagem das potencialidades inerentes à ordem criada. [...] Deus poderia prever a direção geral da mutação evolutiva, mas não a sequência exata dos eventos (BARBOUR, 2004, p. 97).

Peacocke também apresenta a teoria da *causalidade descendente* nos organismos e propõe o modelo de *Deus como Causa Descendente*. Deus é o todo mais abrangente possível. Dentro dessas relações entre o todo e as partes, todos os organismos naturais são partes integrantes. O mundo é o corpo de Deus. E Deus é a mente do mundo. A história do universo é o transcurso da ação de Deus; como agente, manifestando seus propósitos. “Arthur Peacocke afirma que Deus exerce uma *causalidade descendente* sobre o mundo. A ação de Deus é, para as relações nos níveis inferiores, uma condição limitativa ou restrição que não viola as leis desses níveis” (BARBOUR, 2004, p. 213). Deus é o planejador e o mantenedor de um processo auto-organizado. Ele também é o transmissor de informações, o determinador de indeterminações quânticas, a causa descendente.

Peacocke constata a imprevisibilidade da história evolutiva e emprega imagens novas para Deus: ele é o compositor e também o coreógrafo de uma

dança duradoura. Ele também é o compositor de uma sinfonia inacabada. Como coreógrafo e compositor, Deus experimenta, improvisa, e desenvolve um tema com variações. Deus está empenhado numa criação contínua. Com experimentos e improvisações, Deus atua num processo de criação contínua. Esse processo é ilimitado. Em lugar do modelo clássico da onipotência, Peacocke aponta para a autolimitação de Deus, mencionando inclusive que Deus sofre junto com o mundo.

Em 1979, Arthur Peacocke passou a publicar sua compreensão de panenteísmo. O universo é uma unidade composta de sistemas complexos em uma hierarquia de níveis diferentes. Essa unidade pode ser entendida como um monismo emergentista. Por sua vez, os diferentes tipos de complexidade não podem ser reduzidos a uma só explicação. Essa dinâmica criativa da emergência de complexidade é imanente no universo. A relação entre Deus e o mundo natural é imanente. Peacocke rejeita qualquer concepção de Deus como um ser externo à natureza, como propõem o teísmo e o deísmo. Deus cria continuamente através dos processos de ordem natural, envolvendo-se ativamente com os acontecimentos. Mas ele transcende os processos naturais. Peacocke se identifica como panenteísta, pois percebe Deus atuando dentro do universo. No entanto, Deus é infinitamente mais do que o universo e transcende-o. O panenteísmo combina a imanência com a transcendência de Deus. (disponível em <[http://www.en.wikipedia.org/wiki/Arthur\\_Peacocke](http://www.en.wikipedia.org/wiki/Arthur_Peacocke)>). Original em inglês. Acesso em 05 out. 2012).

### **3.8.4 Robert Russell – o acaso e a ação de Deus no mundo quântico**

**Robert John Russell** ensinou Física no Carleton College e Ciência e Religião com Ian Barbour. É fundador e diretor do Centro de Teologia e Ciências Naturais, em Berkeley, Califórnia. Escreveu *Cosmology, Evolution and Resurrection Hope: Theology and Science in Creative Mutual interaction* (2006) e *Cosmology from Alpha to Omega* (2008). Russell articulou a consonância e também a dissonância entre a física moderna, a biologia evolutiva e a teologia.

Russell detecta o acaso e a ação de Deus no mundo quântico. Um evento não precisa ser determinado e reduzido a leis. A determinação final

cabe a Deus, que age mediante as potencialidades, atuando nas indeterminações quânticas. A proposta de Russell se apresenta como uma teologia da natureza. “O físico e teólogo Robert Russell está entre os que afirmam que Deus influencia somente certos eventos quânticos, e atua também sobre níveis superiores como causa descendente nos eventos em níveis inferiores”, informa Barbour (2004, p. 113).

### 3.8.5 John Polkinghorne e o Princípio Antrópico

**John Polkinghorne** foi professor de Física Matemática na Universidade de Cambridge e trabalhou com física teórica de partículas elementares por 25 anos. Tornou-se sacerdote da Igreja Anglicana. Escreveu muitos livros, incluindo *Science and Theology*. Empenhou-se em constatar um propósito no universo. Para esse objetivo era de fundamental importância o diálogo entre a ciência e a teologia natural. Antigamente pensava-se que algumas deficiências no conhecimento científico nunca seriam superadas. Essas lacunas eram reservados para a atuação divina, pois o que a ciência não explicava era relegado para Deus. Com essa cosmovisão, Deus era um “tapa-buracos”. Mas na medida em que essas lacunas na pesquisa eram esclarecidas, Deus era empurrado cada vez mais para fora do âmbito da ciência.

Polkinghorne passou a se concentrar nesta questão: de onde procede a ordem no mundo? Ele observa que

o mundo não é apenas racionalmente transparente em um grau profundo à inquirição científica, mas também é, em semelhante grau, racionalmente belo, concedendo repetidamente aos cientistas o senso de maravilha como uma recompensa pelo trabalho de pesquisa (POLKINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência – uma introdução*, Faraday Paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>,>. Acesso em 05 out. 2012).

A ciência não consegue explicar esse “caráter profundo das leis da natureza”, observa Polkinghorne. O surgimento da vida no universo requer determinadas condições. “As leis básicas da natureza, em seu caráter atual, tiveram que assumir uma forma quantitativa específica para possibilitar a emergência da vida em algum local do universo” (POLKINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência – uma introdução*, Faraday Paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>,>. Acesso em 05 out. 2012).

Como devemos entender a doutrina da criação do universo?

A doutrina da criação não diz respeito primariamente a *como* as coisas começaram, mas *por que* elas existem. Deus é visto como ordenador e sustentador do cosmo, sendo o seu Criador hoje, tanto quanto o era na época do *Big Bang*.[...] Deus age por meio dos resultados do processo natural quanto por qualquer outro meio (POLKINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência – uma introdução*, Faraday Paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Como devemos entender a atuação de Deus ao longo da história evolutiva? “John Polkinghorne e outros argumentam que Deus influencia a história evolutiva transmitindo informações por meios que não violam a conservação da energia, ou outras leis científicas”, informa Barbour(2004, p. 138).A atuação de Deus na realidade passou a ser concebida como transmissão de informações. O modelo de Deus como transmissor de informações está em consonância com as leis científicas.

Barbour também acrescenta que “John Polkinghorne propõe que a ação de Deus é *‘uma entrada de informação pura’*. Na teoria do caos, uma entrada de energia infinitesimalmente pequena produz uma mudança muito grande no sistema” (BARBOUR, 2004, p. 207).

Diante da auto-organização dos sistemas complexos, especialmente dos sistemas não-lineares distantes do equilíbrio, Deus é concebido como planejador de um processo auto-organizado.

Polkinghorne aponta para a importância da mutação genética para a história da vida na Terra. “Sem um grau de mutação genética, a vida estaria congelada dentro de uma faixa existente de formas. Elevando-se demais a taxa de mutação, não haverá espécies quase-estáveis sobre as quais a seleção natural poderia operar” (POLKINGHORNE, 2008, p. 40-41).

Polkinghorne faz referência ao posicionamento de Charles Kingsley e Frederick Temple, dois pensadores cristãos, que se posicionaram em relação a um mundo em evolução.

Eles diziam que, sem dúvida, Deus poderia ter trazido à existência um mundo já pronto. Mas descobrimos que o Criador fez algo mais inteligente do que isto, criando um mundo tão fértil que as criaturas que nele habitam tiveram a capacidade de “fazerem a si mesmas”, na medida em que o processo exploratório da evolução trazia este potencial à realidade (POLKINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência –*

*uma introdução*, Faraday Paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Para uma correta compreensão do processo evolutivo e também da existência do mal na realidade, Polkinghorne ressalta a importância de uma concepção do agir de Deus – movido por sua autolimitação – como entende a teologia *kenótica*.

Uma das ideias mais iluminadoras da teologia do século XX foi o reconhecimento de que o ato da criação foi um ato de autolimitação divina – um ato de *kenosis*, como os teólogos dizem – por parte do Criador, permitindo às criaturas ser e constituir a si mesmas. Isso implica que, embora sob a permissão divina, nem tudo o que acontece está de acordo com a vontade positiva de Deus. Uma compreensão *kenótica* do relacionamento de Deus com o mundo auxilia a teologia em sua luta com as perplexidades do mal e do sofrimento, que certamente são seu problema mais desafiador. Um mundo no qual as criaturas fazem a si mesmas é algo muito bom, mas tem o seu preço (POLINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência – uma introdução*, Faraday Paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Os processos evolucionários envolvem acaso e necessidade. Aquilo que é teoricamente possível aconteceu em pequena proporção, os detalhes contingentes ocorreram por acaso. Com sua longa história de 13,7 bilhões de anos, o universo tornou-se muito complexo. E o sistema mais complicado, que a ciência encontrou, é o cérebro humano.

Polkinghorne reitera o significado da mutação genética e, coerente com a teologia *kenótica*, ele aponta para a dimensão sombria da evolução.

O mecanismo que dirigiu a história da vida na Terra foi a mutação genética. Ora, se células de germes poderão sofrer mutações e produzir novas formas de vida, células somáticas poderão também sofrer mutações, mas se tornar malignas. A angustiante existência do câncer não é algo sem motivo, ou alguma coisa que um criador mais competente ou menos insensível poderia ter eliminado facilmente. É o lado sombrio e inevitável da produtividade da evolução (POLINGHORNE, *O debate sobre religião e ciência – uma introdução*, Faraday Paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Em seu empenho para constatar um propósito no universo, Polkinghorne é um articulador do Princípio Antrópico – um conceito que opera com uma ideia central: a necessidade se deparou com um “ajuste-fino” das leis da natureza – para que a vida humana se tornasse possível.

Em outras palavras, a mera exploração evolucionária do que pode acontecer (acaso) não teria sido suficiente se a regularidade normatizada do universo (necessidade) não

houvesse assumido a forma altamente específica que é necessária para gerar potencialidade biológica. O universo tinha bilhões de anos de idade quando a vida apareceu, mas ele já estava prenhe desta possibilidade desde o princípio (POLKINGHORNE, *O Princípio Antrópico e o debate entre ciência e religião*, Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

O surgimento da novidade depende de condições que se situam “no limite do caos”, ou seja, no entrelaçamento de regularidade e abertura, ordem e desordem. Uma ordem muito rígida não permite o aparecimento da novidade. E condições muito desorganizadas não possibilitam a persistência e a estabilidade. “Se não houvesse mutações genéticas, a vida jamais desenvolveria formas novas; se houvesse mutações em demasia, as espécies sobre as quais a seleção natural atua jamais teriam se estabelecido” (POLKINGHORNE, *O Princípio Antrópico e o debate entre ciência e religião*, Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Capra afirma que a auto-organização requer sistemas sem equilíbrio.

Um alto grau de não-equilíbrio é absolutamente necessário para a auto-organização; os organismos vivos são sistemas abertos que operam continuamente sem qualquer equilíbrio. [...] A estabilidade de sistemas auto-organizadores é profundamente dinâmica e não deve ser confundida com equilíbrio (CAPRA, 1981, p. 264).

O tamanho do universo também é fundamental para o desenvolvimento da vida. Somente um universo com esta extensão poderia durar quatorze bilhões de anos, período necessário para o surgimento da vida humana. As propriedades da matéria tornaram possíveis os processos biológicos.

Um simples exemplo é a anômala propriedade da água de expandir-se quando congelada, desse modo impedindo que os lagos se congelem até o fundo, o que mataria quaisquer formas de vida em seu interior. Mudanças no valor de  $\alpha$  poderiam alterar essas propriedades (POLKINGHORNE, *O Princípio Antrópico e o debate entre ciência e religião*, Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Os dados pesquisados levam ao reconhecimento de um plano para que a vida se tornasse viável. “Todos os cientistas concordam em que a fábrica física do universo precisou assumir uma forma muito particular para que a vida baseada em carbono fosse capaz de evoluir ao longo de sua história” (POLKINGHORNE, *O Princípio Antrópico e o debate entre ciência e religião*,

Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Laszlo aponta para um plano prévio, que tenha informado o universo em sua forma embrionária.

A coerência do nosso universo nos diz que todas as suas estrelas e galáxias estão conectadas de alguma maneira. E a espantosa sintonia fina de suas constantes físicas sugere que, em seu nascimento, o vácuo de onde nosso universo emergiu não estava estruturado aleatoriamente. É provável que um universo prévio tenha informado o nascimento do nosso universo, de maneira parecida com aquela pela qual os códigos genéticos dos nossos pais informaram a concepção e o crescimento do embrião que cresceu no que somos atualmente (LASZLO, 2008, p. 46).

Mais de trinta fatores convergentes viabilizaram o que os cientistas denominam de sintonia fina. Uma diferença mínima na formação do universo teria resultado em colapso, destaca Laszlo.

A sintonia fina em questão envolve mais de trinta fatores e uma exatidão considerável. Por exemplo, se a taxa de expansão do universo inicial fosse um bilionésimo menor do que foi, o universo teria recolapsado quase instantaneamente; e se fosse um bilionésimo maior, ele teria se dispersado tão depressa que produziria apenas gases diluídos e frios (LASZLO, 2008, p. 151).

Diante de tantas evidências, um “acaso feliz” torna-se improvável. “Não é provável que um universo como o nosso – com galáxias e estrelas, e vida neste e, presumivelmente em outros planetas capazes de sustentá-la – tenha passado a existir por uma questão de puro acaso feliz” (LASZLO, 2008, p. 152).

Mas os cientistas discordam em torno da origem do universo.

Diante das constatações do Princípio Antrópico, há cientistas que argumentam com o multiverso e há os que percebem a atuação de uma mente universal. A principal alternativa ao argumento do universo projetado é a argumentação de um multiverso: um enorme conjunto de universos (HOLDER, *Há sido diseñado el Universo?*, Faraday Paper, n. 10, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012). Em sua maioria, esses universos estariam mortos. Para os que admitem a existência de muitos universos, cada um com leis diferentes, resta concluir que: “Um cosmo antrópico seria simplesmente um raro bilhete premiado em uma loteria multiversal” (POLKINGHORNE, *O Princípio Antrópico e o debate entre ciência*

e *religião*, Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Quando a revista *Época* (07.08.2006) perguntou: “Existe harmonia no mundo? E qual é o papel da imperfeição?”, o físico Marcelo Gleiser respondeu:

E como! Basta ver a coreografia dos ciclos naturais, como a vida coexiste e improvisa com o meio ambiente e como padrões simétricos tendem a se repetir, a bifurcação dos troncos das árvores e dos leitos dos rios, as espirais das galáxias e das conchas, a simetria das asas de uma borboleta e dos flocos de neve. Porém, se só houvesse harmonia e simetria, se só houvesse equilíbrio, jamais haveria transformação... Portanto, tudo o que ocorre e que se transforma no mundo o faz devido a imperfeições, ao desequilíbrio. É a tensão entre harmonia e imperfeição que gera a criatividade do mundo natural, das formas mais simples àquelas mais complexas (GLEISER, Revista *Época*).

Em 2010, Gleiser publicou *A criação imperfeita*, declarando no prefácio: “É hora de a ciência mudar, deixando para trás a velha estética do perfeito que acredita que a perfeição é bela e que a ‘beleza é verdade’”. No capítulo 1 desse livro, ele argumenta com teorias modernas que postulam um “nada quântico”, chamado de “multiverso” ou “megaverso”, que daria origem a universos-bebês. O multiverso seria eterno e dispensaria a Primeira Causa. Aleatoriamente ocorreriam flutuações de energia a partir do “nada”, originando universos-bebês. “A maioria dessas flutuações desaparece, retornando à sopa quântica de onde vieram”, afirma Gleiser.

Portanto, um mesmo cientista pode argumentar em prol da simetria no universo e, seis anos mais tarde, aderir aos postulados do “multiverso”. O posicionamento do cientista depende da perspectiva.

Laszlo, por sua vez, argumenta com a existência de um Metaverso, que já sempre existiu e continuará existindo depois do nosso universo. O *Bang*, que originou o nosso universo, foi apenas uma explosão entre outras. O Metaverso continua gerando inúmeros outros universos, que surgem e se extinguem. E, no entanto, Laszlo afirma que há mais de trinta fatores convergentes indicando a existência de um plano prévio no Metaverso in-formado.

Outra alternativa ao Princípio Antrópico é a teoria do estado estacionário, proposta por Sir Fred Hoyle, astrofísico de Cambridge. O universo seria eterno, mantendo a mesma aparência com matéria nova.

Sir Roger Penrose, catedrático emérito de matemáticas em Oxford, tem demonstrado que nosso universo era um dos  $10^{10}$



<sup>123</sup> universos possíveis, dos quais somente um tenderia à ordem suficiente para produzir a complexidade que nós observamos. Essa é a quantidade de ordem que fazia falta para que nós estivéssemos aqui. Supondo que tivéssemos que escrever  $10^{10^{123}}$  colocando um zero para cada átomo do universo, não haveria átomos suficientes em todo o universo visível para poder fazê-lo (HOLDER, *Há sido diseñado el Universo?*, Faraday Paper, n. 10, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Nosso universo possui um grau de ordem de 1 em  $10^{10^{123}}$ . Mas não basta aumentar a quantidade para fundamentar um ceticismo.

Ademais, como Barry Collins e Stephen Hawking assinalaram há muito tempo, a possibilidade de que qualquer universo em particular resulte apropriado para a vida é zero. Isto quer dizer que nem sequer um número infinito de universos garante, de modo algum, que ao menos um seja adequado para a vida (HOLDER, *Há sido diseñado el Universo?*, Faraday Paper, n. 10, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Holder argumenta com uma hipótese mais plausível e salienta que “é muito mais provável que nós estejamos em um pequeno reduto de ordem, digamos do tamanho do sistema solar, e rodeados pelo caos total, ao invés de estarmos num cosmos totalmente ordenado que realmente observamos” (HOLDER, *Há sido diseñado el Universo?*, Faraday Paper, n. 10. Disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012). No mesmo artigo, ele reforça sua argumentação, afirmando que

É importante destacar que o que importa não é a probabilidade de que um universo como o nosso exista, porém que observemos o que observamos, e é muitíssimo mais provável observar um pequeno reduto de ordem rodeado pelo caos, do que observamos um universo totalmente ordenado (HOLDER, *Há sido diseñado el Universo?*, Faraday Paper, n. 10, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Quanto mais simples for uma explicação, mais probabilidade ela tem de estar certa. A teoria dos muitos universos justamente carece de simplicidade. Por sua vez, a proposição do projeto divino é uma explicação muito mais simples do que a hipótese do multiverso. Além do mais, a questão da origem do nosso universo não se resolve com a hipótese do multiverso, pois apenas transfere a questão para fora do nosso âmbito. A hipótese de muitos universos não observáveis, vazios e mortos é menos plausível do que admitirmos que nosso universo foi planejado por Deus, com o propósito de formar seres inteligentes com a capacidade para relacionar-se com ele, conclui Holder. (*Há*

*¿ha sido diseñado el Universo?*, Faraday Paper, n. 10. Disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

### 3.8.6 Paul Davies – o universo foi feito na medida para a vida

**Paul Davies** é professor de Física Matemática na Universidade de Adelaide, Austrália. Escreveu *God and the new physics* (1984) e *The mind of God* (1992), onde transparece uma dimensão religiosa na pesquisa. Sua tese é que o universo precisa ser compreendido a partir de uma perspectiva religiosa, informa McGrath (2005, p. 223).

Alexander relata o ajuste-fino da estrutura do universo levou Paul Davies a constatar uma dimensão religiosa.

O Professor Paul Davies, por exemplo, um cosmologista que não adota nenhuma crença religiosa tradicional, descobriu-se forçado, diante do elegante ajuste-fino das leis que estruturam o universo, a considerar as explicações religiosas (ALEXANDER, *Modelos para Relacionar Ciência e Religião*, Faraday Paper, abril de 2007, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Em sua obra *The mind of God*, o físico Paul Davies é atualmente um dos expoentes do *deísmo revisto*, informa Barbour, esclarecendo que

De acordo com essa escola de pensamento, um Deus paciente dotou a matéria de diversas potencialidades e deixou o mundo criar a si mesmo. Deus respeita a integridade do mundo e o permite ser o que é, sem interferir nele, assim como Deus respeita a liberdade humana e nos permite ser o que somos. [...] A competição e a morte são intrínsecas ao processo evolutivo. Maior sensibilidade e consciência são acompanhadas inevitavelmente de maior dor, que provê um valioso alerta contra perigos exteriores (BARBOUR, 2004, p. 205).

Paul Davies afirma que o *Big Bang* não ocorreu dentro do espaço e do tempo. O universo não surgiu em algum ponto do espaço ou em algum período do tempo. Mas o espaço e o tempo passaram a existir a partir do *Big Bang*; eles surgiram com o universo. Não havia “antes”. Paul Davies ressalta a declaração de Agostinho de que o tempo foi criado com o mundo. E acrescenta que o ensinamento de Agostinho é confirmado pela pesquisa científica moderna relata McGrath (2005, p. 151).

Em sua obra *The Goldilocks Enigma: Why is the Universe Just Right for Life?*, Davies afirma que o universo parece ter sido feito na medida para a vida em muitos aspectos intrigantes, destaca Rodney D. Holder (*Há sido diseñado*

*el Universo?*, Faraday Paper n. 10, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

Paul Davies descreve o universo constituído de complexidade e níveis mais elevados de organização. A vida se torna possível graças à organização, que é interna e imanente. Deus dotou as leis da natureza com a tarefa de serem co-criadoras. A complexidade dos sistemas abertos abre espaço para a causação descendente.

Davies argumenta em prol da causação de cima para baixo: a causação descendente. É enfatizada a imanência de Deus, mas sem a perda da sua transcendência. (disponível em <<http://plato.stanford.edu/entries/pantentheism>>. Original em inglês. Acesso em 23 nov. 2012).

### **3.8.7 Nancey Murphy – Deus como Determinador de Indeterminações**

**Nancey Murphy** é professora de Filosofia Cristã no Fuller Theological Seminary, Califórnia. (disponível em <[http://en.wikipedia.org/wiki/Nancey\\_Murphy](http://en.wikipedia.org/wiki/Nancey_Murphy)>. Acesso em 05 out. 2012).

Robert Russell, George Ellis, Nancey Murphy e Tom Tracy apresentam o modelo de “Deus como Determinador de Indeterminações”. Eles articulam uma teologia da natureza. Barbour esclarece que

O pensamento de processo admite diversos tipos de causalidade, nenhum dos quais coercitivo ou totalmente determinante. Cada nova ocorrência pode ser vista como uma resposta presente (autocausa) a eventos passados (causa eficiente) nos termos das potencialidades compreendidas (causa final) (BARBOUR, 2004, p. 216).

Deus é fonte da inovação e da ordem. Ele permite a liberdade e a inovação, pois estimula a autocriação de entidades individuais. Deus também estabelece a ordem e a estrutura. Ele apresenta novas possibilidades, com diversas alternativas, diante das quais todos os seres são estimulados a esboçar uma reação. Sendo a fonte de inovação, Deus está presente em cada evento. Mas, ele nunca determina o resultado. Deus não age por coerção, mas por persuasão. Deus estimula e inspira a partir do interior do evento, mas ele não determina com exclusividade o resultado do mesmo (PETERS&BENNETT, 2003, p. 53-54).

Nancey Murphy e o físico George Ellis escreveram *On the moral nature of the universe: theology, cosmology and ethics*, defendendo uma teologia do esvaziamento de Deus. No sacrifício de Cristo, Deus revelou sua natureza, propondo uma ética de não-violência. Deus não quer nos coagir, mas espera a nossa resposta livre – como agentes morais. Assim como o pecado, também o mal e o sofrimento resultam de um processo criador não coercitivo. O processo evolutivo traz consigo a dor, a destruição e a morte – como características inevitáveis. O mal e o sofrimento integram uma realidade em que o poder de Deus é autolimitado. O conceito “kenótico” advém do verbo grego *kenóo* (κενοω), que significa “esvaziar”. O verbo é empregado em Filipenses 2:7 para se referir à atitude de Jesus Cristo, que se esvaziou. Jesus Cristo torna-se paradigma para a autolimitação voluntária de Deus. Desse modo, o conceito “kenótico” passou a integrar a reflexão teológica. O modelo kenótico tem afinidade com a teologia da cruz, com uma disponibilidade para uma integração com a pesquisa científica, informa Barbour (2004, p. 209).

A nova visão da realidade, ensejada pela física quântica, tem contribuído para a formulação da autolimitação de Deus, comenta Barbour.

Nancey Murphy propôs que Deus determina todas as indeterminações quânticas.[...] Murphy afirma que, na vida humana, Deus age tanto no nível quântico como nos níveis superiores da atividade mental, mas o faz de modo que a liberdade humana não seja violada (BARBOUR, 2004, p. 212).

Deus conhece agora tudo aquilo que agora é cognoscível. A onisciência divina não implica conhecer o que ainda não se realizou, pois o futuro está aberto; ele ainda não aconteceu, esclarece Polkinghorne.

Essa restrição seria compreendida teologicamente como sendo kenótica, uma escolhida limitação de si da parte do Criador ao trazer à existência uma criação intrinsecamente temporal. Não seria um defeito na perfeição divina não conhecer os detalhes do futuro se o futuro ainda não é existente e acessível ao conhecimento (POLKINGHORNE, 2008, p. 113-14).

### 3.8.8 George Ellis – os aspectos filosóficos da cosmologia

**George Ellis** é professor na Universidade Cambridge e co-autor das estruturas da grande escala do espaço-tempo. Ele se concentrou nos aspectos filosóficos da cosmologia e recebeu o Prêmio Templeton. (disponível em

<[http://en.wikipedia.org/wiki/George\\_Francis\\_Rayner\\_Ellis](http://en.wikipedia.org/wiki/George_Francis_Rayner_Ellis)>. Acesso em 05 out. 2012).

George Ellis, Nancey Murphy, e Tom Tracy “consideram a indeterminação no nível quântico uma brecha essencial que precisa ser preenchida”, observa Stoeger, acrescentando que “No nível das ciências não há ‘lacunas’, exceto a lacuna ontológica entre absolutamente nada e alguma coisa” (STOEGER, 2002, p. 116).

Ellis formulou o Princípio Antrópico Cristão.

### 3.8.9 William Pollard – Deus age através de indeterminações quânticas

**William Grosvenor Pollard** (1911-1989) era físico e sacerdote episcopal. Em 1936, tornou-se professor de Física na Universidade de Tennessee. Em 1954, foi ordenado sacerdote da Igreja Episcopal. Escreveu *The Frontiers of Science and Faith* e *Examining Questions from the Big Bang to the End of the Universe* (2002).

Barbour informa que as pesquisa de Pollard vê compatibilidade entre o agir de Deus e as indeterminações atômicas. Deus influencia os eventos sem violar as leis naturais.

Alguns autores têm sugerido que as indeterminações atômicas são o domínio em que Deus *controla o mundo providencialmente*. Na década de 1950, William Pollard, físico e clérigo, propôs que essa ação divina não violaria nenhuma lei natural e não seria cientificamente detectável. [...] Deus influenciaria os eventos sem agir como força física (BARBOUR, 2004, p. 111-12).

Pollard afirma que Deus age através da indeterminação quântica. Toda a evolução é influenciada por Deus mediante os eventos quânticos. “Ao controlar os eventos quânticos, Deus pode influenciar os eventos da história evolutiva e humana. A proposta de Pollard é coerente com as atuais teorias da física. Deus seria a suprema ‘variável oculta’ não local” (BARBOUR, 2004, p 112).

### 3.8.10 Stephen Jay Gould – a evolução não é um processo contínuo

O paleontólogo e biólogo evolucionista e professor da Universidade Harvard, **Stephen Jay Gould** (1941-2002) desenvolveu a tese do “equilíbrio interrompido”: a evolução não é um processo contínuo, mas acontece aos

saltos. Sua teoria é apontada como sendo a pesquisa neodarwinista mais significativa do mundo (Revista Veja, 24 set. 2003).

A partir de 1940, o neodarwinismo supunha

que as mudanças evolutivas de longo prazo são resultado da acumulação gradual de várias pequenas mudanças. Mas, na década de 1970, Stephen Jay Gould e Niles Eldredge defenderam o *equilíbrio pontuado*, teoria segundo a qual houve longos períodos de estabilidade interrompidos por breves períodos de mudanças rápidas (BARBOUR, 2004, p. 120).

De acordo com a teoria do equilíbrio pontuado, divulgada em 1972, em populações isoladas ocorrem mudanças evolucionárias rápidas em períodos curtos, intercaladas de estabilidade evolutiva em períodos mais longos. (disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Stephen\\_Jay\\_Gould](http://pt.wikipedia.org/wiki/Stephen_Jay_Gould)>. Acesso em 05 out. 2012).

Gould também propalou a ideia dos “magistérios não-superpostos”. No seu entender, religião e ciência teriam cada uma a sua área de interesse. Enquanto a ciência se ocupa com o que acontece, a religião procura esclarecer o sentido último, ou seja, porque as coisas acontecem assim. Alexander fez este comentário a respeito dos Magistérios Não-Interferentes (MNI).

Stephen Jay Gould popularizou a noção de que ciência e religião pertenceriam a “Magistérios Não-Interferentes”, ou MNI, em sua obra *Rocks of Ages*. Segundo ele, ciência e religião operam em compartimentos separados, lidando com questões de tipos muito diferentes; assim, por definição, não pode haver conflito entre elas. Gould sustentou ainda que a ciência lida com fatos, ao passo que a religião lida com ética, valores e propósito (ALEXANDER, *Modelos para Relacionar Ciência e Religião*, Faraday Paper, abril de 2007, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012).

### 3.8.11 Ilya Prigogine – a criatividade surge à beira do caos

O físico-químico **Ilya Prigogine** foi professor em Bruxelas e na Universidade do Texas, laureado com o prêmio Nobel em Química, em 1977, por causa de sua pesquisa em estruturas dissipativas. A teoria das estruturas dissipativas possibilitou a pesquisa em sistemas que se auto-organizam. Prigogine constatou que a auto-organização ocorre em seres vivos, e também em certos sistemas químicos. Prigogine observou que, no processo de metabolismo, uma estrutura se desenvolve mediante a decomposição de

outras. Ele denominou esses sistemas de estruturas dissipativas. “Estruturas dissipativas são ilhas de ordem em um mar de desordem”, afirma Prigogine (disponível em <<http://www.bioetica.ufrgs.br/prigogi/htm>>. Acesso em 22 mar. 2013). Trata-se de uma entropia: a medida de desordem num sistema.

Havendo equilíbrio térmico completo – um estado de entropia máxima – nada de interessante ocorrerá. Para um sistema vivo, a ordem absoluta é a morte. A auto-organização acontece na sua forma mais simples mediante a auto-renovação, a adaptação e a evolução, esclarece Capra (1981, p. 265). A expansão do universo tem se caracterizado pela absoluta criatividade.

Os biólogos Isabelle Stengers e Ilya Prigogine, ganhadores do Prêmio Nobel, afirmaram isso de modo simples e elegante: “[A] natureza é mudança, a elaboração contínua do novo, um ser de totalidade criado num processo de desenvolvimento sem nenhum modelo preestabelecido” (BROCKELMAN, 2001, p. 75, grifos do autor).

Percebe-se uma identificação com o panenteísmo na afirmação de Prigogine e Stengers: “Deus não é mais um arquivista desdobrando uma sequência infinita que ele projetou de uma vez por todas. Ele continua o trabalho da criação o tempo todo” (*Order Out of Chaos*, disponível em <<http://www.bioetica.ufrgs.br/prigogi/htm>>. Acesso em 22 out. 2013).

Penso que a criação do universo é antes de tudo uma criação de possibilidades, das quais algumas se realizam e outras não. E também, nisso estou de acordo com Bergson, que dizia que “a realidade é apenas um caso particular do possível”. Essa frase talvez tenha muito sentido na nossa época, pois falamos muito de realidades virtuais. E no fundo as realidades virtuais são pré-realidades das quais realizamos uma fração (PRIGOGINE, *Do ser ao devir*, p. 44, disponível em <<http://www.bioetica.ufrgs.br/prigogi/htm>>. Acesso em 22 mar. 2013).

“Quanto mais se sabe sobre o nosso universo, mais difícil torna-se acreditar em determinismo”, afirma Prigogine (*O fim da certeza* – disponível em <<http://www.bioetica.ufrgs.br/prigogi/htm>>. Acesso em 22 mar. 2013). Prigogine constatou que as estruturas dissipativas estão sujeitas a bifurcações: o sistema “escolhe” um caminho que não é previsto. “As escolhas, as possibilidades, a incerteza, são ao mesmo tempo uma propriedade do universo e próprias da existência humana” (*Do ser ao devir*, p. 78). “Voltaire escrevia: ‘O universo me embarça: e não posso pensar que esse relógio ande e não tenha relojoeiro’”, declara Prigogine (*Do ser ao devir*, p. 82 – disponível em <<http://www.bioetica.ufrgs.br/prigogi/htm>>. Acesso em 22 mar. 2013). Laszlo

informa (2008, p. 47) que Ilya Prigogine é coautor de uma teoria de Metaverso sugerindo “que enormes explosões criadoras de matéria semelhantes ao nosso *Big-Bang* ocorrem de tempos em tempos”.

### 3.8.12 Erich Jantsch – a auto-organização do universo

O físico austríaco **Erich Jantsch** (1929-1980) destacou-se com sua obra *The self-organizing universe: scientific and human implications of the emerging paradigm of evolution* (1980). O livro apresenta a evolução do universo em seu caráter cósmico, biológico e sociocultural a partir do paradigma unificador da auto-organização. Jantsch adotou como ponto de partida as pesquisas de Ilya Prigogine sobre estruturas dissipativas e os estados de não-equilíbrio. A cosmovisão de Jantsch também foi influenciada por Whitehead. Essa nova visão prioriza o processo sobre a estrutura, o não-equilíbrio sobre o equilíbrio, a evolução sobre a permanência, a criatividade individual sobre a estabilidade coletiva. A obra apresenta uma compreensão profunda da criatividade humana em períodos de transição. A evolução é uma brincadeira inteligente e sua realização constitui a maior aventura do ser humano. A auto-organização do universo é a expressão de uma unidade profunda e de esperança para a vida humana, que é integrante do processo cósmico. O paradigma da auto-organização se torna efetivo através da autotranscendência. (disponível em <<http://br.bing.com/search?q=erich-jantsch&qsn&form=QBREi>>. Original em inglês. Acesso em 15 mar. 2013).

Os sistemas vivos se caracterizam por plasticidade e flexibilidade internas. Essas relações dinâmicas são aspectos diferentes do princípio de auto-organização. Jantsch enfatizou os aspectos complementares da co-evolução de microcosmo e macrocosmo. Os aspectos macroevolutivos são tão importantes quanto a microevolução. Nos níveis sistêmicos observa-se a co-evolução do organismo e do meio ambiente. Jantsch também pesquisou os sistemas auto-organizadores dos fenômenos neurais. As três partes estruturalmente diferentes do cérebro humano “derivam de períodos diferentes do nosso passado evolutivo” informa Capra (1981, p. 292). “Segundo Erich Jantsch, a complexidade de um sistema só é limitada se ele for rígido, inflexível e isolado do meio ambiente” (CAPRA, 1981, p. 386).



A teoria sistêmica enfoca a complexidade e a autotranscendência. A evolução é entendida a partir da dinâmica sistêmica. “Uma síntese abrangente da teoria foi recentemente publicada por Erich Jantsch, que considera a evolução um aspecto essencial da dinâmica da auto-organização”, informa Capra (1981, p. 280). Capra também esclarece o que é a visão sistêmica.

De acordo com a visão sistêmica, a evolução se opera longe do equilíbrio e desenrola-se através de uma interação de adaptação e criação. Além disso, a teoria dos sistemas considera que o meio ambiente é, em si mesmo, um sistema vivo capaz de adaptação e evolução (CAPRA, 1981, p. 281).

A nova teoria dos sistemas pode admitir a ação divina, mas não um plano de evolução preestabelecido. A ação divina não é restringida pela “ideia tradicional de Deus”, ou seja, pelo teísmo. A abordagem sistêmica considera inviável a ideia de um criador atuando a partir de fora do universo. “Nas palavras de Jantsch: ‘Deus não é o criador, mas a mente do universo’” (CAPRA, 1981, p. 285).

A evolução é aberta e desenvolve seu próprio objetivo, mas o desfecho é indeterminado. O processo evolutivo tem como características a complexidade e a interdependência; certos comportamentos são aprimorados. “Como resumiu Ervin Laszlo: ‘Há uma progressão da multiplicidade e do caos para a unicidade e a ordem’” (CAPRA, 1981, p. 282). O ponto de vista sistêmico analisa a interação do organismo com o meio ambiente. Essa co-evolução resulta na complexidade. Todos os indivíduos participam da mente universal. A integração obedece esta inserção: mentes humanas individuais participam nos sistemas sociais e ecológicos, estes integram o sistema mental planetário, o qual participa na mente cósmica. “Podemos também acompanhar Jung no pressuposto de que a mente coletiva, ou psique coletiva, inclui um inconsciente coletivo”, acrescenta Capra (1981, p. 290).

### **3.8.13 William Stoeger – os sistemas se auto-organizam**

O cientista jesuíta **William Stoeger** integra a equipe do Grupo de Pesquisa do Observatório do Vaticano, em Tucson. Stoeger afirma que a maior distância que alcançamos até agora é de 15 milhões de anos-luz, mas o universo real é maior do que se pode ver e observar. Ele avalia o agir de Deus

num contexto evolutivo e afirma que a atividade criadora de Deus é contínua, realizando-se por meio das potencialidades da natureza, onde se observa inovação e auto-organização da vida, englobando a atividade mental, informa Barbour (2004, p.131).

Para falar do agir de Deus no mundo é preciso conhecer os princípios científicos que regem a natureza, na qual há princípios de auto-ordenação e auto-organização, descrevendo o aparecimento de inovações. Não há necessidade de uma intervenção externa nos processos naturais, pois a natureza conta com uma riqueza de possibilidades.

Stoeger salienta que o Princípio Antrópico é o reconhecimento de que o universo e as leis que o regem estão em sintonia para configurar a vida. (disponível em <[http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2003/p\\_stoege.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2003/p_stoege.pdf),>. Acesso em 05 out. 2012).

Deus é a causa primária, a causa não causada. Deus sempre era, é e será. Portanto, nada há anterior a ele. Mesmo que a criação de Deus seja a partir de toda a eternidade, ela ainda assim é dependente dele. Também uma realidade criada desde toda a eternidade depende de seu Criador. A partir da perspectiva de Deus, a criação pode ser um processo eterno. “À medida que novas possibilidades se concretizam, Deus se torna presente e ativo de formas novas” (STOEGER, 2002, p. 126).

A causalidade divina é primária, doando a existência e mantendo-a. A causa primária transcende todas as causas secundárias. Toda a cadeia causal secundária exige uma causa primária. “Sem a causa primária não há explicação para sua existência nem para sua eficácia” (STOEGER, 2002, p. 125).

Um exemplo de causa secundária observa-se na procriação. O filhote é gerado pelo acasalamento dos progenitores, mas estes devem a sua existência à causa primária. “Deus é a *causa primeira*. E não temos nenhuma experiência desse tipo de causalidade. Ele jamais é uma causa entre muitas outras e não é concebido em sua atividade no padrão das causas criadas que somos e experimentamos” (STOEGER, 2002, p. 135, grifo do autor).

### **3.8.14 Stuart Kauffman – Deus: a criatividade incessante da natureza**

**Stuart Alan Kauffman** estuda a origem da vida na Terra e afirma que a complexidade dos sistemas biológicos e dos organismos pode resultar na auto-organização. A criatividade da natureza deve ser vista como algo sagrado.

Na avaliação da Kauffman, Darwin não estava errado, mas ele considerou apenas uma parte da verdade. Kauffman ressalta a “auto-organização”, que é confundida com a seleção natural do processo evolutivo. Kauffman é um dos expoentes da teoria da complexidade. Em seu livro *Reinventando o sagrado*, Kauffman mostra que o paradigma científico moderno é o reducionismo, que desemboca num mar de falta de sentido. Para superar o vazio, devemos abraçar a “criatividade incessante” da natureza, que é o verdadeiro significado de Deus. (disponível em <[http://www.Salon.Com/2008/11/19/stuart\\_kauffman/](http://www.Salon.Com/2008/11/19/stuart_kauffman/)>. Acesso em 05 out. 2012).

Comentando as ideias de Stuart Kauffman a respeito da evolução molecular pré-biótica e das origens da vida, Barbour observa:

Ele acredita que a ordem emerge espontaneamente nos sistemas complexos, em especial na fronteira entre a ordem e o caos. O excesso de ordem impossibilita a mudança; o excesso de caos impossibilita a continuidade. A complexidade em um nível leva à simplicidade em outro. A desordem é frequentemente a condição prévia do aparecimento de uma nova forma de ordem (BARBOUR, 2004, p. 135).

### 3.8.15 Philip Hefner – o ser humano é co-criador

**Philip Hefner** é professor de teologia sistemática em Chicago. Ele se ocupa com a evolução da natureza humana e sacraliza o processo de evolução. Hefner desenvolveu um paradigma bio-cultural do *Homo sapiens*, constatando que a cultura está interagindo com a natureza. (disponível em <[http://en.wikipedia.org/org/wiki/Philip\\_Hefner](http://en.wikipedia.org/org/wiki/Philip_Hefner)>. Acesso em 05 dez. 2012).

O teólogo Philip Hefner afirma que nós somos *co-criadores criados*, inseridos num processo ininterrupto de criação contínua. A evolução é o modo como Deus cria seres livres e, por meio disso, permite outras possibilidades criadoras (BARBOUR, 2004, p. 178).

Nós somos criaturas da natureza e da cultura. O *Homo sapiens* éco-criador, pois pode viver desfrutando liberdade e desenvolvendo novidades. A natureza possibilita o exercício da liberdade do co-criador criado por Deus.

A história evolutiva atesta que Deus está imanente na criatividade, mantendo sua transcendência; seu agir está direcionado para o futuro. O *Homo*

*sapiens*, criado à imagem de Deus, deve participar na criação contínua de Deus.

Cristo é o protótipo da verdadeira humanidade. Ele representa uma fase radicalmente nova na evolução cultural. Por meio dele conhecemos a vontade de Deus que se expressa no amor universal. A esperança escatológica está direcionada para o propósito de Deus, que quer aperfeiçoar e completar a criação.

Por ora, os humanos encontram-se num estágio precário e vulnerável, mas eles devem se tornar um novo nível da criação. Os humanos são responsáveis pelo seu próprio futuro e pelo futuro do planeta.

Também o conceito de pecado recebe uma interpretação evolucionista. O pecado é o conflito entre as informações dos genes e a cultura. O egoísmo se encontra em conflito com a cooperação e o altruísmo. O pecado original é a falta de adaptação da base biológica ao convívio no mundo moderno. Diante dessa nova compreensão do pecado, Barbour lança um alerta. “O problema com essa análise é que ela tende a fazer dos genes a fonte do mal e da cultura a fonte do bem” (BARBOUR, 2004, p. 179). No entanto, dentro de uma perspectiva evolutiva, também a nossa agressividade genética precisa ser reavaliada – uma vez que o micro e o macrocosmo estão interligados. Vimos (em 2.3.1) que nós somos seres sem porfirina, tendo necessidade de se alimentar de outros seres vivos. Assim como os outros animais, o ser humano está sujeito ao princípio vital agressivo e também é predador. Portanto, há um conflito entre a genética e a cultura. No entanto, o ser humano foi dotado de uma dimensão espiritual, com a qual ele deve sobrepujar sua agressividade.

### **3.8.16 Ronald Cole-Turner – participação na obra criadora de Deus**

**Ronald Cole-Turner**, professor de teologia e ética em Pittsburgh, também ressalta que os humanos são chamados a participar da obra criadora e redentora de Deus. Ele se ocupa com a intervenção genética, pois esta não deve “manipular a criação divina”, mas pode ser um importante recurso para aliviar sofrimentos, realizando assim o propósito de Deus, informa Barbour (2004, p. 179).

### 3.8.17 Niels Gregersen – criação contínua: sistemas auto-organizados

Um defensor da criação contínua é **Niels Henrik Gregersen**, professor de teologia sistemática em Copenhague. “Niels Gregersen vai além do deísmo e sugere que Deus *cria continuamente* por meio de sistemas auto-organizados”, afirma Barbour (2004, p. 206).

Referindo-se aos sistemas auto-organizados, Capra aborda a dinâmica desses organismos, esclarecendo que eles “São sistemas abertos, o que significa que têm de manter uma contínua troca de energia e matéria com seu meio ambiente a fim de permanecerem vivos” (CAPRA, 1981, p. 264).

Gregersen avaliou a realidade a partir de causas estruturadoras e causas desencadeadoras. As causas estruturadoras limitam as possibilidades dentro de um contexto. As causas desencadeadoras determinam certos eventos. Deus atua como causa determinadora, determinando certos eventos, e também como causa desencadeadora, influenciando as possibilidades. Gregersen procura sustentação bíblica para sua argumentação. Gênesis 1:24 contém uma fundamentação bíblica para esse agir de Deus: “Disse também Deus: Produza a terra seres vivos, conforme a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selváticos, segundo a sua espécie. E assim se fez”.

### 3.8.18 Ervin Laszlo – o Metaverso gera muitos universos in-formados

**Ervin Laszlo** elaborou uma teoria integral de tudo, indo além das teorias das supercordas e enfatizando a in-formação. Além de matéria e energia, a realidade também é constituída de in-formação: um processo que “forma” tudo o que existe. O fundamento de toda a realidade é o vácuo quântico: um mar de energia virtual. A in-formação é a parte mais fundamental da substância do universo. Além de conectar todas as coisas, a in-formação cria conexões quase instantâneas entre elas. Essas conexões quase instantâneas são “não-locais” (pois não dependem da distância) e também são “transpessoais”; elas são independentes do espaço e do tempo (pois são duradouras). A informação também dirige a evolução.

A presença da in-formação por todo o universo forma o campo akáshico. Esse termo provém do sânscrito e refere-se ao espaço que permeia tudo; é o ventre que origina as manifestações físicas e para onde elas retornam, o equivalente mitológico do campo de ponto zero, que permeia o espaço. O Campo A é um campo universal de in-formação – no espaço e no tempo. No Campo A, a correlação entre os elementos de um sistema é quase instantânea. É a coerência do tipo “não-local”. Os quanta permanecem interligados, mesmo se afastando uns dos outros. O vácuo quântico é um *plenum* cósmico. “Tudo o que acontece em um lugar também acontece em outros lugares; tudo o que acontece num determinado momento acontece também em outros momentos depois dele”, esclarece Laszlo (2008, p. 85).

Uma instabilidade explosiva no vácuo quântico desencadeou o *Big Bang*. O vácuo é um meio ativo e real e, portanto, a energia do vácuo co-determina o destino do universo. Uma cosmologia recente afirma que “o universo passa por uma sequência interminável de períodos cósmicos, e cada um deles começa com um ‘Bang’ e termina com um ‘Crunch’” (LASZLO, 2008, p. 48).

A explosão que deu início ao nosso universo foi apenas uma entre muitas outras. Existe um Metaverso anterior ao nosso universo; ele já existiu antes e continuará a existir depois deste universo. O Metaverso está gerando inúmeros outros universos. A teoria do *Big Bang* limita-se ao nosso universo. O Metaverso gera o ciclo de muitos universos.

O vácuo quântico, a energia sutil e o mar de in-formação sobre o qual se assenta toda a “matéria” do universo não se originaram com o Bang que produziu nosso universo, e não desaparecerão quando as partículas criadas por essa explosão desaparecerem neles (LASZLO, 2008, p. 89, grifos do autor).

Ocorrem explosões recorrentes no vácuo do Metaverso. Surgem pares de partículas e antipartículas e a partir do excedente de partículas nasce um novo universo. E assim surge um universo com parâmetros próprios, podendo evoluir de três maneiras: numa expansão contínua, numa expansão seguida por contração ou num equilíbrio entre expansão e contração. O Metaverso é ciclicamente criativo/destrutivo. Muitos universos se sucedem no Metaverso.

Quando nosso universo nasceu, ele estava in-formado por outro que o antecedeu, pois ele surgiu com a propensão de gerar vida. Uma transferência de informação ocorre entre os universos por meio do vácuo quântico. Nesse

ciclo de universos, cada um in-forma o seu sucessor. O ajuste fino observável em nosso universo não é resultado do acaso, mas foi herdado de um universo anterior. Laszlo afirma que há mais de trinta fatores que constituem o ajuste fino do universo. “Planetas continuam se formando com extraordinária rapidez e abundância até hoje” (LASZLO, 2008, p. 101).

Dentro do Metaverso, a evolução dos universos é cíclica. Mediante a in-formação acontece o progresso de um universo para outro.

Cada universo in-forma o vácuo no qual ele surgiu, e seu vácuo in-formado in-forma o universo seguinte. Desse modo, em cada universo, a vida evolui com eficiência cada vez maior, e em tempos iguais evolui cada vez mais em direção à coerência e à complexidade (LASZLO, 2008, p. 108).

Mas a teoria do Metaverso não suprime a eterna pergunta: quem criou as condições iniciais que originaram todo esse processo? Também o Metaverso necessitou de um impulso inicial – obedecendo a um propósito. O vácuo primordial do Metaverso também precisou estar in-formado. Também essa questão é esclarecida por Laszlo. “Deve ter havido um ato criador original, um ato de ‘Planejamento de Metaverso’” (LASZLO, 2008, p. 93).

Também as realizações humanas proporcionam in-formação no universo, formando hologramas. “As ondas se propagam no vácuo e interferem com outras ondas, criadas pelos corpos e cérebros de outras pessoas, dando origem a hologramas complexos” (LASZLO, 2008, p. 120). Um holograma “transporta informações sobre os objetos que criaram os campos de onda” (LASZLO, 2008, p. 120).

As diversas gerações deixaram seus traços holográficos no vácuo quântico “e a informação nesses hologramas está disponível para ser lida” (LASZLO, 2008, p. 121). Essa informação nos hologramas está disponível, pois com uma vivência de *déjà-vu*, o cérebro chama de volta a informação do holograma.

Nosso cérebro não está limitado a ressoar apenas com o nosso próprio holograma; ele também pode ressoar no modo harmônico com os hologramas de outras pessoas, especialmente com os daquelas com quem temos (ou tínhamos) um laço físico ou emocional (LASZLO, 2008, p. 122).

Laszlo também constata que uma comunidade de indivíduos integra um super-holograma.

John Polkinghorne e Rodney Holder apresentam objeções à existência de numerosos universos.

Polkinghorne afirma que “o multiverso, nessa forma, não é mais do que um palpite metafísico de excessiva prodigalidade ontológica” (POLKINGHORNE, *O Princípio Antrópico e o debate entre ciência e religião*, Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>,>. Acesso em 05 out. 2012).

Holder relaciona cinco problemas relacionados à existência de multiversos.

- 1) É impossível observar esses universos.
- 2) Não possuímos parâmetros técnicos para medir um cosmos infinito.
- 3) Um número infinito de universos não garante condições apropriadas para a vida.
- 4) Como explicar que um universo – dentro de um multiverso – tenha se tornado aleatoriamente apto para a vida? Por que a constante cosmológica (a energia obscura, que compõe 70% da composição do universo) é tão baixa no nosso universo?
- 5) É muito mais provável que nos encontremos “num pequeno reduto de ordem, digamos do tamanho do sistema solar, e rodeado pelo caos total” do que estarmos num cosmos totalmente ordenado e observável (HOLDER, *Há sido diseñado el Universo?*, Faraday Paper, n. 10. Disponível em <<http://www.faraday-institute.org>,>. Acesso em 05 out. 2012).

### 3.9 COMO INTEGRAR O ACASO NO PLANEJAMENTO DO UNIVERSO

Existem acontecimentos imprevisíveis e contingentes. O propósito divino tem objetivos imutáveis, mas o plano eterno não está preso a minúcias e detalhes. Deus atua e também reage ao imprevisível. A realidade conta com possibilidades alternativas. Existem potencialidades que podem ou não se realizar. Um evento é afetado por várias influências, mas nenhuma o determina de modo absoluto. A teologia do processo integra o acaso no planejamento de Deus. A direção geral não se detém no detalhe, afirma Barbour “Nesse quadro, o acaso é a antítese do planejamento. Mas a evolução sugere um outro



conceito de planejamento – um conceito que estipula uma direção geral, mas nenhum plano detalhado” (BARBOUR, 2004, p. 143).

Cada ser vivo é dotado de autocriatividade. O ser humano é livre em relação a Deus e em relação às causas do seu passado. Fritjof Capra salienta que os seres vivos “são sistemas auto-organizadores que exibem um alto grau de estabilidade” (CAPRA, 1981, p. 316).

O acaso pode estar integrado no agir criador de Deus, o qual pode atuar sobre as potencialidades, influenciando assim nos eventos considerados aleatórios.

Deus não precisa intervir como uma força física impulsionando elétrons; mas pode, em vez disso, converter em ato uma das várias potencialidades já presentes – determinando, por exemplo, o instante em que decai um determinado átomo radioativo (BARBOUR, 2004, p. 211).

Analisando as vidas heroicas, Jung afirma: “O rumo dessas vidas não obedece a uma linha simples e bem traçada. O destino abre-se diante delas, confuso e com uma profusão de possibilidades”(JUNG, 1985, p. 41).

Além de se defrontar com um grande número de possibilidades, a pessoa se depara com episódios irracionais. “A irracionalidade dos acontecimentos revela-se no que chamamos de *acaso*” (JUNG, 1985, p. 41). Mesmo a pessoa que crê que sua vida é dirigida por Deus, precisa se defrontar com acontecimentos incidentais. “Mas na prática o acaso sempre existe; aliás de uma forma tão insistente que poderíamos tranquilamente dispensar a nossa filosofia causal. *A plenitude da vida tem normas e não as tem, é racional e irracional*” (JUNG, 1985, p. 41, grifo do autor). Ou seja, a vida não anda nos trilhos. O acaso integra o processo evolutivo da vida. “A evolução mostra, assim, uma sutil interação entre acaso e lei” (BARBOUR, 2004, p. 143).

Se todos os acontecimentos fossem previsíveis, não teria havido espaço para a novidade. No entanto, a vida é dinâmica e criativa, havendo a necessidade de se contar com acontecimentos imprevisíveis.

O acaso está presente em toda parte na evolução, inclusive nas mutações e recombinações genéticas. O cometa que se acredita ter causado a extinção dos dinossauros não poderia ser previsto com base na história evolutiva. A história evolutiva é irreversível e irrepetível (BARBOUR, 2004, p. 143).

Se só houvesse acaso, nenhuma espécie teria se preservado. Se só houvesse determinismo, nada de novo teria surgido. “Acaso e lei são fatores complementares, e não conflitantes, da natureza” (BARBOUR, 2004, p. 143).

A realidade é constituída de sistemas que se auto-organizam. Os pesquisadores Peacocke, Russel e Paul Davies desenvolveram amplamente esse enfoque. “Nessa leitura, o acaso seria parte do planejamento, e não incompatível com ele. Hoje podemos pensar em Deus como planejador de um sistema que se auto-organiza” (BARBOUR, 2004, p. 144).

Analisando os sistemas auto-organizadores, Capra aponta para a importância dos princípios internos. “Os sistemas auto-organizadores exibem um certo grau de autonomia; por exemplo, eles tendem a estabelecer seu tamanho de acordo com princípios internos de organização, independentemente de influências ambientais” (CAPRA, 1981, p. 263). Os dois dinamismos da auto-organização são a auto-renovação e a autotranscendência.

Uma vez que o acaso se faz presente, o desacerto é uma consequência inevitável, ocasionando sofrimento. “A competição e a morte são intrínsecas ao processo evolutivo. A dor é consequência inevitável de uma maior sensibilidade e consciência, e garante um valioso alerta contra os perigos externos” (BARBOUR, 2004, p. 144). Essa é a dinâmica da vida, que não está isenta de desgraças. Portanto, “a presença do acaso, do mal e da liberdade humana deveria levar-nos a modificar as ideias clássicas de onipotência” (BARBOUR, 2004, p. 144).

Os humanos transcendem a natureza, mas não estão separados dela. “Não podemos escolher as cartas que nos foram dadas, mas podemos, até certo ponto, escolher o que fazer com elas” (BARBOUR, 2004, p. 161). Sempre há a possibilidade de elaborar uma resposta (adequada ou não) diante dos acontecimentos.

É importante redimensionar uma noção de planejamento. Barbour ressalta que “se identificarmos o planejamento com a orientação geral do desenvolvimento em direção à complexidade, à vida e à consciência, tanto a lei quanto o acaso pode ser parte do planejamento”(BARBOUR, 2004, p. 205).

Acaso e necessidade são princípios complementares. O equilíbrio também é restritivo para o processo evolutivo. O próprio sistema participa na determinação de sua evolução, salienta Capra.

Quanto mais o sistema se distanciar do equilíbrio, mais opções existirão. É impossível prever qual dessas opções será

escolhida; existe uma real liberdade de escolha. Quando o sistema se aproxima do ponto crítico, ele mesmo “decide” que caminho seguir, e essa decisão determinará sua evolução (CAPRA, 1981, p. 281).

Não obstante, mesmo que a evolução seja aberta e indeterminada, ela segue um padrão de desenvolvimento. A autonomia dos sistemas torna os detalhes imprevisíveis. Na visão sistêmica observa-se “uma espécie de processo de aprendizagem, envolvendo autonomia e liberdade de escolha” (CAPRA, 1981, p. 281). A evolução progride da multiplicidade e do caos para a ordem. Ela é “uma aventura contínua e aberta que cria ininterruptamente sua própria finalidade” (CAPRA, 1981, p. 282). O detalhamento é imprevisível, mas as características são a complexidade, a coordenação, a interdependência, a integração de indivíduos e o refinamento do comportamento.

### 3.10 JESUS É O MAIS FORTE

Disse Jesus:

Mas, se eu expulso os demônios com o dedo de Deus, é porque chegou a vós o reinado de Deus. Enquanto um homem forte e armado guarda sua morada, tudo o que possui está seguro. Se chega um mais forte e o vence, tira-lhe as armas em que confiava e reparte os despojos (LUCAS 11:20-22).

Jesus expôs um ensinamento: um homem forte é derrotado por outro mais forte que lhe tira as armas e distribui sua posse como despojo. Joachim Jeremias (2004, p. 155) denomina a narrativa de Lucas 11:14-22 de “parábola do duelo”: Satanás foi vencido por Jesus. A vitória aconteceu quando Jesus superou a tentação (Mc 1:12-13). A partir de então, Jesus passou a expulsar demônios e libertar pessoas oprimidas – na condição de vencedor de Satanás.

A *Tradução Ecumênica da Bíblia* comenta Lucas 11:22 – “Lc é o único a mencionar aqui *um mais forte*, nome que João Batista deu ao Messias em 3,16”. Tem início uma etapa de libertação das pessoas.

Os evangelhos narram que Jesus realizou muitas curas. Ele curou cegos, surdos-mudos, leprosos, paralíticos, epiléticos, pessoas com órgãos definhados, com hemorragia menstrual, libertou pessoas possuídas de espíritos impuros e devolveu a vida a pessoas falecidas.

Acusando Jesus de expulsar demônios pelo poder de Belzebu, os adversários tiveram que admitir que as curas eram reais. Eles não puderam negar a realidade das curas. Diante da evidência do poder de Jesus sobre os espíritos impuros, só lhes restou a possibilidade de lançar suspeitas sobre a origem desse domínio de Jesus sobre as doenças. Mas as curas não puderam ser negadas.

O Novo Testamento apresenta Satanás como um comandante militar (Mc 5:9), que controla um reino (Mt 12:26; Lc 11:18). “Neste mundo escravizado por Satã, Jesus entra com a autoridade de Deus, não só para exercer a misericórdia, mas sobretudo para assumir a luta contra o mal”, constata J. Jeremias (2004, p. 157).

No evangelho de Marcos, as expulsões de demônios são descritas como verdadeiras lutas (1:23-28). O evangelista Lucas relata que Jesus “repreendeu a febre” da sogra de Pedro (Lc 4:39) e emprega o mesmo verbo quando narra que Jesus “repreendeu o vento e a fúria da água” (8:24), ou seja, ele subjugou os poderes do caos.

Referindo-se à “parábola do duelo” (Mc 3:27 e Lc 11:21), J. Jeremias constata:

Com essa parábola, Jesus interpreta suas expulsões de demônios como lutas, e, mais exatamente, como tomada dos espólios após a vitória sobre o homem forte. [...] Em Lc 13.16, ele emprega a figura do romper as cadeias das vítimas de Satã, a fim de descrever a cura (JEREMIAS, 2004, p. 158).

A mulher com hemorragia menstrual foi “solta” em dia de sábado! As pessoas eram libertadas. “Para isto se manifestou o Filho de Deus: para soltar as obras do diabo” (1 Jo 3:8). A libertação é expressa mediante o verbo “soltar”.

Quando Jesus enviou os seus discípulos, ele afirmou expressamente seu poder sobre os espíritos (Mc 6:7; Mt 10:8; Lc 10:19-20; Mt 7:22). Mesmo depois da “parábola do duelo”, ele continuou combatendo o diabo e seu exército. Jesus viu “Satanás caindo do céu” (Lc 10:18) e, no entanto, ele continuou expulsando demônios.

Bultmann se ocupou com a declaração de que Jesus morreu “pelos nossos pecados” (1 Co 15:3; 2 Co 5:14). Por intermédio dessa morte vicária os

seres humanos foram resgatados. “Com isso está resolvida para Paulo a pergunta a quem foi paga a τιμη[a soma, a aquisição], adquirida pela morte de Cristo: justamente aos poderes, que reivindicam para si o ser humano a eles entregue, especialmente à lei” (BULTMANN, 2008, p. 364). Preocupado com eventuais ataques por parte do Iluminismo, Bultmann acrescenta: “A expressão é metafórica, e está afastado o pensamento mitológico de uma negociação com o diabo” (BULTMANN, 2008, p. 364).

Jeremias constata que o agir libertador de Jesus é uma antecipação do final, quando o mal será erradicado. “Cada expulsão de um espírito mau operada por Jesus significa uma antecipação da hora em que Satã será visivelmente dominado. As vitórias sobre os seus instrumentos são prolepses do *éschaton* [antecipação do final]” (JEREMIAS, 2004, p. 158).

O Novo Testamento não pode admitir o dualismo, que é incompatível com o rigoroso monoteísmo hebraico. Mas, devido à atenção dispensada à atuação de Satanás, o NT pratica um “dualismo mitigado ou camuflado” (SOARES, 2012, p. 54).

No NT, o poder hostil a Deus é designado de “príncipe deste mundo” (Jo 12:31; 14:30; 16:11), “deus deste século” (2 Co 4:4), “príncipe da potestade do ar” (Ef 2:2), recebendo em Ap 12:9 quatro nomes: “dragão gigante”, “serpente primitiva”, “diabo” e “Satanás”, e também recebe um qualificativo: “enganador”. Ele é designado também de “homicida” e “pai da mentira” (Jo 8:44), podendo se transformar em “anjo de luz” (2 Co 11:14). Satanás é o inimigo de Deus e do seu reino (Mc 4:15; Lc 22:31).

O NT apresenta a queda de Satanás com as características do anjo ambicioso, que quis se igualar a Deus. São os traços do soberano arrogante (Lc 10:18; 2 Co 11:14; Ap 20:1-3.7-10). A queda dos anjos “introduz um enigma ainda mais sombrio, a saber: como ‘espíritos bem-aventurados’, que intuem eternamente a glória divina, poderiam ser tentados a afastar-se de Deus?” (TILLICH, 1987, p. 274). Duas cartas do NT (Judas e 2 Pedro) abordam de maneira explícita a desobediência dos anjos e seu castigo até o dia do julgamento. A morada dos anjos era um dos céus. Com a desobediência, estão sepultados em abismos escuros (2 Pd 2:4).

De onde se origina o mal? Ele se instala a partir do abuso da liberdade. É exatamente isso que o tema da desobediência dos anjos se propõe a ensinar. Os anjos abandonaram seu posto e sua morada, e sua transgressão deu espaço ao caos. “A admissão do pecado e dos males dele decorrentes é expressão do risco implícito na liberdade, com a qual Deus quis equipar suas criaturas mais sublimes, os anjos e as pessoas” (PANNENBERG, 2009, p. 835).

Jesus ameaçou ao vento e ordenou ao mar que se calasse (Mc 4:39). É no mar que se encontram as forças hostis a Deus (Is 51:9-10; Dn 7:2-6; Sl 65:7; 73:13-14; 89:9-10; 93:3-4; 136:13). A mesma ordem de se calar, Jesus havia dirigido aos demônios (Mc 1:29). Segue-se a calma descrita no Sl 107:29. “A agitação do mar parece sugerir uma investida satânica, que Jesus reduz à impotência por sua palavra; em 1,25, ele *ameaça* e impõe silêncio a um espírito mau”, esclarece a *Tradução Ecumênica da Bíblia*, comentando Mc 4:39. Jesus também caminhou sobre o mar (Mt 14:25), assim como Deus “caminha sobre o dorso do mar” (Jó 9:8).

Jesus é vitorioso sobre todos os poderes hostis (Cl 2:14-15). O vencedor da batalha desfila levando os inimigos aprisionados. Jesus Cristo submeteu as Dominações e as Potestades. Quanto à origem desses poderes, o Novo Testamento declara que todas as coisas foram criadas em Cristo (Jo 1:10 e Hb 1:2), incluindo “Tronos, Soberanias, Principados e Autoridades” (Cl 1:15-16).

Jesus foi realista: ele anunciou um Deus que é bondoso e misericordioso inclusive para com os maus (Lc 6:35-36), “ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos” (Mt 5:45), mas ele também comparou Deus a um juiz insensível e inescrupuloso (Lc 18:1-3), que precisa ser persuadido mediante a oração persistente.

Cullmann salientou que o Novo Testamento deve ser interpretado a partir da tensão entre o “já” e o “ainda não”, pois “a oposição entre o presente e o futuro, entre o que ‘já está cumprido’ e ‘o que ainda não está concluído’” vem a se constituir na “chave da compreensão do Novo Testamento em sua totalidade” (CULLMANN, 2003, p. 245). A vitória **já** foi alcançada, mas o mal **ainda não** foi eliminado. “Assim, nos utilizaremos de uma imagem: *em uma guerra, a batalha decisiva pode ter sido dominada no curso de uma das*

*primeiras fases da campanha e, no entanto, as hostilidades prosseguirem por um longo tempo*” (CULLMANN, 2003, p. 124). A batalha decisiva já aconteceu, mas a guerra prossegue até o dia da vitória. Por isso, “no tempo intermediário entre o triunfo de Cristo no fim, período no qual ainda vivemos, igual ao Novo Testamento, a onipotência de Deus está limitada” (CULLMANN, 2009, p. 297-298). Nesse período intermediário, em que o mal continua a operar, a onipotência de Deus “coexiste com o poder do mal, que ainda está operando e ao qual Deus deve combater” (CULLMANN, 2009, p. 302).

O mal é uma realidade; a hostilidade está aí. “À luz da fé cristã, a história é a arena em que se trava o conflito entre a vontade de Deus e tudo aquilo que lhe é hostil” (AULÉN, 1965, p. 146).

Em seu *testamento teológico para a América Latina*, Moltmann se manifesta com uma franqueza impressionante:

Naqueles anos de guerra e prisão, Jesus Cristo se tornou extremamente próximo de mim quando procurei por Deus e não encontrei qualquer resposta. Assim, eu vim a crer em Deus por meio de Jesus Cristo. É por isso verdade quando digo: Sem Cristo, eu teria me tornado ateu (MOLTMANN, 2008, p. 13).

Philip Melanchthon, o articulador teológico da Reforma do século 16, declarou: “Conhecer a Cristo é conhecer os seus benefícios e não em observar aqueles ensinamentos acerca de suas naturezas e os modos de sua encarnação” (MELANCHTHON, apud CULLMANN, 2003, p. 170). Os “benefícios de Cristo” são observáveis na pessoa que sabe que pode contar com “o mais forte”, o qual pode libertar dos poderes caóticos e destrutivos.

O Novo Testamento não está anunciando uma teoria, mas um personagem, que conseguiu unir a dimensão divina com a humana – nas condições desta existência. E tornou-se vitorioso sobre todos os poderes opressivos e hostis ao Reino de Deus.

### 3.11 A AMPLITUDE DO UNIVERSO E A EXPERIÊNCIA DO SAGRADO

O sistema solar encontra-se dentro da Via Láctea, assim batizada pelos gregos; um sistema estelar em forma de espiral, com 100 mil anos-luz de diâmetro. “Calcula-se que existam por volta de 100 bilhões de galáxias no

universo, cada uma com bilhões de estrelas”, informa o Almanaque Abril, p. 163. O Sol se encontra a 27 mil anos-luz do centro da Via Láctea, deslocando-se ao redor desse ponto central numa velocidade de 200 a 150 km por segundo. Ao redor do Sol giram oito planetas, com 54 satélites e milhares de asteroides e cometas. Além desses corpos maciços, há uma tênue matéria difusa. Os principais componentes do meio interplanetário são as nuvens de poeira e o vento estelar. Essas nuvens de poeira são constituídas de fragmentos da nebulosidade que deu origem ao sistema solar. O vento solar é formado por gases que a coroa solar expelle e sua velocidade é supersônica. No meio interplanetário também influem os campos magnéticos dos planetas, principalmente da Terra, Júpiter e Saturno. As nuvens de Oort são um reservatório de 500 bilhões de cometas novos e congelados. Quando um cometa sai e se aproxima do Sol, ele se torna visível da Terra. O domínio do campo magnético do Sol chama-se heliosfera. Seu âmbito se estende a 15 bilhões de km. Para percorrer a heliosfera, a luz do Sol viaja durante 23 horas. O Sol desloca-se à velocidade de 20 km por segundo e demora 200 milhões de anos para completar uma volta ao redor da Via Láctea. Em seu movimento de translação, a Terra percorre 930 milhões km – em 365 dias, 6 horas e 9,5 segundos. Essa distância é percorrida numa velocidade de 106.800 km por hora, ou 29,7 km por segundo. Em seu movimento de rotação, a Terra gira em torno do seu eixo numa velocidade de 1.609 km por hora na altura do Equador – em 23 horas, 56 minutos e 4,09 segundos. Girando em torno de seu eixo, a velocidade da Terra é quase o dobro de uma aeronave Boeing 737, que viaja a uma velocidade aproximada de 890 km por hora. O Sistema Solar é movido pelo vento interestelar, que é uma radiação emitida pelas outras estrelas da galáxia. A velocidade dos ventos estelares é de 40 km por segundo. Quando acontecem cataclismos cósmicos, como as colisões de galáxias, formam-se ondas gravitacionais. Essa energia não atinge a Terra, pois ela não consegue transpor o campo gravitacional do Sistema Solar.

O astrônomo Ronaldo Mourão informa que

Os astrônomos norte-americanos Hyron Spinrad e Stanislav Djorkovski, ambos da Universidade da Califórnia, em Berkeley, anunciaram ter detectado novas galáxias muito afastadas, sendo que uma delas se encontra à distância de 12 bilhões de anos-luz da Terra (MOURÃO, 1988, p. 50).



Empenhado em articular a pesquisa científica com a vivência religiosa, Rubem Alves afirma que “A linguagem científica pretende descrever o mundo. A linguagem religiosa exprime *como* o homem vive, em relação ao mundo. Temos aqui a chave para interpretar a significação da linguagem religiosa” (ALVES, 1971, p. 25).

Sempre de novo volta a pergunta: Deus existe?

Discutir a existência de Deus equivale a delimitá-lo e reduzi-lo a um ser entre outros. “Afirmar a existência de Deus ou negá-la é ateísmo. Deus é o ser-em-si, não *um* ser”, salienta Tillich (1987, p. 200). Delimitar o ser-em-si vem a ser uma afronta. “Em sentido último, é um insulto à santidade divina falar de Deus como falamos de objetos cuja existência ou não-existência possa ser discutida” (TILLICH, 1987, p. 228).

Vivenciando o milagre do ser, Brockelman exclama: “Deus é a própria existência” (2001, p. 129). De uma maneira explícita, Brockelman complementa: “Portanto, Deus não existe: somente coisas finitas existem. A palavra ‘Deus’ é o símbolo para o que não é finito – o prodigioso poder dessas coisas de efetivamente ser” (BROCKELMAN, 2001, p. 132). Portanto, é inadequado falar da “existência” de Deus; a questão está mal colocada a partir do emprego do verbo “existir”.

Argumentando a partir dos arquétipos, Jung constata que o intelecto humano nem está em condições de discutir a existência de Deus. Cabe ao ser humano viver esse fundamento arquetípico.

O conceito de Deus é simplesmente uma função psicológica necessária, de natureza irracional, *que absolutamente nada tem a ver com a questão da existência de Deus*. O intelecto humano jamais encontrará uma resposta para esta questão. Muito menos pode haver qualquer prova da existência de Deus, o que, aliás, é supérfluo. A ideia de um ser todo-poderoso, divino, existe em toda parte. Quando não é consciente, é inconsciente, porque seu fundamento é arquetípico (JUNG, 1985, p. 63, grifo do autor).

O ser humano precisa se defrontar com a limitação de seu intelecto, o que já foi evidenciado por Kant. No entanto, uma constatação psicológica é a “imagem de Deus na alma”. Jung acrescenta que é melhor tornar consciente a ideia de Deus, “uma realidade psíquica evidente”, para que não aconteça que uma asneira qualquer ocupe o seu lugar.

Por isso, acho mais sábio reconhecer conscientemente a ideia de Deus; caso contrário, outra coisa fica em seu lugar, em

geral uma coisa sem importância ou uma asneira qualquer – invenções de consciências “esclarecidas”. Nosso intelecto sabe perfeitamente que não tem capacidade para pensar Deus e muito menos para imaginar que ele existe realmente e como ele é. A questão da existência de Deus não tem resposta possível (JUNG, 1985, p. 63).

Quando algum outro ente ocupa o lugar de Deus, muitas vezes carente de importância, o ser humano incorre em idolatria. Nesse sentido, Jung e Tillich estão de acordo, pois este afirma que

Idolatria é a elevação de uma preocupação preliminar à ultimidade. Algo essencialmente condicionado é considerado como incondicional. Algo essencialmente parcial é elevado à universalidade. E algo essencialmente finito é revestido de significado infinito (TILLICH, 1987, p. 21).

Essa constatação leva a pessoa a se ocupar muito mais com a vivência de Deus do que com a definição de Deus. Dyer informa que, no programa da BBC, em 1959, foi perguntado a Jung se ele acreditava em Deus. Depois de uma pausa, ele replicou: “Difícil de responder. Eu sei. Não preciso acreditar. Eu sei”. Em outra ocasião, Jung ampliou a resposta: “*ele sabia de Deus*, habitando nele próprio como em qualquer outra parte” (DYER, 2003, p. 20-21).

De um modo conciso, Rubem Alves mostrou que uma pessoa pode discutir a existência de objetos, mas para haver religião, é necessária a paixão subjetiva.

Separemos, portanto, de uma vez por todas, a questão da existência de Deus – que é uma questão filosófica – da experiência religiosa. A primeira é uma hipótese acerca de um objeto. A outra é uma paixão subjetiva. Sem a paixão subjetiva, não existe religião (ALVES, 1971, p. 26).

A constatação de Jung complementa essa afirmação. “Deus é uma realidade psíquica evidente, e não um dado físico, ou seja, é um dado que só pode ser constatado do ponto de vista psíquico, e não do ponto de vista físico”, afirma Jung, acrescentando que a psicologia religiosa se divide em dois campos: a psicologia do homem religioso e a dos conteúdos religiosos. (JUNG, 1979, p. 106).

A partir de sua pesquisa, Rudolf Otto colocou essa questão nos seus devidos termos: “Um deus *compreendido* não é Deus” (OTTO, 2007, p. 13). E o filósofo do Pragmatismo e da Psicologia Científica, William James, declara: “Deus é real porque produz efeitos reais” (JAMES, 1995, p. 319).

Na pesquisa da dimensão do sagrado destacaram-se Émile Durkheim (1858-1917), Rudolf Otto (1869-1937), Mircea Eliade (1907-1986), e William James (1842-1910).

Em sua obra clássica, *As formas elementares de vida religiosa*, Émile Durkheim afirma que o ser humano em comunhão com Deus é mais forte para enfrentar as adversidades da vida (DURKHEIM, 1989, p. 493). Mesmo que os símbolos se transformem, a religião sobrevive, pois tem um caráter eterno. “Portanto, há na religião algo de eterno destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso se envolveu sucessivamente” (DURKHEIM, 1989, p. 504-05).

Não obstante a sua contribuição para a sociologia da religião, a abordagem de Durkheim tem sido questionada, afirma Oliva (2008, p. 897). Uma crítica contundente foi formulada pela professora da Universidade de Cambridge. “A teoria de Durkheim, em sua obra clássica *As formas elementares da vida religiosa*, pode-se cruamente resumir na seguinte equação: ‘A sociedade é Deus!’”, comenta Mary Hesse, acrescentando que Durkheim é um “positivista confesso”, que “não parece disposto a atribuir poder sagrado a divindades de cuja existência não existe evidência independente” (HESSE, 1983 p. 73).

Em sua obra *O Sagrado*, Rudolf Otto postula que o ser humano tem uma predisposição para o sagrado. Essa predeterminação para a religião é uma sintonia *a priori*. Devem ser considerados os “estímulos exteriores” e a “pressão própria vinda de dentro”. A religiosidade é uma resposta à experiência do “numinoso”, que não é explicável, mas perceptível. O “numinoso” tem um aspecto duplo: ele é fascinante (*fascinans*) e também assustador (*tremendum*). O aspecto fascinante proporciona proteção, segurança e aconchego. O aspecto assustador induz a um distanciamento, comenta de um modo conciso Fraas (1997, p. 50).

Tillich observa que a categoria de santidade deve estar correlacionada com o divino. “O santo e o divino devem ser interpretados correlativamente. Uma doutrina de Deus que não inclua a categoria de santidade não só não é santa, quanto também não é verdadeira” (TILICH, 1987, p. 183). De um modo esclarecedor, Tillich também ressalta que Schleiermacher e Otto deram uma

conotação estético-emocional à interpretação do santo. “Por outro lado, uma doutrina do santo que não o interprete como a esfera do divino, transforma o santo em algo estético-emocional. Este é o perigo de teologias como as de Schleiermacher e Rudolf Otto” (TILLICH, 1987, p. 183).

O romeno Mircea Eliade partiu da definição proposta por Durkheim e pesquisou o sagrado, comparando as diversas religiões da humanidade. M. Eliade buscou características universais do fenômeno religioso, superando a divisão entre formas religiosas “complexas” e “arcaicas”. O sagrado se manifesta no espaço. O sagrado também se manifesta no tempo. E o sagrado se manifesta na existência humana. A transição da existência profana para a sagrada acontece mediante os ritos de passagem, comenta Oliva (2008, p. 897-900).

Em relação a Rudolf Otto, M. Eliade declara que se situa numa outra perspectiva. Ele não apresenta apenas o aspecto irracional do sagrado. Interessa-lhe o sagrado na sua totalidade, em toda a sua complexidade. A primeira definição que ele apresenta é que o sagrado se opõe ao profano. “O homem toma conhecimento do sagrado porque este *se manifesta*, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 2001, p. 17).

Também Eliade se defronta com questionamentos. “Assim como o pensamento de E. Durkheim é colocado sob suspeita, também acontece com M. Eliade”, informa Oliva (2008, p. 899). Eliade se empenhou por uma “essência das religiões”, o que é considerado irrealizável pelos críticos, pois a experiência religiosa não deve ser definida a priori. Além disso, Eliade teria avaliado a religião a partir de critérios pertinentes às religiões ocidentais.

“Não se pode negar, todavia, a importância de ambos os pensadores como referenciais históricos de abordagem acadêmica da religião”, esclarece Oliva (2008, p. 899). Durkheim mostrou que, além da dimensão doutrinária, a religião também possui um aspecto prático e social, influenciando a vivência das pessoas. Eliade contribuiu significativamente mostrando que há descontinuidades marcando a vida, o espaço e o tempo das pessoas religiosas, que se defrontam com o sagrado e o profano.

William James concluiu que a santidade implica “os frutos maduros da religião num caráter” (JAMES, 1995, p. 174). E acrescenta: “O caráter santo é aquele em que as emoções espirituais são o centro habitual da energia pessoal”. Citando W. R. Inge, James menciona as características da vivência da santidade: a experiência imediata evidencia que o espírito humano pode se relacionar com o Espírito divino, a experiência da bondade, verdade e beleza, Deus é perceptível na natureza e também é sentido no íntimo assim como a própria vida; chegando a si mesma a pessoa está próxima de Deus. O egoísmo e a sensualidade separam a pessoa de Deus e da felicidade, pois os caminhos das trevas e da morte escondem de nós a face de Deus.

Em sua obra clássica *As variedades da experiência religiosa*, James menciona as características da santidade (1995, p. 175).

1. Uma sensação de integrar uma vida mais ampla e a convicção da existência de um Poder Ideal (para os cristãos, Deus).
2. Uma comunhão com o Poder Ideal e uma entrega ao seu controle.
3. Quando os contornos da individualidade limitadora são ultrapassados, ocorre uma alegria e uma liberdade imensas.
4. Um tom afirmativo para afeições amorosas e harmoniosas.

William James também resume “as características da vida religiosa” (1995, p. 300):

1. “Que o mundo visível é parte de um universo mais espiritual do qual ele tira sua principal significação;”
  2. “Que a união ou a relação harmoniosa com esse universo mais elevado é a nossa verdadeira finalidade;”
  3. Que a oração ou a comunhão com o Espírito desse universo mais elevado é uma atividade que faz a energia espiritual fluir, produzindo efeitos psicológicos e materiais.
- “A religião inclui também as seguintes características psicológicas:”
4. Um novo interesse pela vida – em forma de encantamento e um apelo ao heroísmo.
  5. Uma certeza de segurança e de paz, com relacionamentos de amor.

Concentrando-se naquilo que preocupa o ser humano de forma última, Tillich elaborou esta definição: “O santo é uma *qualidade* daquilo que preocupa o homem de forma última. Só aquilo que é santo pode dar ao homem preocupação última. E só aquilo que dá ao homem preocupação última tem a qualidade de santidade” (TILLICH, 1987, p. 183-84).

O cientista Polkinghorne vislumbra na dimensão do sagrado a única possibilidade de se compreender a natureza humana. “Nenhuma explicação sobre a natureza humana será adequada se não levar a sério a dimensão do sagrado. Isso exige o reconhecimento antiquado da heteronomia humana diante de Deus” (POLIKINGHORNE, 2008, p. 14).

Na reflexão de Tillich e de Brockelman sobressai a questão ontológica. Tillich afirmou que Deus é o “ser-em-si” (1987, p. 199). Brockelman ressaltou que “Deus é o próprio ser” (2001, p. 104).

Deus é absolutamente livre e seu agir não pode ser condicionado. “O caos não pode impedi-lo de pronunciar a palavra que cria a luz a partir das trevas”, afirma Tillich e acrescenta: “Não existe fundamento anterior a ele que pudesse condicionar sua liberdade” (TILLICH, 1987, p. 209).

Deus é Espírito, é o mistério infinito de ser, participando no vir-a-ser e na história. “É o poder-de-ser resistindo infinitamente ao não-ser, dando o poder de ser a tudo o que é” (TILLICH, 1987, p. 211). Deus está continuamente resistindo ao caos, sobrepujando-o e, na medida em que ele cria vida, ele constata que sua criação é boa, como é repetidas vezes afirmado em Gênesis.

Deus não está dissociado da vida. “Tal Deus não é uma *entidade* que liga a chave da criação, mas o surpreendente *fato* de que algo realmente, num fervilhar, vem a ser a partir do nada” (BROCKELMAN, 2001, p. 76). É oportuno reiterar a declaração de Soares: “O mal absoluto seria não existirmos. Existir já é, por si só, salvar-se do nada” (SOARES, 2012, p.67).

A realidade toda conta com a presença e a sustentação de Deus. Brockelman é enfático: “Deus e o Ser são idênticos” (2001, p. 101). Deus deve ser entendido “como o ser-em-si ou como o fundamento do ser”, ressalta Tillich (1987, p. 199). Ele é “o poder de resistir ao não-ser”. Portanto, “ele é o poder de ser em tudo e acima de tudo: o poder infinito de ser” (TILLICH, 1987, p. 199). Deus resiste ao não-ser; é a potencialidade de originar e de preservar a vida – criada e assegurada a partir do caos.

“A palavra *Deus* se tornou um conceito fechado”, afirma Tolle e acrescenta: “Ser, entretanto, tem a vantagem de sugerir um conceito aberto. Não reduz o invisível infinito a uma entidade finita. É impossível formar uma imagem mental a esse respeito. Ninguém pode reivindicar a posse exclusiva do Ser” (TOLLE, 2002, p. 18).

Deus se apresenta como o Alfa e o Ômega. Em Deus – “aquele que é, que era e que há de vir” (Ap 1:8) – o começo e o fim formam uma unidade.

O teísmo pressupõe a existência de um outro ser – distinto dos demais. E assim o conceito Deus acaba se tornando limitador. “Deus é o próprio Ser, não um ser”, afirma Tolle, sustentando que não pode haver uma relação entre Deus “e” alguém. “A percepção de Deus é a coisa mais natural que existe. O fato estranho e incompreensível não é que *possamos* nos tornar conscientes de Deus, mas sim que *não somos* conscientes de Deus” (TOLLE, 2002, p. 217).

A reflexão de Tillich gravita em torno do contraste entre essência e existência, um tema também refletido por Schelling. Ambas, essência e existência, devem ser entendidas em sua relacionalidade. “Como ser-em-si Deus está além do contraste de ser essencial e existencial”, pois “o ser-em-si não participa do não-ser” (TILLICH, 1987, p. 200).

O confronto entre ser e não-ser é permanente. “Deus é o ser-em-si, no sentido de poder de ser ou poder de conquistar o não-ser”, afirma Tillich (1987, p. 253). Além de poder resistir ao não-ser, Deus também tem a capacidade de conquistar o não-ser. Deus conquista o caos; nisso consiste a sua boa criação. “É a expressão da experiência do ser que resiste ao não-ser” (TILLICH, 1987, p. 253).

A realidade toda se defronta com esta dialética: a coexistência do ser e do não-ser. “Não pode haver mundo, a menos que haja uma participação dialética do não-ser no ser” (TILLICH, 1987, p. 160). De fato, “tudo o que participa do poder de ser está ‘misturado’ com não-ser” (TILLICH, 1987, p. 162). Também em meio ao caos, Deus atua como o infinito poder de ser. “Portanto, ao invés de falar de Deus primeiramente como ser-em-si, é possível dizer que ele é o poder de ser em tudo e acima de tudo: o poder infinito de ser” (TILLICH, 1987, p. 199).

Como fundamento do ser, Deus está presente em tudo o que é. “Muitas confusões na doutrina de Deus e muitas debilidades apologéticas poderiam ser evitadas se Deus fosse entendido antes de tudo como o ser-em-si ou como o fundamento do ser” (TILLICH, 1987, p. 199).

O ser humano está aí a se perguntar por que a realidade é. “A questão do ser é produzida pelo ‘choque do não-ser’. Só o homem pode levantar a pergunta ontológica porque só ele é capaz de olhar para além dos limites de seu próprio ser e de todo outro ser” (TILLICH, 1987, p. 159). O ser humano participa do ser e também do não-ser. Por isso, ele se depara com a possibilidade do não-ser.

Como deve ser entendida a onipotência de Deus?

A compreensão do conceito de onipotência sempre tem sido embaraçada pela presença do mal. Como pode um Deus onipotente conviver com esta realidade em que vivemos? Para os gnósticos, o Deus do Antigo Testamento é identificado com o demiurgo malvado, que fez este mundo mau. O demiurgo é mau e, conseqüentemente, o mundo é mau. Por sua vez, o Deus salvador é benigno, enviando Cristo à terra num corpo aparente. (REALE & ANTISERI, 1990, p. 406).

Esse tema se tornou extremamente agudo com a virada do primeiro milênio da era cristã. “Assim pois, não é de se admirar que já no começo do século XI aparecesse a crença de que o criador do mundo não fosse Deus, mas o Diabo” (JUNG, 1975, p. 288).

O maniqueísmo ensina que há dois princípios eternos e autônomos: a Luz e a Escuridão. A Luz é equiparada com o Bem e, às vezes, com Deus. A Escuridão é equiparada com o Mal e, às vezes, com a Matéria. Quando a Luz e a Escuridão se chocam, ocorre a ruptura da dualidade primitiva e, a partir das duas forças contrárias, origina-se o tempo e o mundo. A Luz não possui força suficiente para derrotar definitivamente a Escuridão. Com a luta, a Bondade se desliga da Maldade. “É, pois, um movimento de constante *desprendimento* do Mal o que caracteriza o movimento e progresso da evolução do mundo e da história” (MORA, 2001, p. 1853). O Mal não pode ser absorvido pelo Bem. Também não há uma analogia ontológica entre o Bem e o Mal. O Mal não é



aniquilado, mas relegado ao seu reino. A ética se baseia na purificação com o objetivo de manter o Mal afastado.

O Antigo Testamento ressalta que o mal e o bem procedem de Deus, que é um só. Cada acontecimento é ocasionado por Deus. Avaliar um evento como não procedente de Deus equivaleria a reconhecer a existência de outra divindade, o que é incompatível com o rigoroso monoteísmo hebraico. Tanto o gnosticismo quanto o maniqueísmo rejeitaram o Antigo Testamento.

Whitehead reitera que o conceito de onipotência divina deve ser reformulado a partir da relação de Deus com o mundo, que acontece mediante a “persuasão”. A liberdade e a criatividade das entidades são preservadas; elas não são anuladas por Deus, que “mantém as regras” do processo, limitando-se a agir por meio da “persuasão”. Deus influencia e é influenciado; ele age e reage. “De acordo com Whitehead, Deus é *influenciado pelos eventos do mundo*” afirma Barbour (2004, p.216). Deus atua em cooperação com todos os entes. Encontramo-nos num universo aberto, no qual cada ente participa na determinação de sua existência. Cada nova forma de vida exerce influência sobre o todo.

Deus é “o companheiro no sofrimento que nos entende”, escreveu Whitehead “na sua erudita obra *Process and Reality*, escrita após a morte de seu único filho em um acidente” (MOLTMANN, 2008, p. 40).

Whitehead postula a “auto-conformação criativa de todo ser e evento finito”. Comentando o pensamento de Whitehead, Pannenberg observa que Deus é a

origem da conformação, mas somente de tal modo que preestabelece para cada evento o ideal de sua auto-conformação (o *initial aim*). O Deus de Whitehead atua por convencimento, não por meio de um agir criador poderoso. Sob esse ponto de vista, ele ainda difere de modo bem mais profundo do Deus criador da Bíblia do que do demiurgo de Platão (PANNEBERG, 2009, p. 45).

Mas, enquanto Pannenberg coloca uma alternativa entre o “Deus criador da Bíblia” e o “demiurgo de Platão”, Estrada evidencia que os relatos bíblicos da criação contêm uma mensagem plural.

A própria teologia da criação é, funcionalmente, plural. Por um lado, ressalta a ação ordenadora do demiurgo divino, que

instaura a ordem em uma criação permeada pelo mal, simbolizado pelo caos e pelas trevas (Gn 1,2.4.18; 2,4b-5), por outro, frisa a bondade da ação divina: “E Deus viu que era bom” (Gn 1,4.10.12.18.21.25.31). O mal, o caos e as trevas fazem parte da situação inicial, e Deus cria sentido da mesma forma como sua ação o engendra na história posterior (ESTRADA, 2004, p. 63, grifo do autor).

A constatação de Estrada torna impropriedade a alternativa entre o “Deus criador da Bíblia” e o “demiurgo de Platão”, uma vez que ambos os conceitos estão presentes na teologia bíblica da criação.

Jung afirma que o criador do mundo não é uma “entidade consciente”. Trata-se de uma “hipótese ingênua” que tem ocasionado “distorções lógicas as mais incríveis”. Levando em consideração a “natureza inconsciente e irreflexa de Deus”, seu agir é subtraído ao julgamento moral, evitando “um conflito entre a sua bondade e seu caráter temível” (JUNG, 1979, p. 25). Dyer comenta o pensamento de Jung e afirma que, no confronto com Jó, Deus “era excessivamente inconsciente para ser moral. Moralidade, diz ele [Jung], pressupõe consciência. Ele acrescenta que Javé era tudo em sua totalidade e, entre outras coisas, era a justiça total e também seu oposto total” (DYER, 2003, p. 44). Jung também afirma que Deus evolui junto com o universo.

Em resposta a uma questão de um professor suíço (1955), ele falou de um Deus em desenvolvimento, e que havia maior consenso na base do conhecimento mitológico para essa hipótese do que para a crença em um Deus imutável, inamovível (*Deus immobilis*) (DYER, 2003, p. 38, grifo do autor).

Em *Lições de Stuttgart*, Schelling afirma que “*Deus faz-se a si mesmo*” e, portanto, “não está concluído e feito desde o início”. Referindo-se ao “processo da criação do mundo”, Schelling ressalta que o mesmo é “o processo de plena tomada de consciência e da completa personalização de Deus”. O *deus implicitus* ainda precisa se explicitar (apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87).

Referindo-se à atuação de Deus, Whitehead afirma: “Ele não cria o mundo, ele o salva; ou, mais exatamente, ele é o poeta do mundo, com amorosa paciência guiando-o mediante sua visão da verdade, beleza e bondade” (WHITEHEAD, *Processo e realidade*, apud BIDNEY, *O problema da substância em Spinoza e Whitehead*, acesso em 22 mar. 2013). Também Erich

Jantsch assim se expressa: “Deus não é o criador, mas a mente do universo” (JANTSCH, *The self-organizing universe*, apud CAPRA, 1981, p. 285).

A respeito dessa questão, observa-se uma convergência entre Jung, Schelling, Whitehead e Jantsch. Também Hegel tem esse ponto de vista.

Jung afirmou que a ideia do Deus todo-poderoso tem um fundamento arquetípico (JUNG, 1985, p. 63). A ideia pertence às imagens primordiais do inconsciente coletivo, onde há um arquétipo de completude. O ser humano tem uma necessidade espiritual que anseia por completude. “O conceito de Deus é simplesmente uma função psicológica necessária”, acrescenta Jung (1985, p. 63). A psique é constituída de consciente e inconsciente e no centro existe um ponto fundamental, regulador, coordenador e conciliador de todo o conteúdo psíquico: o *Self* (si-mesmo) – o centro da psique e também a sua totalidade, pois realiza a integração das partes conflitantes da mente. “O *si-mesmo* pode ser caracterizado como uma espécie de compensação do conflito entre o interior e o exterior” (JUNG, 1985, p. 114). Essa integração é o processo chamado *individuação*: um autoconhecimento pleno, um estado de consciência acima dos conflitos entre o consciente e o inconsciente, um estado transcendente.

Desde os tempos mais remotos da humanidade, o *Self* foi projetado para o exterior da psique como arquétipo. Uma das representações arquetípicas mais primitivas é o Sol. E assim “a imagem de Deus na alma humana” eclodiu do interior da psique e os ancestrais da humanidade passaram a adorar Deus. As diversas culturas passaram a elaborar os seus mitos. Uma das representações comuns a todas as culturas é a mandala; o círculo lembra a representação arquetípica do Sol. Como arquétipo, Deus já ocupa um lugar na psique antes de se formar a consciência. É importante salientar que Deus não é um produto da consciência, mas ele quer se tornar consciente no ser humano.

Esse processo psicológico, que possibilita à “imagem de Deus na alma humana” eclodir a partir do interior da psique, é natural e saudável, pois a experiência religiosa possibilita a *individuação*. A experiência equivale a uma catarse psicanalítica, proporcionando a iluminação, o equilíbrio, o encontro consigo mesmo, a cura espiritual, a percepção da presença de Deus. É no

*Self* que se originam as imagens sagradas, de caráter indefinível e que invadem a pessoa com uma força redentora. Torna-se difícil definir os limites entre o *Self*, o processo de individuação e “a imagem de Deus na alma humana”. O *Self* é um conceito psicológico que exprime o incognoscível que ultrapassa a nossa capacidade de compreender. “O *si-mesmo* também pode ser chamado ‘o Deus em nós’”, esclarece Jung (1985, p. 112). A “imagem de Deus na alma” é uma constatação psicológica, mas não significa uma prova da existência física de Deus. Querer aprisionar Deus nos limites de nossa linguagem é presunção. Quando alguém conhece a Deus e vivencia sua presença, essa pessoa não necessita de comprovações. Uma verdade religiosa nunca poderá ser descrita com a argumentação da física, “pois todas as proposições religiosas são impossíveis do ponto de vista físico”, esclarece Jung. Os temas religiosos “dizem respeito unicamente à realidade da alma e não à da ‘physis’ [natureza]” (JUNG, 1979, p. 107).

Desse modo, Jung formulou o conceito arquetípico de Deus, que é interior e de dimensão psíquica. “Deus é uma realidade psíquica evidente, e não um dado físico, ou seja, é um dado que só pode ser constatado do ponto de vista psíquico, e não do ponto de vista físico” (JUNG, 1979, p. 106). Em suas obras científicas, Jung se referiu à “imagem de Deus na alma humana”. Em *Memórias, sonhos, reflexões*, Jung falou de suas próprias experiências religiosas: “De repente ficou claro para mim que Deus era uma experiência imediata e das mais convincentes” (JUNG, 1975, p. 65).

Convergindo com Jung, nessa questão, Tillich afirma: “A pergunta por Deus é possível porque uma consciência de Deus está presente na pergunta por Deus. Esta consciência precede qualquer questão. Ela não é o resultado de um argumento, mas sua pressuposição” (TILLICH, 1987, p. 175).

Com sua fé na onipotência divina, o ser humano não está simplesmente entregue a um jogo aleatório de poderes. “Deus é o poder de ser, resistindo e conquistando o não-ser. Em relação à criatura, o poder divino se expressa no símbolo da onipotência”, argumenta Tillich (1987, p. 228).

A participação na vida divina supera a ansiedade do não-ser, a insignificância existencial. “A confissão do credo referente ao ‘Deus Pai Todo-poderoso’ expressa a consciência cristã de que a ansiedade do não-ser é eternamente superada na vida divina”, esclarece Tillich (1987, p. 229).

O Deus vivo é criativo sempre, em todas as circunstâncias. A vida divina e o agir criador de Deus se identificam, pois ela é essencialmente criadora. “É mais adequado definir a onipotência divina como o poder de ser que resiste ao não-ser em todas as suas expressões e que se manifesta no processo criativo em todas as suas formas” (TILLICH, 1987, p. 229).

O ser humano vivencia a dimensão terapêutica de sua fé, quando se dirige ao Deus todo-poderoso.

Quando é pronunciada seriamente a invocação “Deus todo-poderoso”, é experimentada uma vitória sobre a ameaça do não-ser, e é expressada uma corajosa afirmação da existência. Nem a finitude nem a ansiedade desaparecem, mas elas são entregues à infinitude e coragem. Só nesta correlação deveria ser interpretado o símbolo da onipotência (TILLICH, 1987, p. 229).

No entanto, a onipotência de Deus também pode estar envolta por credices delirantes, esclarece Tillich. “É magia e absurdo se é interpretada como a qualidade de um ser supremo que pode fazer o que quiser” (TILLICH, 1987, p. 229). É a atitude de querer transformar Deus num “quebra-galho”, ao invés de procurar a vontade divina.

A coragem existencial sempre de novo precisa superar a ansiedade, e isso ocorre mediante a participação na vida divina. “Só é divino aquilo que dá coragem para suportar a ansiedade da existência temporal. Onde a invocação ‘Deus Eterno’ significa participação naquilo que conquista o não-ser da temporalidade, ali foi experimentada a eternidade” (TILLICH, 1987, p. 229-30).

Deus quer nascer na alma humana. A presença do Espírito de Deus na vida da pessoa, habitando inclusive o corpo humano, significa que Deus quer nascer na vida de suas criaturas. “A vida humana se destina a ser o receptáculo de Deus. O ser humano existe por causa de Deus e para Deus. Deus encontra no ser humano uma realização para si que de outra forma não teria” (BOFF, 2006, p. 41). Deus quer conviver com sua criatura, salienta Jung, pois “o confronto com a criatura transforma o Criador” (1979, p. 70). Jung também comenta “a imagem da criança divina” e

a imagem daquele menino que Mestre Eckhart contemplou em sua visão: a ele coube saber que Deus não é feliz sozinho em sua divindade, mas deve nascer na alma do homem. A encarnação operada em Cristo é o protótipo que o Espírito transporá progressivamente para a criatura (JUNG, 1979, p. 99).

O ser humano é vocacionado a espelhar a presença de Deus em sua existência. “Sucintamente podemos dizer que o sentido do universo e de nossa própria existência consciente é sermos um espelho no qual Deus se vê a si mesmo” (BOFF,2006, p. 48). Deus se realiza na sua criatura.

Jung ressalta o significado da encarnação progressiva de Deus no ser humano mediante a presença do Espírito divino. “A futura inabitação do Espírito Santo nos homens equivale a uma progressiva e continuada encarnação de Deus” (JUNG, 1979, p. 74).No entanto, “até mesmo o homem iluminado permanece aquilo que é, nada mais do que o seu próprio eu colocado em face daquele que habita em seu íntimo”, esclarece Jung (1979, p. 113).

Avaliando os mitos da criação, Estrada conclui (2004, p. 91) que não nos encontramos num mundo harmônico, onde o mal não existe, mas também não vivemos numa realidade caótica. Os relatos de Gênesis sugerem a ideia de uma criação perfeita e concluída, enquanto que outros textos do AT mostram que Deus continua subjugando o caos – para formar vida.

O psicólogo Rollo May soube sintetizar com sabedoria a dimensão existencial. “A vida não é uma questão de simples otimismo, pois o mal existe; nem de mero pessimismo, pois o bem também existe. *A possibilidade da nobreza frente ao mal é que dá à vida seu significado trágico*” (MAY, 2001, p. 161).

Na condição de peregrino, o ser humano sempre se defronta com a ameaça da insignificância existencial. Essa caducidade é superada quando a pessoa se torna consciente de que integra um plano divino. Por esse motivo, Jung aponta para a importância de uma restauração a partir da espiritualidade.

Quando alguém se sabe objeto de escolha de um projeto divino desde o princípio do mundo, sente-se subtraído à caducidade e à insignificância da existência humana comum e transferido para o estado em que goza da dignidade de participante do drama divino universal. Isto o coloca na proximidade de Deus, fato este que corresponde perfeitamente ao sentido da mensagem evangélica(JUNG, 1979, p. 50).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida é frágil e, por isso, valiosa. Todo ser vivo se depara constantemente com a possibilidade da extinção. O ser se defronta com o não-ser. Essa ameaça não é só externa, pois a possibilidade da desintegração se encontra dentro do psiquismo humano; um transtorno mental é altamente desintegrador. A ameaça do caos cerceia e permeia todas as formas de vida.

Quando o ser humano começou a refletir, ele passou a se ocupar com a ameaça à sua fragilidade existencial. As adversidades da natureza, a doença, as perdas, o ódio, as hostilidades, a morte, o luto são ameaças permanentes à preservação da vida. Por que a desintegração está sempre rondando os seres vivos? Por que a harmonia é tão efêmera?

No princípio, tudo era indeterminado e sem características definidas. A atividade era intensa, mas desordenada. Com o *Big Bang*, a energia concentrada num ponto minúsculo se expandiu em altíssima velocidade. Formou-se uma sopa cósmica de partículas com temperatura muito elevada. Em meio a esse caos – por volta de 13,7 bilhões de anos – ocorre a “Singularidade infinita” e surgiram as quatro forças fundamentais do universo (força gravitacional, força nuclear forte, força nuclear fraca e força eletromagnética). A interação dessas forças possibilitou o surgimento da vida. Com o início do universo apareceram o espaço e o tempo. Nada ocorreu “antes” do surgimento do universo, pois não havia tempo nem espaço. O universo não foi criado dentro do tempo, mas este passou a existir junto ao universo. Pela Constante de Hubble sabe-se que o universo está em expansão. Astrônomos e físicos tentam reconstituir os três minutos iniciais do *Big Bang*. Cada estágio apresenta características emergentes, ou seja, um estágio não é redutível ao anterior. A explosão da supernova *Tiamat* originou a formação do sistema solar há 4 bilhões e 600 milhões de anos. Gradativamente a Terra foi esfriando e começaram a surgir as primeiras formas de vida no oceano. Na medida em que o ambiente possibilitava, surgiam criaturas multicelulares. Mais tarde, apareceram os primeiros vertebrados e também os primeiros mamíferos. Há 2,8 milhões de anos atrás surgiram os primeiros humanos, que desenvolveram uma consciência reflexiva. Há 5,5 mil anos atrás foi

desenvolvida a escrita. E o ser humano passou a registrar cosmogonias e teogonias.

Muito antes do vislumbre racional de Heráclito, que entendeu que a vida é uma luta entre os contrários, afloraram os mitos. Foram elaboradas cosmogonias e teogonias, pois o ser humano quer se relacionar com o todo. É necessário saber como tudo se originou.

Nos dias de hoje torna-se necessário entender novamente a linguagem mitológica, tão depreciada pelo Iluminismo. O mito quer transmitir verdades eternas, que integram o inconsciente coletivo. Sua linguagem não é lógica, mas simbólica, declara Jung. O mito pode ser reprimido, mas nunca será extinto, pois o ser humano sempre se relaciona com símbolos. Oriundas do inconsciente coletivo, as verdades transmitidas mediante linguagem mitológica, são um patrimônio da humanidade toda. Constituem-se em representações arquetípicas. Tendo como função básica abrir o mundo para a dimensão do mistério, o mito nos proporciona um modelo de vida, afirma Campbell.

A Civilização Ocidental tem uma compreensão do surgimento do universo que foi fortemente influenciada pelo pensamento hebraico. De um modo singular, as narrativas em Gênesis enfatizam o conceito de criação do mundo. No entanto, para formular sua cosmogonia, a religião hebraica se apropriou de mitos babilônicos e cananeus, com os quais se identificou. Nos dias de hoje observa-se uma verdadeira obsessão com relação à noção do plágio. Os antigos não pensavam assim. Para eles era essencial a identificação com o tema, pois este não precisa ser exclusivo de uma determinada cultura ou nação. Desse modo, os hebreus adaptaram mitologias da circunvizinhança para a sua fé monoteísta.

Nos mitos babilônicos e cananeus, a criação do mundo é o resultado de uma luta entre a divindade e o caos. A divindade venceu, mas a vitória não foi definitiva. O caos foi vencido, mas não foi eliminado; ele pode retornar. Os hebreus se identificaram com esse mito. Essa temática foi abordada de modo mais explícito nos demais textos, além de Gênesis, os quais também abordam a criação do mundo. O universo resulta da separação de elementos do caos. Esse processo não aconteceu apenas uma vez, antigamente, mas continua ocorrendo. A vida precisa se afirmar sempre de novo perante o caos. Observa-se até uma alternância: ora desponta a vida, ora prevalece a desintegração.



Diante de tanta profusão, num processo cósmico indeterminado e numa potencialidade sem características definidas, Deus passou a atuar como Princípio de Limitação. Em meio ao caos, ele delimitou âmbitos nos quais a vida se tornasse viável. Ele separou os lugares habitáveis. E assim Deus foi conquistando o caos e estabelecendo gradativamente sua boa criação. Essa luta contra o caos é permanente, o que pode ser observado no âmbito cósmico e também na existência individual, caracterizando assim uma criação contínua. Onde há vida, também há adversidade. O ser está sempre sob a ameaça do não-ser.

A existência é ambígua e paradoxal. Mas, em meio a todos os paradoxos, o mundo obedece a um plano. Além de controlar os limites do caos, Deus conduz os acontecimentos para que eles prossigam com um propósito. Cabe ao ser humano ter discernimento para perceber essa condução. A existência está cercada pelo caos, ameaçando reduzir tudo ao nada. No entanto, a vida é preservada pela graça de Deus. Se ele interromper o controle, toda a realidade retorna ao caos. Essa foi a experiência de vida testemunhada pela mitologia, o que levou o hebreu a se identificar com os mitos da circunvizinhança.

Deus e o universo evoluem juntos. O inconsciente coletivo da humanidade contém um arquétipo de completude. Desde que se formou “a imagem de Deus na alma humana”, como representação arquetípica, Deus quer se tornar consciente no ser humano – para ser vivenciado na dimensão psíquica. Como realidade psíquica evidente, Deus é uma experiência imediata. Cabe ao ser humano possibilitar que esse arquétipo se torne consciente. “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17:28). A evolução é o agir contínuo de Deus. Ou seja, Deus é a evolução, pois o surgimento e o desenvolvimento da vida na Terra são dirigidos pelas mutações genéticas, sendo Deus o planejador de um processo auto-organizado.

A criação do mundo tem uma conotação salvífica. Deus é vitorioso sobre os poderes hostis à criação e ele se empenha para que suas criaturas estejam a salvo. Existir significa estar salvo do caos. As experiências históricas da intervenção divina são festejadas como um ato criador de Deus. Criação e redenção se afirmam na medida em que é superada a adversidade, “para que Deus seja tudo em todos” (1 Coríntios 15:28).

A *Teogonia* de Hesíodo, que se tornou paradigmática para as demais, principia afirmando que em primeiro lugar nasceu o Caos, antes das outras divindades. É inevitável a perplexidade diante dessa primazia do Caos. Essa anterioridade do Caos deve ser avaliada no sentido ontológico. O Caos é uma condição, um modo. A *Teogonia* está apontando para a preponderância do Caos na constituição da realidade. A presença da desintegração é sempre perceptível. Tillich mostra que a vida sempre contém em si uma mistura de estruturas de criação com poderes de destruição. Trata-se realmente de uma questão ontológica e, muitas vezes, são percebidos somente os poderes de destruição. Onde surge a vida, a desintegração também já está presente.

Se o *Tao-te King* principia com a Unidade Primordial, salientando que o *Tao* é anterior aos antagonismos e à polaridade, e Plotino se refere ao Uno transcendental, essa reflexão se torna clara com a mandala cindida em dois semicírculos de Jakob Böhme, mostrando que houve uma cisão na Totalidade. Também Jung observou que Jó conheceu a antinomia interior da divindade. São poucos os pensadores que ousaram essa constatação, o que torna compreensível o reconhecimento de Paul Ricoeur a Schelling e Tillich, que tiveram a ousadia de apontar o “lado demoníaco da divindade”. Tillich colocou com acerto a questão, afirmando que a existência do mundo requer “uma participação dialética do não-ser no ser”. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento insistem numa visão monista da realidade; todos os acontecimentos estão relacionados com Deus, pois o Deus vivo “é o fundamento de todos os processos criativos da vida”, esclarece Tillich. É o rigoroso monoteísmo hebraico.

No contexto dessa luta pela vida, estando o caos já presente desde o princípio – até mesmo na figura da serpente (uma alusão ao dragão nefasto) – torna-se inevitável perguntar qual é a mensagem do mito do paraíso? Essa narrativa quer ensinar que o ser humano se alia mais ao caos do que a Deus. Aquilo que o ser humano quis conquistar, ele ambicionou afastando-se de Deus. O seu orgulho resultou no reconhecimento de estar nu. A harmonia foi interrompida pelo ser humano. Como se não bastasse a adversidade existencial – com a serpente nas imediações – o ser humano acrescentou mais dificuldades às que já havia. Para transmitir um ensinamento, o hebreu não elabora uma teoria, mas desenvolve a narrativa de um episódio. Em vez da

teoria, a narrativa. Ainda deve ser acrescentado que a proibição de comer do fruto do conhecimento do bem e do mal aponta para a limitação do ser humano. O conhecimento da origem do bem e do mal é da competência exclusiva de Deus. Com essa mensagem está implícito o fracasso de toda a teodiceia.

O desenvolvimento do universo continua sendo possível graças a um equilíbrio de forças. O universo surgiu e se desenvolve em meio ao antagonismo de forças. Muitos sistemas se sustentam à beira do caos, longe do equilíbrio térmico. A física quântica tem demonstrado que a realidade não deve mais ser avaliada de forma estática. O universo está impregnado de um dinamismo intenso e aleatório, que precisa contar com a presença do acaso. Se o universo estivesse estruturado de um modo mecânico, previsível e controlável, não teria havido condições para o surgimento da vida. Mas dentro dessa realidade aberta existe um equilíbrio de forças. Esse “ajuste-fino” observável na natureza tornou-se conhecido como Princípio Antrópico, o qual reflete a Mente do Criador. O “ajuste-fino” mostra que Deus dotou o universo de potencialidades criativas. E os cientistas passaram a entender a linguagem do mito, que transmite representações arquetípicas pertencentes ao patrimônio inconsciente da humanidade.

Por volta de 3,5 bilhões de anos formaram-se dois princípios de vida na Terra: células com porfirina e células sem porfirina. As células com porfirina necessitam apenas de material inorgânico e da luz solar. As células sem porfirina precisam se alimentar de outros seres vivos. O mundo das plantas é o princípio pacífico de vida. Os animais pertencem ao princípio vital agressivo. A botânica vive segundo um princípio pacífico; a zoologia, um princípio agressivo. A própria estrutura genética induz os animais para a violência e para o egoísmo. Os animais são predadores. Com sua liberdade, o homem pode oprimir e matar seu semelhante. No entanto, justamente um grupo desses predadores foi beneficiado com uma dimensão espiritual. O ser humano pode desenvolver a sua consciência para exercer um controle espiritual sobre sua agressividade, empenhando-se pela autotranscendência. Conclui-se que há uma relação entre essa pesquisa sobre a porfirina e o postulado de Philip Hefner (em 3.8.15), que vê no pecado um conflito entre a genética (egoísmo, agressividade) e a cultura (altruísmo, cooperação). A liberdade dos

sereshumanos restringe o que habitualmente se entendeu por onipotência de Deus. Em verdade, nenhum ser detém exclusivamente todo o poder no universo. A liberdade dos seres vivos provoca uma interação de forças.

Essa luta também é vivenciada pelo indivíduo em sua existência. Ao nascer, o ser humano se resume a um turbilhão de pulsões. O ego da criança precisa se desenvolver a partir desse turbilhão inconsciente. No confronto com a realidade desenvolve-se a consciência. Mesmo emergindo dos seus impulsos, o ser humano passa a conviver com dois instintos básicos: o instinto da vida (*eros*) e o instinto da morte (*tánatos*), que acompanham a pessoa em toda a sua existência. Excessos alimentares, tabagismo, alcoolismo, comportamentos de risco são manifestações do instinto da morte, que é uma tendência de regresso ao inorgânico, um retorno ao caos. O ser humano é o único mamífero que experimenta uma transição chamada adolescência. A instabilidade é total: no psiquismo e no organismo. A inconstância do adolescente não é só emocional. Os neurologistas constatam que o cérebro só está pronto por volta dos trinta anos. É no cérebro que é desenvolvido um programa executado pelos hormônios sexuais. O sistema de recompensa, que gratifica com uma sensação de prazer, passa por uma remodelagem. Esse é um dos motivos que torna o adolescente tão vulnerável diante das drogas. A incoerência da sociedade induz a um verdadeiro colapso das regras. Além do alto índice de mortes violentas entre adolescentes, observa-se também um grande número de suicídios.

A pessoa adulta não está isenta de contradições e conflitos. Partindo de sua condição pessoal, Adler constatou que a existência é uma luta para superar as limitações. Todas as pessoas têm sentimentos de inferioridade, mas se estes forem exacerbados, poderão desencadear um complexo de inferioridade. Para superar sua inferioridade, cada pessoa deve desenvolver um objetivo de vida específico. A sociabilidade é fundamental para que ocorra uma contribuição para a coletividade. No entender de Adler, uma pessoa que coopera, nunca se tornará neurótica. Uma pessoa se desenvolve de um modo saudável na medida em que ela descobre o “outro” – seu semelhante. Outra grande contribuição foi legada por Erikson, que se concentrou no conceito de identidade para o desenvolvimento da personalidade. Ele dividiu a existência em oito etapas, cada uma se defrontando com a polaridade entre autonomia

versus vergonha, iniciativa versus sentimentos de culpa, realizações e sentimentos de inferioridade, identidade versus confusão de papéis, intimidade versus isolamento, capacidade criativa versus estagnação, integridade versus desesperança. As oito etapas da existência estão marcadas pela polaridade entre sair-se bem ou sucumbir. A contribuição de Jung merece destaque; ele apontou para a religiosidade como o problema central da existência. Na maturidade começa a nascer a morte. Recusar a finitude equivale a não querer viver. É importante ter sonhos e mitos para se defrontar com o que vem depois da morte. Novamente o indivíduo se defronta com a polaridade: quem não crê, avança para o nada; aquele que crê, obedece ao seu arquétipo. O confronto com a finitude pode ser terapêutico ou desesperador. Uma perspectiva religiosa torna-se fundamental para a pessoa poder morrer com serenidade. Quem não se dispõe a morrer, também não consegue viver.

Além das lutas existenciais, o ser humano precisa conviver com o caos dentro do próprio organismo. Para se tornar resistente, o organismo precisa desenvolver anticorpos. Nos dias atuais, nem se questiona o uso de vacinas; as crianças são vacinadas mediante campanhas governamentais. Desde os tempos do Antigo Testamento, a prática da circuncisão também é uma medida para aprimorar a natureza, pois a mulher israelita goza de uma saúde ginecológica admirável, sendo também mínima entre os homens a incidência de tumor na próstata. Células cancerosas estão sempre se desenvolvendo, mas os leucócitos conseguem destruí-las – na maioria das vezes. Muitas batalhas ocorrem no organismo sem serem percebidas. Colônias de ácaros se instalam nos cílios. Convivendo com bactérias, fungos, amebas, o ser humano precisa manter o equilíbrio do seu sistema imunológico. Em meio a tanta adversidade, o espantoso e o admirável é a saúde.

Em meio a tantas disparidades, a pergunta pela teodiceia não tem recebido uma resposta satisfatória. Não se satisfazendo em culpabilizar o ser humano pelo mal físico existente no universo, um recurso costumeiro em nossa cultura, os pesquisadores falam atualmente no malogro da teodiceia, anunciando o seu fracasso. O rigoroso monoteísmo hebraico integrou todos os acontecimentos no agir divino. Mesmo assim, não ficou isento da influência do dualismo, haja vista a importância atribuída a Satã. O filósofo Schelling referiu-se expressamente à dimensão demoníaca no interior da própria divindade,

salientando inclusive que Deus “não está concluído e feito desde o início”. Deus está emergindo de um estado de inconsciência para se tornar consciente: o *deus implicitus* ainda precisa se explicitar. Hegel desenvolveu a trajetória do Espírito Absoluto, sendo que a presença do mal é inerente ao processo. Tudo é justificado a partir da perspectiva do Espírito Absoluto.

Uma nova visão da realidade promoveu também a articulação do panteísmo. Para uma compreensão do panteísmo, torna-se necessário identificar as correntes das quais ele se distancia. O panteísmo identifica Deus com todas as formas de vida. Deus se dissolve na natureza. O indivíduo é extinto. Desse modo, Deus não transcende a sua obra. O teísmo considera Deus um ser supremo – como se ele existisse ao lado de outros seres. Desse modo, Deus pode ser definido como os demais objetos. Deus está separado da natureza e distante da humanidade. É enfatizada a transcendência de Deus, que intervém ocasionalmente. O deísmo considera o universo um mecanismo, que Deus colocou em movimento e agora funciona sem a metafísica. Deus atuou no início e agora a natureza funciona com leis estabelecidas. O mundo está fechado ao agir de Deus. Distanciando-se dessas três tentativas para entender o agir divino, o panteísmo afirma que tudo está em Deus. Há uma inter-relação: Deus está no mundo e o mundo está em Deus. A presença de Deus é ativa no mundo. Deus se realiza no mundo. Deus é imanente e também transcendente. Sendo infinito, Deus difere do mundo em essência, pois este é finito. O ser de Deus abrange e penetra todo o universo, mas Deus não se esgota na realidade existente. Essa nova maneira de ver a relação entre Deus e o universo vem a se constituir em orientação de vida. Também a Bíblia apresenta essa visão do agir divino, afirmando que “há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Efésios 4:6).

A física quântica veio mudar a visão da realidade, demonstrando que uma concepção mecânica do universo deve dar lugar à imprevisibilidade. A luz se propaga em ondas, mas – sob certas circunstâncias – ela apresenta o comportamento de partículas. Um elétron pode ser encontrado em um lugar e também em outro; depende do observador. Com base nas ideias de Newton, a física clássica considerava o mundo como sendo mecânico, previsível e controlável. A física quântica mostrou que a realidade está aberta, precisando contar com o imprevisível. Num mundo mecânico e governado pelo

determinismo nem haveria condições para o surgimento da vida. Fatores aleatórios tornaram-se fundamentais na realidade e são explicados pela física quântica, que considera o futuro aberto – para a humanidade e também para Deus – pois o futuro ainda não aconteceu.

Whitehead desenvolveu a filosofia do processo: um dinamismo radical impulsiona a realidade. Um “impulso criador” é a causa de todo vir-a-ser. É um impulso indeterminado orientado para a vida, que torna os “objetos eternos” efetivos no evento. Existe um terceiro fator: o “princípio de limitação”, que delimita e determina todo o vir-a-ser. Esse “princípio de limitação” é Deus. A realidade é um processo: uma sucessão de eventos. A realidade é aquilo que ocorre neste momento: o evento. O universo é dinâmico e orgânico; uma sucessão de eventos. Contendo em si o passado e o futuro, o evento é uma síntese do universo e, por isso, é o conceito fundamental da realidade. Todo evento é uma apreensão e uma captação. Cada evento torna-se também um vetor para os acontecimentos seguintes. Todo evento é um organismo, tornando-se algo novo em relação à realidade que o precedeu. O evento se perpetua na medida em que ele atua como vetor no evento seguinte. Todo o processo é bipolar: os eventos mudam e transformam. A realidade se concretiza por intermédio do “princípio de limitação”, que é Deus. A partir do “impulso criador” e dos “objetos eternos” o “princípio de limitação” configura individualmente cada ser. Deus é determinante em cada momento. Sem Deus, o universo seria estático e imutável. Para que as possibilidades se desenvolvam, o mundo deve estar presente em Deus. O relacionamento entre Deus e o mundo é bipolar: Deus está presente no mundo e o mundo influencia Deus. Deus age e reage. Deus apresenta possibilidades para os eventos. E cada evento decide como irá concretizar essas possibilidades. Deus age por persuasão; ele não impõe. A partir da persuasão de Deus deve ser repensado o conceito de onipotência divina. Deus também não é prisioneiro do tempo. Cada evento é livre para efetivar as possibilidades. Um evento também pode rejeitar a persuasão de Deus e realizar uma experiência desintegradora. Mesmo assim, Deus pode estabelecer novas relações. Deus é eterno, mas por intermédio da criação ele se tornou dinâmico. Deus é a apreensão consciente do universo; ele é ilimitado e está evoluindo, pois se encontra num processo de vir-a-ser, sendo enriquecido constantemente graças à captação de novos

eventos. Deus e o universo evoluem juntos. Cada ser é parcialmente auto-determinante. Deus é “um companheiro no sofrimento que nos entende”, afirma Whitehead.

Hartshorne partiu do pensamento de Whitehead e enfatizou a dimensão pessoal de Deus. Uma vez que nenhum ser detém exclusivamente todo o poder, pois a realidade é constituída de uma pluralidade de poderes, Hartshorne reformulou o conceito de onipotência divina. Deus engloba todos os eventos que constituem a história do universo. Deus superou o caos, colocando ordem na criação. Deus é imutável em seu propósito e mutável em suas relações. Deus age em tudo e tudo retroage sobre Deus. Os seres humanos causam uma impressão em Deus. O próprio Deus tem a sua experiência com as pessoas. A autodeterminação das pessoas dá ensejo à presença do mal.

A partir da filosofia do processo foi articulada a teologia do processo. Os principais expoentes são: John Cobb Jr., que promoveu uma articulação entre o pensamento de Whitehead e a cristologia; David Ray Griffin, que refletiu sobre a evolução e o panexperencialismo da consciência; Langdon Gilkey, que articulou a *creatio ex nihilo* com a *creatio continua*; Schubert Ogden, que refletiu sobre o conceito de Deus do processo a partir do existencialismo de Bultmann; Robert Neville, que realçou a transcendência de Deus.

Deus cresce junto com o universo. A relação entre Deus e o mundo é idêntica à relação entre a mente e o corpo. Deus não está separado do universo, embora o transcenda. Mas não há um “lá fora”, que seja o lugar de Deus, pois não há espaço fora do universo. Deus também se torna consciente junto com o universo. O Deus que se revelou em Jesus Cristo, transmitindo e vivenciando o amor dirigido até aos inimigos, é o mesmo Deus que outrora ordenou a Israel – o povo eleito – matar seus inimigos, exterminando idosos, mulheres e crianças, pois a guerra era considerada uma atividade santa. A Bíblia registra uma revelação progressiva de Deus, o que ficou evidente na maneira em que Deus apareceu aos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó e, mais tarde, a Moisés (Êxodo 6:3). Mas a leitura da Bíblia também mostra a ampliação da consciência divina. Leis discriminatórias e preconceituosas foram dando lugar à “graça e verdade” reveladas em Jesus Cristo (João 1:17). Esse processo continua hoje mediante a ação do Espírito divino.



A partir de uma visão mais abrangente da realidade, despontaram cientistas que promoveram um diálogo entre a ciência e a religião.

Teilhard de Chardin pesquisou o universo como uma unidade orgânica que se organiza a partir de dentro, pois a realidade toda está integrada. Ele procurou um sentido para o universo. O universo é um fenômeno, que possui um sentido interno. O universo é uma unidade orgânica. A estrutura do universo é energia, que impulsiona a evolução. A energia tangencial une os elementos da matéria. A energia radial corresponde ao processo evolutivo e espiritual da matéria. A entropia é o inverso da energia; ela é o desgaste da vida. O universo é um processo histórico com uma dinâmica interna. Deus está presente em tudo: é o Panenteísmo. A evolução do universo acontece em três etapas: Matéria: Geosfera. Vida: Biosfera. Espírito: Noosfera. A Cosmogênese se tornará em Noogênese. Atualmente, a evolução transcorre no âmbito da Noosfera – em duas etapas: Antropogênese e Cristogênese. A evolução do universo observada no passado prossegue no futuro em direção ao Ponto Ômega: Cristo. A chave para entender o pensamento de Teilhard de Chardin é a complexidade crescente e o aumento da consciência.

Ian G. Barbour é considerado o decano nessa articulação. Sua reflexão se desenvolve na teologia do processo, ocupando-se com a onipotência divina. Deus atua mediante a persuasão. O poder de Deus é condicionado pela atuação dos demais seres, que são dotados de liberdade. Atuando mediante a persuasão e com o poder divino limitado, abre-se espaço para o surgimento do mal. Deus está presente na natureza, atuando nela. A visão de Barbour é panenteísta.

Arthur Peacocke vê na evolução biológica um exemplo da imanência de Deus. A evolução é o agir contínuo de Deus e, na preservação da estrutura, o acaso interage de modo criativo. O processo criativo de Deus abrange lei e acaso. O acaso é o radar de Deus, sondando as possibilidades e potencialidades. Deus prevê a mutação geral da evolução, mas não as minúcias, pois a história evolutiva é imprevisível. O darwinismo é um amigo disfarçado da fé. O universo é um sistema unitário complexo com uma hierarquia de diferentes níveis. Essa unidade é um monismo emergente. Sendo o todo mais abrangente possível, Deus é a Causa Descendente nos organismos. Portanto, todos os organismos naturais são partes integrantes,

pois o mundo é o corpo de Deus, que é a mente. O transcurso do agir de Deus é a história do universo. A dança é permanente, sendo Deus o compositor e também o coreógrafo de uma sinfonia inacabada. Empenhado numa criação contínua por meio dos processos de ordem natural, Deus experimenta e improvisa. Deus se decidiu pela autolimitação e, por isso, ele sofre junto com o mundo. Deus não é um ser externo à natureza, como propõem o teísmo e o deísmo. Deus atua dentro do universo, mas transcende-o. Peacocke se identifica como panenteísta, combinando a imanência com a transcendência de Deus.

Robert John Russell reflete uma teologia da natureza e afirma que Deus é a Causa Descendente influenciando determinados eventos. Deus intervém nas potencialidades, atuando nas indeterminações quânticas. Deus é o Determinador de Indeterminações. Russell se empenha em detectar o acaso e o agir de Deus no mundo quântico. Russell articula a física moderna, a biologia evolutiva e a reflexão teológica a partir da teologia do processo e a autolimitação de Deus.

John Polkinghorne observou que antigamente as lacunas no conhecimento científico eram transferidas para Deus. E assim, Deus se tornou o “tapa-buracos”. Mas, na medida em que esses assuntos eram esclarecidos, Deus era empurrado para fora do âmbito da ciência. No entanto, a ciência não é capaz de explicar o caráter profundo da natureza. Torna-se necessária uma compreensão espiritual da inteligibilidade do universo, pois a ordem do universo reflete a Mente do Criador, o que também é afirmado em Romanos 1:19-20 vindo a culminar em 11:36 – “Porque tudo é dele, por ele e para ele”. As leis da natureza tiveram que assumir um caráter específico para que a vida emergisse no universo. A evolução implica acaso e necessidade. Deus é o ordenador e o sustentador do universo – num processo de criação contínua. Deus é o planejador de um processo auto-organizado. Foram necessárias as mutações genéticas para que a vida desenvolvesse novas formas. A história da vida na terra foi dirigida pelas mutações genéticas. Se houvesse mutações em demasia, as espécies não teriam se estabelecido. A novidade surge “no limite do caos”, entre ordem e desordem. As células também podem sofrer mutações e se tornar malignas. O câncer é “o lado sombrio e inevitável” da evolução. Deus poderia ter criado um mundo já pronto, mas fez algo inteligente onde as

criaturas têm a capacidade de participar. O agir criador de Deus implica a autolimitação divina. Com seu esvaziamento, Deus permite às criaturas se constituírem a si mesmas. Essa liberdade resulta em fatos que nem sempre são da vontade de Deus.

Polkinghorne se notabilizou pela articulação do Princípio Antrópico, concentrando-se no “ajuste-fino” das leis da natureza. A regularidade do universo teve que assumir a forma específica para a potencialidade biológica. Desde o seu princípio, o universo tinha em si a possibilidade do surgimento da vida, embora ela tenha aparecido mais tarde. As quatro forças fundamentais [gravitacional, nuclear forte, nuclear fraca e eletromagnética] interagiram de tal maneira que a vida se tornou possível no universo. A extensão do universo também é um fator preponderante, pois somente um universo com este tamanho pode durar o tempo suficiente para o surgimento da vida. Os cientistas concordam quanto à necessidade de particularidades que possibilitaram a evolução da vida baseada em carbono. Mas discordam em torno da origem do universo. Para contestar o Princípio Antrópico, alguns cientistas argumentam com o multiverso ou megaverso: a existência de muitos universos, cada um com leis diferentes. Também tem sido proposta a hipótese do estado estacionário: o universo seria eterno. O cientista Rodney Holder levanta a hipótese de que a humanidade se encontra num pequeno reduto de ordem rodeado de caos. O pequeno reduto poderia ser o sistema solar. O ser humano está muito mais em condições de observar um pequeno reduto com ordem, do que o universo inteiro. No âmbito da pesquisa científica, as explicações mais simples têm mais probabilidade de estarem certas. A hipótese dos muitos universos carece de simplicidade, enquanto que a proposta do projeto divino é mais simples. Além disso, a questão da origem do universo não se resolve com a hipótese do multiverso. Existe muita simetria no universo e também existe a imperfeição; ambas são necessárias.

Paul Davies deparou-se com o “ajuste-fino” das leis que estruturam o universo e concluiu que a realidade precisa ser compreendida a partir de uma perspectiva religiosa. Deus dotou a matéria de potencialidades criativas. Deus também respeita a liberdade humana. A competição e a morte integram o processo evolutivo. O universo não surgiu dentro do espaço e do tempo, mas estes passaram a existir a partir do *Big Bang*. O universo parece ter sido

formado na medida para o surgimento da vida. Há uma organização interna e imanente no universo, possibilitando o surgimento da vida. A complexidade dos sistemas abertos possibilita a causação descendente: de cima para baixo. Deus é imanente e, também, transcendente.

Nancey Murphy afirma que Deus é o Determinador de Indeterminações. Como fonte de inovação e de ordem, Deus concede aos indivíduos a liberdade para estimular a autocriação. Diante das novas possibilidades, as pessoas precisam esboçar uma reação. Deus está presente em cada evento, mas ele não determina o resultado. Mediante a persuasão, Deus estimula e inspira a partir do interior do evento.

George Ellis concentrou-se nos aspectos filosóficos da cosmologia e afirma que Deus é o Determinador de Indeterminações. Em parceria com Nancey Murphy, Ellis se posicionou pela autolimitação voluntária de Deus. Nesta realidade, marcada pelo mal e pelo sofrimento, Deus decidiu se esvaziar e autolimitar seu poder.

William G. Pollard afirmou que Deus controla o mundo providencialmente mediante as indeterminações quânticas. Deus não age como uma força física, mas influencia os eventos. Ele se referiu a Deus como a “variável oculta”. Seu argumento é coerente com as teorias da física.

Stephen Jay Gould desenvolveu a tese do “equilíbrio interrompido”. Segundo o “equilíbrio pontuado”, em populações isoladas ocorrem períodos de estabilidade que são interrompidos por mudanças evolucionárias rápidas. Os próprios organismos participam nas mudanças evolucionárias. Gould referiu-se também aos “magistérios não-superpostos”: a ciência se ocupa com o fato que acontece, e a religião, com o sentido do acontecimento. Portanto, não há conflito entre ciência e religião.

Ilya Prigogine destacou-se pesquisando estruturas dissipativas, que são “ilhas de ordem em um mar de desordem”. Essa teoria possibilitou a pesquisa em sistemas que se auto-organizam. A auto-organização ocorre em matéria viva e em certos sistemas químicos: uma estrutura se desenvolve na medida em que outras se decompõem; é a entropia. A ordem absoluta significa a morte de um sistema vivo. A característica da expansão do universo é a criatividade – sem um modelo preestabelecido. Deus continua o tempo todo o trabalho da criação. Trata-se de uma criação de possibilidades, sendo que algumas se

realizam. O universo e a existência humana se deparam com escolhas, possibilidades e incerteza. O conhecimento do universo torna difícil admitir um determinismo. Um sistema “escolhe” o caminho a seguir.

Erich Jantsch afirmou que o universo segue o paradigma unificador da auto-organização. A teoria sistêmica observa a co-evolução do microcosmo e do macrocosmo, apontando para a complexidade, a interdependência e a autotranscendência. A teoria sistêmica constata que a evolução acontece longe do equilíbrio. O meio ambiente é um sistema vivo, com capacidade de adaptação e evolução. Não há espaço para o teísmo e a ideia tradicional de Deus. Sendo aberta, a evolução desenvolve seu próprio objetivo. Os indivíduos participam da mente universal, que é Deus.

William Stoeger se ocupa com o agir de Deus num contexto evolutivo. A ação criadora de Deus é contínua, tornando-se efetiva através das potencialidades da natureza e da auto-organização da vida. O Princípio Antrópico constata que as leis que regem o universo estão em sintonia, possibilitando o surgimento de moléculas orgânicas complexas, formando sistemas que se auto-organizam com vistas à sua perpetuação. Surgiram assim os níveis superiores de organização.

Stuart Alan Kauffman afirma que a complexidade dos sistemas e dos organismos resulta da auto-organização. Ele considera sagrada a criatividade da natureza. A auto-organização tem sido confundida com a seleção natural. No âmbito científico deve ser evitado o reducionismo, para que seja percebida a “criatividade incessante” da natureza, pois esse é o verdadeiro significado de Deus. Kauffman se concentrou na evolução molecular pré-biótica. A desordem é muitas vezes necessária para o surgimento de uma nova forma de ordem.

Philip Hefner constatou uma interação entre cultura e natureza e desenvolveu um paradigma bio-cultural do *Homo sapiens*, criado à imagem de Deus. Hefner sacraliza o processo de evolução da natureza humana. Dentro de um processo de criação contínua, o ser humano é co-criador criado. Representando uma fase totalmente nova na evolução cultural, Cristo é o protótipo da verdadeira humanidade. Na perspectiva escatológica, Deus quer aperfeiçoar e completar sua criação. O estágio atual é precário e vulnerável. Na condição de co-criador, o ser humano deve participar na construção do futuro. O pecado resulta do conflito entre a genética e a cultura. O egoísmo deve

ceder à cooperação. A base biológica deve se adaptar à solidariedade. Relaciono esse posicionamento de Hefner com a pesquisa a respeito de dois princípios de vida (2.3.1): seres com porfirina (plantas) e os sem porfirina (animais, que necessitam se alimentar de outros seres vivos). O princípio agressivo foi dotado da dimensão do espírito, ou seja, a cultura transcende a genética.

Ronald Cole-Turner afirma que os humanos devem participar da obra criadora e redentora de Deus. Alertou para a manipulação genética, pois esta não deve “manipular a criação divina”.

Niels Henrik Gregersen é um defensor da criação contínua. Ele observou a atuação de causas estruturadoras (que limitam as possibilidades) e de causas desencadeadoras (que influenciam eventos). Deus atua como causa desencadeadora e também como causa estruturadora. Existe fundamentação bíblica para o agir de Deus, que atua por intermédio de sistemas auto-organizados.

Ervin Laszlo aponta para a importância do vácuo quântico, que é o fundamento de toda a realidade. A in-formação é um mar de energia virtual, pois ela efetivamente “forma” toda a realidade. Portanto, a in-formação vem a se constituir na substância do universo, estabelecendo conexões quase instantâneas, que não dependem da distância e que também ocorrem entre as pessoas. A partir do conceito de campo akáshico (o espaço que permeia tudo – de onde tudo se origina e para onde tudo retorna), Laszlo formulou uma teoria integral de tudo. A explosão que deu início ao nosso universo foi apenas uma entre muitas outras. Existe um Metaverso anterior ao nosso universo; ele já existiu antes e continuará a existir depois deste universo. O Metaverso está gerando inúmeros outros universos. Dentro do Metaverso, a evolução dos universos é cíclica. A cada momento estão se formando novos planetas. Uma ilustração para o Metaverso é uma bolha de sabão circundada de bolhas menores. Com a explosão da bolha maior, as menores se separam. Cada bolha representa um universo, que segue sua evolução desenvolvendo constantes físicas próprias. Nosso universo tem constantes físicas que permitem a evolução da vida humana. As ondas que se propagam no vácuo quântico formam hologramas. As diversas gerações deixaram seus traços holográficos no vácuo quântico, os quais estão disponíveis para a posteridade.

Uma comunidade de indivíduos integra um super-holograma. O cérebro humano pode sintonizar registros holográficos de uma outra pessoa no vácuo.

É possível encontrar similaridades entre o Campo Akáshico e o Campo de Higgs, pois ambos perpassam todo o universo.

Polkinghorne considera a existência de numerosos universos “um palpite metafísico”. E Holder questiona a existência de multiversos, relacionando cinco problemas pertinentes a essa hipótese. Mesmo admitindo a pluralidade de universos, uma questão permanece aberta. A existência de um Metaverso não suprime a pergunta: quem criou as condições iniciais que originaram esse processo? Laszlo afirma que deve ter havido um ato criador original e de planejamento.

São vários os fatores que influenciam um evento e nenhum deles o determina de modo absoluto. As potencialidades podem se realizar ou não. Os sistemas se auto-organizam e cada ser é parcialmente auto-determinante. Nesse contexto, o acaso pode ser a antítese do planejamento. Mas, o acaso pode ser integrado no agir criativo de Deus, que converte as várias potencialidades em ato. A própria existência não segue um traçado racional. Existem acontecimentos que escapam à lógica causal e integram uma sincronicidade. No processo evolutivo, a lei e o acaso se complementam. Deus é o planejador de um sistema que se auto-organiza. Ele não age diretamente em todos os processos. Diante das possibilidades que aparecem, o ser humano tem a liberdade de escolher sua ação. O planejamento deve ser visto como uma orientação geral do desenvolvimento direcionado a um alvo.

Nancey Murphy se posiciona a favor da teologia *kenótica*: a autolimitação voluntária de Deus, que decidiu se esvaziar. Deus determina as indeterminações quânticas. Ele atua também nos níveis superiores da atividade mental, mas sempre respeitando a liberdade humana.

Paul Fiddes critica os conceitos de imutabilidade, autossuficiência e atemporalidade, os quais têm sido atribuídos a Deus. Aderindo à teologia do processo, Fiddes afirma que Deus é solidário com a humanidade no sofrimento. No entanto, Deus não tem necessidade do mundo para se realizar, como afirma a teologia do processo, mas ele escolheu livremente a autolimitação. O Deus trinitário se decide pela relacionalidade e pela

comunhão. Na crucificação de Jesus, Deus se mostrou solidário com a humanidade.

Philip Clayton emprega a analogia mente/corpo para ilustrar a relação entre Deus e o mundo. Assim como a mente atua sobre o corpo, Deus é a Causalidade Descendente sobre o mundo. Clayton enunciou o monismo emergente: o mundo está em Deus e Deus está no mundo, mas Deus não se dissolve nesta realidade. Há um equilíbrio entre imanência e transcendência. Atuando a partir de dentro do universo, Deus proporciona ordem e regularidade. Há uma interdependência entre todos os seres. O panteísmo de Clayton é trinitário e *kenótico*. O mundo participa em Deus de modo análogo ao relacionamento intratrinitário. No processo desta realidade, Deus decidiu limitar o seu poder. Um Deus estático não proporcionaria a emergência de uma novidade. A mudança é fundamental para o processo. Deus deve ser compreendido em sua dimensão relacional com o universo. O mundo depende de Deus, mas pode influenciá-lo, provocando uma mudança no agir divino.

Keith Warth afirma que Deus conduz o processo evolutivo que inclui lei, acaso e inovação. Os propósitos divinos são eternos, mas sua criatividade é mutável, pois o poder de Deus se defronta também com o poder dos demais seres. A liberdade divina também precisa se relacionar com a liberdade humana. Por isso, a autolimitação de Deus é voluntária. Essa diversidade de poder e de liberdade resulta em situações adversas, que ocasionam sofrimento e dor. Mas Deus respeita a liberdade de suas criaturas.

Grace Jantzen afirma que o mundo é o corpo de Deus. Deus não é um espírito sem corpo, mas ele é corpóreo e se decidiu pela autolimitação voluntária. A analogia mente/corpo ilustra o agir de Deus no mundo. A liberdade de Deus se defronta com a liberdade humana, que contraria o propósito divino. A liberdade humana e a existência do sofrimento e do mal apontam para a autolimitação voluntária de Deus. O antigo conceito de onipotência divina não se coaduna com esta realidade. Deus é a Causa Descendente, o Determinador de Indeterminações. Seu posicionamento panteísta se assemelha à reflexão de Arthur Peacocke e de Philip Clayton.

A teologia *kenótica* focaliza o agir de Deus, que se esvazia de seu poder. O conceito *kenótico* advém do verbo grego *kenóo* (κενωω), que significa “esvaziar”. O verbo é empregado em Filipenses 2:7, onde é mencionado que



Jesus Cristo se esvaziou de seu poder divino. Com essa atitude, Jesus Cristo torna-se paradigma para a autolimitação voluntária de Deus. Desse modo, o conceito *kenótico* passou a integrar a reflexão teológica, tendo afinidade com a teologia da cruz. Não só a encarnação de Deus, mas também a sua atividade criadora com o mundo são considerados um auto-esvaziamento divino. A transmissão do Espírito divino às criaturas também é um esvaziamento. Deus se entrega para reconquistar sua obra. Textos bíblicos como João 1:11-12 e 1 Coríntios 1:18 fundamentam essa posição. Além de se ocupar com a onipotência divina, a teologia *kenótica* também focaliza a onisciência. Deus conhece aquilo que agora é cognoscível. O futuro ainda está aberto, pois cada ser vivo tem a liberdade de agir de maneira certa ou errada. Portanto, o futuro não é cognoscível, pois ainda não ocorreu. Aquilo que ainda não é existente não é acessível ao conhecimento. Muitas vezes Deus é simplesmente uma presença, sendo solidário conosco no sofrimento.

Assim como a onipotência de Deus deve ser revista, pois o acaso também é integrado no propósito divino, e o ser humano participa no processo como co-criador criado, também o relacionamento do Criador com sua criação deve ser devidamente compreendido. Em sua autolimitação voluntária, Deus age mediante a persuasão. Deus age e reage. Se Deus não reagisse, todas as orações formuladas pela humanidade seriam em vão. As intercessões justamente têm por objetivo uma alteração no propósito de Deus. As pessoas também causam uma impressão em Deus.

Não obstante a autolimitação voluntária de Deus, tudo se realiza nele; ele é determinante em cada evento. Deus está presente em tudo, mas ele transcende a realidade. Enquanto o mundo é finito, Deus é infinito.

O universo está aberto e se expandindo. E Deus acompanha o processo. A sinfonia ainda está sendo composta. Deus é a Causa Descendente: o planejador de um processo auto-organizado. Ele também é o Determinador de Indeterminações, atuando como causa desencadeadora e também como causa estruturadora. A Bíblia também aponta essa modalidade do agir divino: “Deus disse: ‘Que a terra produza seres vivos segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie’ e assim se fez” (Gênesis 1:24). Nesse processo evolutivo há uma complementariedade entre lei, acaso e inovação.

Todo esse dinamismo cósmico provoca na pessoa um estado de maravilhamento e de vivência do sagrado, sobretudo diante da constatação de que o universo real é maior do que a abrangência de nossa observação. É cada vez maior o número de cientistas se pronunciando a favor de um Princípio Antrópico. Outros argumentam com o multiverso: a existência de muitos universos e, dentre eles, este teria dado certo. E também há cientistas que trabalham com a hipótese de que a humanidade se encontra num pequeno reduto de ordem (o sistema solar) rodeado de caos. De tempos em tempos, um meteoro ameaça esse reduto de ordem.

O Novo Testamento apresenta a “parábola do duelo” (Lucas 11:14-22): Jesus é o mais forte, que se apodera dos despojos daquele que ele desarmou. A “parábola do duelo” foi assim definida por J. Jeremias e se refere à vitória de Jesus sobre Satanás, que ocorreu depois de ele ter superado a tentação. Na condição de vitorioso, Jesus passou a expulsar demônios, incumbindo os discípulos de lutarem pela libertação das pessoas oprimidas. Jesus não formulou uma teoria sobre o mal; ele se dispôs a lutar contra o mal. Algumas narrativas mostram que as expulsões de espíritos opressores são verdadeiras lutas. As pessoas eram “soltas” de uma opressão. Com sua atuação, Jesus mostrou que o mal pode ser derrotado já no momento presente. Atuando em nome de Jesus, os discípulos também puderam submeter espíritos opressores. A presença de Jesus é mais forte do que qualquer espírito maligno. O mal já foi vencido. No entanto, Jesus e também os discípulos continuaram expulsando demônios; isso significa que persiste uma tensão entre o “já” e o “ainda não” (como foi definido por Cullmann). O mal “já” foi vencido, mas “ainda não” foi eliminado. Enquanto persistir essa tensão, “a onipotência de Deus está limitada”, afirmou Cullmann. Por ora, cabe aos seguidores de Jesus promoverem a libertação das pessoas.

Com a manifestação de Deus em Jesus de Nazaré, a adversidade ao projeto divino recrudescer. O Novo Testamento aborda com muito realismo a presença do mal, mencionando inclusive que o mundo inteiro está em poder do maligno. E Jesus repreendeu o mar com a mesma energia com que ele subjugava um espírito demoníaco. Jesus caminhou sobre o mar a exemplo de Iahweh. E tornou-se vitorioso sobre todos os poderes hostis ao Reino de Deus.

A imensidão do universo provoca no observador um estado de maravilhamento. E, no entanto, o universo real é maior do que se pode ver e observar, declarou William Stoeger. Novas pesquisas mostram mais números concernentes à amplitude do universo. O ser humano pertence ao todo, mas não consegue entender o todo, observou o Eclesiastes, sendo acompanhado por Tillich. O confronto com a totalidade leva o ser humano a um relacionamento com o sagrado – em seu aspecto assustador (*tremendum*) e também em seu aspecto fascinante (*fascinans*), constatou Rudolf Otto. Embora o elemento caótico esteja sempre presente, pois “criação e caos se pertencem mutuamente” e “em todo processo vital estruturas de criação estão misturadas com poderes de destruição” (Tillich), Deus é absolutamente livre para agir. Nenhum poder condiciona sua liberdade. O alerta de Rudolf Otto precisa ser ouvido: “Um deus *compreendido* não é Deus”. Não obstante a valiosa contribuição de Durkheim, Otto e Eliade para a pesquisa da religião, reparos são feitos às suas proposições. Tillich observa que R. Otto atribuiu uma conotação estético-emocional ao conceito de santo, pois deve haver uma correlação entre o santo e o divino. M. Eliade, por sua vez, empenhou-se por uma “essência das religiões” e colocou o sagrado num plano irrealizável. Os críticos alegam que o fenômeno religioso precisa ser considerado em sua diversidade; a experiência religiosa não pode ser definida a priori. Esses questionamentos recebem o apoio de pesquisas realizadas no âmbito da psiquiatria, concluindo que uma vivência religiosa bem definida tende a ser mais integradora e congruente do que uma outra, que se dispersa num esoterismo difuso.

No contexto de uma realidade que cresce em complexidade – na medida em que o ser humano amplia suas pesquisas – cabe ao simples mortal se acercar do “mistério infinito de ser” para reconhecer que Deus “é o poder-de-ser resistindo infinitamente ao não-ser, dando o poder de ser a tudo o que é”. Nessa conceituação de Tillich percebe-se a teologia *kenótica*, o panenteísmo e a compreensão de que a realidade é um processo. O próprio Deus é solidário na resistência ao não-ser e ele concede “a tudo o que é” o poder de ser perante o caos. Brockelman é mais incisivo: “Deus é o próprio ser”. O “fundamento do ser” ou “o poder infinito de ser” (Tillich) está além do contraste e não participa do não-ser. Além disso, Deus é o “poder de conquistar o não-

ser” (Tillich). Ele não só resiste ao caos, mas também o submete. Quando Deus é compreendido de um modo coerente com a dinâmica da vida, a experiência religiosa é libertadora. Isso se aplica especialmente à compreensão da onipotência divina, pois esta tem sido interpretada como o capricho de um tirano poder fazer o que quiser. O Novo Testamento já se encarrega de desfazer esse anseio por magia, declarando em dois escritos que é impossível que Deus minta, colocando assim uma restrição. A onipotência de Deus é o poder de resistir ao caos e de subjugá-lo. Ele é vitorioso sobre a ameaça da desintegração. Angústias e confusões doutrinárias poderiam ser evitadas com uma compreensão adequada de Deus. Rubem Alves colocou bem a questão: discutir a existência de Deus é elaborar “uma hipótese acerca de um objeto”, ter uma experiência religiosa equivale a uma paixão subjetiva, mediante a qual existe a religião. Discutir a existência de Deus – como se ele ocupasse um espaço entre os demais seres – chega a ser “um insulto à santidade divina” (Tillich). O fundamento de Deus é arquetípico, esclarece Jung, e é sábio vivê-lo conscientemente, para que uma asneira não ocupe o seu lugar. Deus quer nascer na existência de cada ser humano. A presença do Espírito divino na vida de cada indivíduo quer expressar exatamente isso. Deus quer se realizar no ser humano. E a natureza humana deve ser compreendida na dimensão do sagrado. A atuação do Espírito Santo faz com que a encarnação de Deus seja progressiva. Místicos como Mestre Eckhart entenderam esse propósito divino. Enfim, o mal está presente, mas o bem também existe. Todo ser vivo precisa se defrontar com a adversidade. Quando uma existência está desprovida de adversidade, ela se exaure. Esse critério é válido para seres humanos e também para amebas. A grandeza da vida é a luta!

Os cientistas, que se pronunciam a favor do Princípio Antrópico, sustentam que o universo foi feito na medida para o surgimento e a propagação da vida. Mas a vida precisa permanentemente se afirmar perante o caos. O ser precisa resistir ao não-ser.

Como “fundamento do ser”, Deus está empenhado em resistir ao não-ser e também em submetê-lo e conquistá-lo. E Deus concede à sua criatura o poder para superar as forças desintegradoras. Deus é solidário com a sua criação – que ele está separando a partir do caos. O Princípio de Concreção

está continuamente delimitando âmbitos e chamando pessoas para a redenção. Ele é solidário com as pessoas no sofrimento, estando presente nos momentos de perigo, como testemunha o salmista. Deus quer ser vivenciado no cotidiano. O arquétipo divino está presente no inconsciente coletivo da humanidade. Ele quer se tornar consciente em cada indivíduo, pois sua presença é restauradora, promovendo a integração.

O Novo Testamento proclama que Jesus é “o mais forte”: ele é vitorioso sobre todos os poderes. E o Espírito de Jesus é concedido às pessoas que sentem a necessidade de contar com o auxílio divino. O Novo Testamento não está transmitindo uma teoria, mas anunciando um personagem, o qual veio com uma missão bem definida: libertar as pessoas de todo o tipo de opressão maligna. O mal é uma realidade e a pessoa precisa estar vigilante. Deus está sempre chamando pessoas para saírem das trevas e ingressarem em seu reino de luz. Deus se esvazia e atua mediante a persuasão. Ele não se faz valer de sua onipotência para realizar demonstrações de magia. A onipotência de Deus é sua resistência perante o caos e seu poder de subjugar-lo. Nessa luta, ele é solidário com sua criatura.

Schelling afirma que “*Deus faz-se a si mesmo*” e, portanto, “não está concluído e feito desde o início”. Jung insiste que o criador do mundo torna-se gradativamente consciente. Ao invés de salientar Deus como criador Whitehead declara que ele salva o mundo. Também Erich Jantsch expressa que: “Deus não é o criador, mas a mente do universo”. Jung, Schelling, Whitehead e Jantsch e também Hegel convergem nesse ponto de vista. A revelação de Deus é progressiva e também o próprio Deus está a caminho com sua criação.

Deus quer continuar se revelando mediante o agir de seu Espírito. Deus quer nascer em cada pessoa que o busca e o acolhe. O mal existe e é dinâmico. Mas o bem pode superá-lo. Desse modo prossegue a criação contínua de Deus. Os eventos passam a ter uma “imortalidade objetiva” em Deus. Tudo procede de Deus e é para ele que a criatura também existe, lê-se em 1 Coríntios 8:6. Há um princípio eterno de ser que transcende todos os eventos.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Denis R. **Modelos para Relacionar Ciência e Religião**, Faraday Paper, abril de 2007, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out.2012.

Almanaque Abril 2008. 34. ed. São Paulo: Editora Abril, 2008.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes, 1971.

AULÉN, Gustaf. **A fé cristã**. São Paulo: ASTE, 1965.

BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião**. São Paulo: Cultrix, 2004.

BETTO, Frei. **Teilhard de Chardin: sinfonia universal**. São Paulo: Editora Letras& Letras, 1992.

Bíblia de Estudo Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia – Tradução ecumênica. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

BIDNEY, David. **O problema da substância em Spinoza e Whitehead**. Disponível em <[http://www.benedictusdespinoza.pro.br/Tradução\\_Spinoza\\_Bidney.pdf](http://www.benedictusdespinoza.pro.br/Tradução_Spinoza_Bidney.pdf)>. Acesso em 22 mar.2013.

BOCK, Ana Mercês Bahia, FURTADO, Odair & TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BOFF, Leonardo. **Civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOFF, Leonardo. **A força da ternura**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BOFF, Leonardo. **Evangelho do Cristo Cósmico: a busca da unidade do Todo na ciência e na religião**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BORNHEIM, Gerd (Org.). **Os filósofos pré-socráticos**. 9. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

BÓSON DE HIGGS. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/multimedia/video/como-funciona-o-boson-de-higgs>>. Acesso em 11 out. 2013

BÓSON DE HIGGS. Disponível em <http://noticias.terra.com.br/mundo/particula-de-deus-analise-indica-que-boson-de-higgs-foi-mesmo-encontrado.34effd69c456d310VgnCLD200C>. Acesso em 11 out. 2013.

BÓSON DE HIGGS. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/ciencia/2012-07-04/perguntas-e-respostas-sobre-o-boson-de-higgs.htm/>. Acesso em 11 out. 2013.

BRAATEN, Carl E. & JENSON, Robert W. **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

BROCKELMAN, Paul. **Cosmologia e criação: a importância espiritual da cosmologia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 2001.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CAMPBELL, Joseph. Disponível em [http://www.pensador.uol.com.br/autor/joseph\\_campbell/](http://www.pensador.uol.com.br/autor/joseph_campbell/). Acesso em 04out. 2013.

CAMPBELL, Joseph. Disponível em <http://www.culturabrasil.pro.br/campbell.htm>. Acesso em 11 out. 2013.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1981.

CHOPRA, Deepak. **A cura quântica**. São Paulo: Best Seller, 1989.

CLOOTS, André. **The Mettaphysical Significance of Whitehead's Creativity**. Disponível em [http://www.reliogion\\_online.org/showarticle.asp?,>.original](http://www.reliogion_online.org/showarticle.asp?,>.original) em inglês. Acesso em 22 mar. 2013.

CULLMANN, Oscar. **Cristo e o tempo**. 2. ed. São Paulo: Custom Editora, 2003.

CULLMANN, Oscar. **A oração no Novo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, 2009.

DYER, Donald R. **Pensamentos de Jung sobre Deus**. São Paulo: Madras Editora, 2003.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELLIS, George.  
<[http://www.en.wikipedia.org/wiki/George\\_Francis\\_Rayner\\_Ellis](http://www.en.wikipedia.org/wiki/George_Francis_Rayner_Ellis)>. Acesso em 05 out. 2012.

ESTRADA, Juan Antonio. **A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal**. São Paulo: Paulinas, 2004.

FADIMAN, James & FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986.

FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana: compêndio de psicologia da religião**. 2. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1997.

GABRIEL, Markus  
<<http://www.2pucpr.br/reol/index.php/RF?dd1=5774&dd99=pdf>>. Acesso em 29 mai. 2013.

GUERRERIO, Gianbruno. **O colapso das regras**. Revista Viver Mente & Cérebro, dez. 2005, p. 64-67.

GLEISER, Marcelo. **Teoria de tudo: fato ou fantasia?**. Folha de S. Paulo, 13 mar.2011.

GLEISER, Marcelo. **Criação imperfeita**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GOULD, Stephen Jay. <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Stephen\\_Jay\\_Gould](http://pt.wikipedia.org/wiki/Stephen_Jay_Gould)>. Acesso em 05 out. 2012.

GRÜN, Anselm. **O que fiz para merecer isto?:a incompreensível justiça de Deus**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GUNNEWEG, Antonius H. J. **Teologia Bíblica do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005.

HEFNER, Philip. <[http://en.wikipedia.org/wiki/Philip\\_Hefner](http://en.wikipedia.org/wiki/Philip_Hefner)>. Acesso em 05 out. 2012.

HEGEL, Georg. **Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie II**, apud ESTRADA, 2004, p. 247.

HEGEL, Georg. **Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften I**, apud ESTRADA, 2004, p. 249

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **O cérebro em transformação**. Revista Viver Mente & Cérebro, dez. 2005, p. 56-63.

HESSE, Mary. **A cosmologia vista como um mito**, em *Teologia e Cosmologia*. Petrópolis: Vozes, 1983.



HIRSCHBERGER, Johannes. **História da Filosofia Moderna**. São Paulo: Editora Herder, 1967.

HIRSCHBERGER, Johannes. **História da Filosofia Contemporânea**. São Paulo: Editora Herder, 1968.

HOLDER, Rodney H. **Há sido diseñado el Universo?**, Faraday Paper, n. 10, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out. 2012.

JAMES, William. **As variedades da experiência religiosa**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

JANTSCH, Erich. <[http://br.bing.com/search?q=erich-jantsch&qs=n&form=QBREi](http://br.bing.com/search?q=erich-jantsch&q=erich-jantsch&qs=n&form=QBREi)>, original em inglês. Acesso em 15 mar. 2013.

JANTZEN, Grace. <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Grace\\_Jantzen](http://pt.wikipedia.org/wiki/Grace_Jantzen)>. Acesso em 23 nov. 2012.

JEREMIAS, Joachim. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos, reflexões**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jó**. Petrópolis: Vozes, 1979.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis, Vozes, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião oriental**. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 1998.

JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KAUFFMAN, Stuart. <[http://www.Salon.Com/2008/11/19/stuart\\_kauffman/](http://www.Salon.Com/2008/11/19/stuart_kauffman/)>. Acesso em 05 out. 2012.

LAO-TZU. **Tao-te King – o livro do sentido e da vida**. Texto e comentário de Richard Wilhelm. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

LASZLO, Ervin. **A ciência e o campo akáshico: uma teoria integral de tudo**. São Paulo: Cultrix, 2008.

LENTIN, Jean-Pierre. **Penso, logo me engano**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LUKAS, Elisabeth. **Sobreviver - para quê? Respostas e perguntas sobre o destino**, em *Dar sentido à vida: a logoterapia de Frankl*. Petrópolis: Vozes e São Leopoldo: Sinodal, 1990.

- LURKER, Manfred. **Dicionário dos deuses e demônios**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MANHART, Klaus. **O sentido do mundo** em Revista Viver Mente & Cérebro, edição especial n. 1.
- MAY, Rollo. **A arte do aconselhamento psicológico**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- McGRATH, Alister E. **Fundamentos do diálogo entre ciência e religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- McKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983.
- McKENZIE, John L. **Os grandes temas do Antigo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- MILES, Jack. **Deus: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação: doutrina ecológica da criação**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MOLTMANN, Jürgen. **No fim, o início: breve tratado sobre a esperança**. São Paulo: Loyola, 2007.
- MOLTMANN, Jürgen. **Vida, esperança e justiça: um testemunho teológico para a América Latina**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.
- MOLTMANN, Jürgen. **El Dios crucificado**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2010.
- MONBOURQUETTE, Jean. **Da auto-estima à individuação**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tomo III. São Paulo: Loyola, 2001.
- MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Explicando os mistérios do universo**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.
- MÜLLER, Wunibald. **Deixar-se tocar pelo sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MURPHY, Nancey. <[http://en.wikipedia.org/wiki/Nancey\\_Murphy](http://en.wikipedia.org/wiki/Nancey_Murphy)>. Acesso em 05 out. 2012.
- OLIVA, Alfredo dos Santos, **Sagrado**. Dicionário Brasileiro de Teologia. São Paulo: ASTE, 2008.
- OTTO, Rudolf. **O sagrado**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

PANENTEÍSMO. <<http://plato.stanford.edu/entries/panentheism>>, original em inglês. Acesso em 23 nov. 2012.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia Sistemática**. Santo André: Academia Cristã: Paulus, 2009. 2 v.

PEACOCKE, Arthur. <[http://www.en.wikipedia.org/wiki/Arthur\\_Peacocke](http://www.en.wikipedia.org/wiki/Arthur_Peacocke)>, original em inglês. Acesso em 05 out. 2012.

PECK, M. Scott. **Formação da personalidade: um caminho a desbravar**. São Paulo, Paulinas, 1985.

PETERS, Ted & BENNETT, Gaymond. **Construindo pontes entre a ciência e a religião**. São Paulo: Ed. Loyola: Ed. Unesp, 2003.

POLKINGHORNE, John. **Explorando a realidade: o entrelaçamento de ciência e religião**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

POLKINGHORNE, John. **O debate sobre religião e ciência – uma introdução**, Faraday Paper, n. 1, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out.2012.

POLKINGHORNE, John. **O Princípio Antrópico e o debate entre ciência e religião**, Faraday Paper n. 4, disponível em <<http://www.faraday-institute.org>>. Acesso em 05 out.2012.

PRIGOGINE, Ilya. <<http://www.bioetica.ufrgs.br/prigogi/htm>>. Acesso em 22 mar. 2013.

RANÑA, Wagner. **Os desafios da adolescência**. Revista Viver Mente & Cérebro, dez. 2005, p. 42-49.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. São Paulo: Loyola, 1993. 1 v.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. São Paulo: Loyola, 1995.5v.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1990. 1 v.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1991. 3 v.

Revista Época. São Paulo: Editora Globo, número 429, de 07 ago.2006.

Revista Viver Mente & Cérebro, Ediouro Segmento-Duetto Editorial, edição nº 155, dez 2005. Artigo *A travessia da adolescência*.

Revista Viver Mente & Cérebro, Ediouro Segmento-Duetto Editorial, edição especial n. 1.

Revista Veja, 24 set. 2003. São Paulo: Editora Abril.

RICOEUR, Paul. **O mal: um desafio à filosofia e à teologia**. Campinas: Papyrus, 1988.

ROCHA, Abdruschin Scheffer. **As divindades primordiais**. Trabalho não publicado.

RÜCKERT, Paulo Roberto. **Criação: a luta contra o caos**. Revista Reflexus, Ano IV, n. 4, Vitória: Editora Unida, 2010.

SHELLING, Friedrich. **Lições de Stuttgart**. Apud REALE & ANTISERI, 1991, p. 85-87.

SCHMIDT, Werner H. **A fé do Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SIEGEL, Bernie S. **Amor, medicina e milagres**. São Paulo: Best Seller, 1989.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. **De volta ao mistério da iniquidade: palavra, ação e silêncio diante do sofrimento e da maldade**. São Paulo: Paulinas, 2012.

STOEGER, William R. **As leis da natureza: conhecimento humano e ação divina**. São Paulo: Paulinas: 2002.

STOEGER, William. <[http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2003/p\\_stoege.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2003/p_stoege.pdf)>. Acesso em 05 out. 2012.

STÖRIG, Hans Joachim. **Kleine Weltgeschichte der Philosophie**. Frankfurt am Main: Fischer Bücherei, 1969.

TEORIA DAS CORDAS. Disponível em <[http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Teoria\\_das\\_cordas](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_das_cordas)>. Acesso em 09 nov. 2012.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. São Paulo: ASTE, 1988.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 2. ed. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOLLE, Eckhart. **O poder do Agora: um guia para a iluminação espiritual**. 5. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

TONDO, Leonardo. **Morrer antes do tempo**. Revista Viver Mente & Cérebro, dez. 2005, p. 68-73.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. **Repensar o mal: da ponerologia à teodiceia**. São Paulo: Paulinas, 2011.

von RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006.

Vários autores. **Teologia e cosmologia**. Petrópolis: Vozes, 1983.

WEISER, Artur. **Os salmos**. São Paulo: Paulus, 1994.

WILDIERS, N. M. **Teilhard de Chardin**. 4. ed. Freiburg im Breisgau: Herder Bücherei, 1963.

WILHELM, Richard. **Tao-te King** – Introdução e comentário. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

WOFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Loyola, 1975.